OROZIO
29
ANNO XXIV — N.º 22
Rio, 31 de Maio de 1930
PREÇO: 1$000
FON
FON

A dôr e mal-estar

provocados pelos incommodos mensaes das senhoras são rapidamente alliviados com

Cafiaspirina

Este admiravel preparado de BAYER acalma rapidamente as dores, e restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

Mesmo os organismos mais delicados podem tomar CAFIASPIRINA com toda a confiança, pois ella
NAO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Sabbado

Por Walter de Sequeira

CONHECERAM-SE num sabbado.

Não tiveram apresentação; quando se olharam, um élo de sympathia os uniu.

A's primeiras palavras trocadas entre os dois, o rapaz observou, na joven, uma delicadeza, algo, que a tornava differente das meninas de hoje.

Desde então se procuraram.

Americo não pensava no casamento; achava-o uma prisão, deante da qual se desmoronavam todos os sonhos e os mais ternos sentimentos.

De Jenny, elle não poderia esperar senão que ella fosse sua esposa; por isso procurou dedicar-lhe apenas uma grande amizade.

Era tão difficil encontrar uma creatura como Jenny! Elle a collocava num altar! Era a sua nota, a realização do ideal da pureza!

Jenny ainda não pensára no futuro; o que somente lhe acudia ao cerebro era o prazer que sentia quando estava ao lado delle.

E elles passaram a se encontrar, sempre ao sabbado, na Avenida Central.

Na sua vida leviana de rapaz solteiro, Americo adorava o sabbado, o unico dia da semana puro para elle, pois o passava ao lado daquella creatura differente das outras.

Para Jenny, toda a semana era um desfilar de sabbados, pois mesmo nos outros dias só pensava nelle...

No emtanto, ainda não imaginára sobre o futuro. E o tempo passa tão depressa...

Decorreram tres annos.

Chegára o dia querido por ambos.

Americo, tendo sahido cedo do trabalho, resolveu preencher as horas que faltavam para o encontro, no cinema.

Ao entrar, o seu physico attrahente impressionou a uma mulher lindissima, de vida duvidosa, que passou a provocal-o.

Travou-se nelle uma luta atroz. Lembrou-se de Jenny; quiz resistir. Considerou depois que ella nenhum prazer material lhe trazia, esqueceu os arrebatamentos e enlevos que lhe proporcionava o caracter rutilante da moça, e... entregou-se á aventura que lhe promettia a mulher do cinema.

As horas passavam.

Na Avenida, Jenny esperava por aquelle que era a sua felicidade na terra.

Cheia de emoção, pressurosa, voltava-se a cada momento, julgando encontral-o.

No emtanto, estava admirada: raramente chegava primeiro; por que, então, nesse dia, elle a fazia esperar?

Ella tambem chegara atrazada; teria elle estado alli e, suppondo que ella não viesse, partira? Era impossivel. Americo veria logo que, depois de tres annos, ella não iria faltar num sabbado.

A ansiedade começou a invadil-a.

Duas grossas lagrimas appareceram-lhe ao canto dos olhos. Era a primeira vez que aquelle amor a fazia chorar.

Uma hora havia passado e elle não viera, mas Jenny esperava afflicta, esperava sempre...

A Avenida e toda aquella gente que passava, e nos outros sabbados era o scenario garrido da sua felicidade, lhe appareciam, agora, sem razão de ser, produzindo-lhe um tedio insupportavel.

Em dado momento, Jenny encontrou-se com uma conhecida.

— Oh, querida, como vae? Vim agora do cinema e sabe quem vi lá? O seu amigo, o Americo...

— Viu-o?!

— Por certo o esperava para os encontros em que costumam trocar idéas; mas, aconselho-a, não leve muito a serio amizades. Americo, ao que parece, não as leva. No cinema, uma mulher provocou-o e elle esqueceu logo o encontro com você, para sahir com ella de braço dado, como si já a conhecesse ha tres annos.

— Ha tres annos!... — balbuciou Jenny.

E a custo amparou-se numa arvore para suster a afflicção que a invadia.

Mas a senhora parecia nada comprehender.

— Não fique zangada por ter elle esquecido o encontro. Americo é moço; como poderia ficar indifferente a uma bella conquista? Só por uma amizade? E' impossivel! Ha de perdoal-o, não é?

Quando se despediram, Jenny, numa alegria febril, tomou a mão da outra...

— Nem calcula o bem que acaba de me fazer.

E ella ficou só. Sentiu-se desamparada como si estivesse num deserto.

Voltou para casa.

Ahi, os soluços, ha muito embargados, lhe romperam do peito.

Nunca pensara isso do seu Americo; como pudera esquecel-a num sabbado, depois de tanto tempo?!

Ella era o seu ideal de pureza e elle não ligára. Preferira uma aventura galante á doce amizade de ambos.

O coração da mulher apaixonada estremeceu.

O COMMENTARIO

A hora em que escrevemos estas linhas, sob a vastidão deserta do oceano, navega nos altos ares o zeppelin que inaugura a carreira Sevilha-Buenos Aires. E' mais um triumpho da aeronautica na sua luta tenaz para unir pelo espaço, em poucas horas, os continentes separados pelo mar. E' mais um passo para a approximação e o mutuo conhecimento dos homens, que hão de trazer á face da terra, um dia, a desejada paz universal. E realiza-se, assim, um dos grandes sonhos de Julio Verne, que nos encantou a infancia com as prodigiosas aventuras de Rohur o Conquistador, vencendo os ares no seu dirigivel formidavel.

A humanidade — como disse Anatole France — acaba sempre realizando os sonhos dos sabios e dos poetas.

O Conto Brasileiro

(Conclusão)

Pela primeira vez Jenny pensou no futuro. Segunda-feira, pela manhã, telephonou para elle.

— E' Americo?

Ao conhecer a voz de Jenny, o rapaz hesitou... Desde muito estava arrependido; mas, como se desculpar, como mentir a seu symbolo de pureza?

— Américo, preciso falar-lhe hoje.

— Mas, Jenny, nós nunca nos encontramos na segunda-feira.

— Hoje é preciso. A's tres horas, na rua do Ouvidor.

— Pois sim, irei.

A's duas e meia, já elle a esperava; estava tremulo, tinha medo de encontral-a.

Jenny tardou; quando, emfim, appareceu, Americo recuou, admirado.

A joven vinha vestida de vermelho, um vestido de setim collante, que pela primeira vez lhe desenhava as formas exuberantes em toda a plenitude.

Elle se lembrava de que ella trajára sempre gaze, voil...

Jenny aproximou-se, serena, e falou-lhe com amabilidade.

— Imagino que está embaraçado para desculpar-se, mas lhe digo: não é preciso.

— Oh, minha cara amiguinha.

— Sei de tudo.

— Que quer dizer?!

Jenny começou a tremer, mas encarou-o firme, com uma resolução inabalavel.

— Sim, Americo, sei de tudo. Já que prefere, á nossa innocente amizade, prazeres que lhe offerecem outras mulheres, não é preciso procural-as: aqui me tem.

Um grito de dôr foi a resposta. O rapaz teve a impressão de que o mundo desabava a seus pés. Como era possivel que aquella creatura de delicadeza intangivel acabasse de fazer-lhe um offerecimento daquelles?!

Jenny sorria, ufana, como si gozasse os effeitos de uma vingança. Elle dera menos importancia á sua pureza que á mundana, e ella, offendida, acabava de lhe tirar o idolo do pedestal.

— Vamos, Jenny, diga-me que estou num pesadelo cruel.

— Américo, saiba que eu o amo.

— Comprehendo: a mulher apaixonada, para defender o seu amor, acaba de destruir a pureza da menina. Por pensar que eu esqueci a pureza, você quiz destruil-a, exprobando-me assim. Mas, Jenny, juro que nem um momento pensou em executar o que disse.

Ella sorria, ironica.

— Si hesita pelo medo que tem ao casamento, pode lembrar-me de que já completei vinte e um annos.

Aquellas palavras, que para outros viriam repletas de prazer, foram para elle um insulto formidavel.

Jenny offerecia-lhe as mãos como si buscasse o assentimento. Americo viu, naquella mesma mulher, uma attitude desconhecida, uma attitude como nunca poderia imaginar, e segurou-lhe as mãos, então, como nunca as tinha segurado.

Mas ainda um pensamento doloroso lhe passou, uma palavra esteve prestes a fugir-lhe; era uma saudade pela amizade innocente, pela rosa que acabava de se despetalar.

— E sabbado?

E ella, como si lhe tivesse comprehendido, tremula, emocionada, as faces côr de fogo, as orbitas a surtirem lagrimas de sangue:

— Oh! Nunca, nunca mais nos poderemos encontrar no sabbado!...

* * *

Mezes após, estavam casados, porque em Jenny falára mais que a sua paixão, a sua honra de mulher. Americo soube comprehendel-a.

E o sabbado continuou sendo o symbolo do seu mutuo amor.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ...... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez. Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Gyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
TELEPHONES: DIRECTOR: 2-0377. — ADMINISTRAÇÃO: 2-4136
CAIXA POSTAL 97
RIO DE JNEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

O futuro de sua Cutis

Si pudesse, olhando atravez de uma esphera de christal, ver reflectido seu proprio rosto tal qual elle haverá de ser dentro de cinco, dez ou vinte annos, o que é que veria?

Um rosto quasi irreconhecivel, aspero e enrugado, pallido, caricatura do que fôra em sua juventude?

Ou, melhor, reflectiria o espelho do futuro um rosto de tez mais clara, mais suave, mais revigorado, talvez, que a que possue actualmente, quer dizer, o rosto de uma mulher dotada de uma cutis esquisitamente louçã, cujo encanto é muito maior que o da belleza das faces?

Para que possa ver este ultimo reflexo é mister começar hoje mesmo a assegurar-se a belleza e a saúde de sua tez.

De si depende o futuro de sua cutis. Todas as noites antes de deitar-se extenda sobre o seu rosto cêra pura mercolized que retirará ao levantar-se com um pouco de agua tepida. Faça disto uma obrigação diaria e verá como a esphera de christal, reveladora do futuro, terá para si os mais agradaveis reflexos.

A cêra pura mercolized será encontrada em qualquer boa pharmacia ou casa de artigos de toilette.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez "Pure mercolized wax")

Duvalette e seu homonymo

COM a vigilancia de um pegureiro, que vigia o seu rebanho, Mme. Béjois circulava entre os seus convidados. Virava e revirava. Dizia uma palavra aqui, um cumprimento alli, conduzia as senhoras ao "buffet", activava a orchestra.

E, assim, passava a gloriosa noite de baile.

Como passasse ao lado de Eduardo Duvalette, ella parou.

— Já que o senhor não dança, caro amigo, disse ella, vou apresental-o a um dos seus collegas do Palais. E' um homem encantador, bem collocado, favoravel aos jovens, e que poderá ser util ao senhor.

Talvez ella se illudisse a esse respeito, e sobre os serviços que se podem prestar entre collegas. Mas a intenção de madame era louvavel. De mais, era muito tarde para se esquivar a isso: Mme. Béjois procedia á apresentação e, turbilhonante, se afastava para longe.

— Sem duvida, senhor, é parente do compositor, não?

— Absolutamente, não!

Eduardo Duvalette havia respondido com um sorriso que desorientava. Mas, em sociedade, a prudencia ensina a não julgar as pessoas pelo seu bom humor, e, na verdade, o caso era de impacientar uma pessoa.

A situação, com effeito, é muito vexatoria. Ser homonymo de uma personalidade de relevo, é, realmente, de constranger, a cada passo, um mortal.

Quando, dois annos antes, o joven havia deixado Dijon, elle conhecia o nome do compositor Rodolpho Duvalette, mas não suppunha que, em Paris, a gloria deste tivesse algum destaque. A coisa não é surprehendente: a provincia, menos facil aos enthusiasmos, menos inclinada a inventar glorias, não se deixa conquistar senão lentamente e, passado o grande bairro, a celebridade se desfaz.

A inevitavel questão: "E' o senhor parente do compositor?" havia divertido, primeiramente, Eduardo, e elle se creara, por isso, uma especie de parentesco superficial e sem perigo real: "Creio que somos um pouco aparentados. Primos, talvez..."

Esse parentesco era desprovido de senso. Em certos casos, acontecia que se fazia passar por um parente proximo. Depois, renunciou a essa burla sem razão.

Mas o divertimento que isso lhe trazia, pouco a pouco, foi cedendo a um surdo rancor no seu coração contra aquelle homem que trazia, de maneira ostensiva, um nome egual ao seu; emfim, elle se apoderava, sem modestia, do patronimico Duvalette.

Que falta de tacto! Que gaffe se commetteu, quando concebeu a idéa de solicitar ao Conselho de Estado a devida permissão para inverter duas syllabas de seu nome, fazendo-o: "Vadulette". Em summa, não era lá grande coisa; mas pelo menos, elle estava livre.

Quando elle respondeu ao seu importante confrade que não tinha nenhum parentesco com o famoso compositor, uma certa frieza passou entre elles. O outro ficou decepcionado. Por polidez, Eduardo não se julgou com o direito de desencorajal-o immediatamente. O seu interlocutor, de quem desapparecia, tal uma mosca, o desejo de proseguir, concebeu um ligeiro rancor, e a conversação, privada de um ponto de apoio, vacillou e depois cahiu.

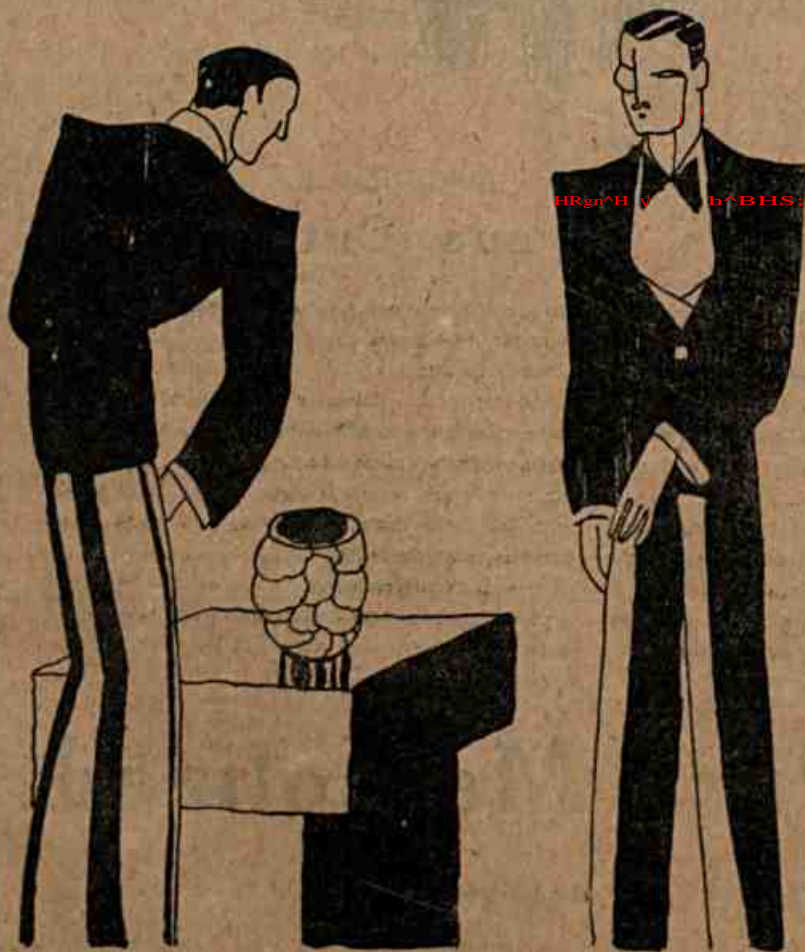
Eduardo aproveitou o ensejo para tomar a direcção da porta. Mas elle o fez por etapas certas e medidas, preoccupado que estava de fugir do olhar de sua hospedeira. O olhar do mestre é miseravel comparado ao de certas donas de casa.

Ella alcançou o sr. Eduardo Duvalette no momento em que elle ganhava o vestiario.

— Ah, não! — disse ella — o senhor não vae assim de repente. Fique para cear.

— E' tarde, madame, e...

— Não, não, as mesas estão pos-

tas. Espere. Vou apresental-o a uma jeune fille...

— Cara madame — replicou, num tom firme — ficarei para cear com o maior prazer, mas não me apresente a ninguém.

A sua decisão era formal. Elle não queria que lhe perguntassem, mais uma vez, que laços de familia o ligavam ao compositor.

Com um passo melancolico e arrastado, ás duas horas da manhã, elle ganhou a sala de jantar e sentou-se, ao acaso, com a expressão preoccupada de um possante immobilizado no seu refugio.

Estava fatigado dos risos de champagne" das *jeunes filles*, e com as graçolas dos jovens interessados em estimular a sua hilaridade. Essa forma de successo não o tentava.

Depois dos *oeufs à la gelée* — ha tradições enraizadas — elle julgou opportuno dirigir a palavra a uma visinha, uma joven morena de nariz agudo de ovelha.

— Posso offerecer-lhe, mademoiselle, um pouco de Asti?

— Oh, não, senhor. Isso me é prohibido.

— Pelos seus paes?

Ella sorriu.

— Por minha saude. Um meio copo é bastante para me dar dôr de cabeça.

— Conheci, em Dijon, um rapaz muito bizarro. Toda vez que elle ia ao baile, levava um pacote de bicarbonato de soda. Um dia, alguns amigos...

A anecdota era de uma mediocridade espantosa, mas era de bom tom, e o advogado tinha um grande prazer em contal-a, porque sabia não commetter erros; demais, elle a havia melhorado, polido, do melhor modo.

Chamados insistentes attrahiram a attenção da joven, que preparava o seu riso, e cortaram a narrativa de Eduardo.

— Yvonne! Mademoiselle Yvonne Duvalette! Desejavamos saber...

Elle ficou de bocca aberta, a physionomia estupida. E quando, depois de responder aos seus interlocutores, ella se voltou para elle, o moço perguntou:

— Perdão, mademoiselle, esse nome... E' parenta do compositor?

Cada um por sua vez. A hora da vingança havia chegado e, como um chefe de olho esperto e decisivo, não deixou passar a occasião.

— Sim, senhor, é meu pae.

— Que bello talento elle tem! A sua ultima opereta "Pataquès" é uma obra prima de graça, de alegria e movimento. Si eu lhe dissesse que em Dijon...

Elle se lançava a toda força. A sua memoria o ajudava a repetir todos os elogios feitos ao compositor. Citou as arias reputadas, os themas já perdidos no esquecimento, as mais insignificantes melodias que Duvalette havia assignado. A critica justa e boa... E elle falava como si exercesse uma vingança, preparada havia muito tempo.

— Como o senhor conhece bem a obra de meu pae! — disse a joven, commovida.

— E' a coisa mais simples: isso — replicou elle.

....

Certamente, Yvonne tinha um rosto ingrato — o que implica, frequentemente, nobres sentimentos; — não era de uma intelligencia desconcertante para os seus ouvintes. Todavia, Eduardo casou com ella tres mezes depois.

A datar desse dia, elle se viu livre da obsessão, e era parente do compositor. Mesmo elle tinha nisso um certo orgulho, sem comprehender que a sua personalidade não estava affirmada. Elle não era mais, como dantes, Eduardo Duvalette, mas o genro de Duvalette.

Para a sociedade, isso era sufficiente.

de Daniel Poiré

(*Illustrações de Marcello Roberto*)

ARIOCA (Pará) — Aqui está a carta que o sr. me envia, acompanhada de um retratinho revista:

"Belem, 7-5-930. Yves: Enviou-te um escripto que se relaciona comtigo e que foi publicado por uma das nossas revistas.

Qual o teu parecer sobre o assumpto?

Aguardo a tua resposta pelo "Fon-Fon".

Um leitor do "Saibam Todos".

ARIÓCA."

Como o sr. me pede o meu parecer sobre o caso, devo commental-o, antes, afim de que se comprehenda bem a resposta. Trata-se de um artigo, intitulado "Eu e Bastos Portela", assignado por um cavalheiro, cujos versos enviei á cesta de papeis. Portanto, a publicação é um ataque á minha pessôa, (e tinha graça que fosse um elogio...) na qual o seu autor não soube disfarçar o seu espirito de prevenção.

Ora, deante disso, a minha opinião é que não tenho opinião. Acho que si A me ataca, faz muito bem; e si B. me elogia, tambem não anda mal. Porque, afinal, eu sou um homem discutido.

E muito, aliás.

E' pena que o autor do tal artigo não esteja no meu caso. Porque então seria eu quem o iria discutir. Mas infelizmente, não posso discutir um intellectual clandestino...

Si o poeta queixoso fosse mais habil, teria feito o ataque á minha pessôa, como todos os outros que vão para a cesta: usaria um pseudonymo e me escreveria uma carta confidencial. Elle, porém, é inhabil. Corre para as revistas, e confessa que o mandei para a cesta dos maus poetas.

A mais simplista das creaturas dirá, certamente: "Esse paraense está é despeitado com a critica feita aos seus versos"... E, naturalmente, ficará em peor situação.

Curioso, sr. *Arioca*, é que o autor do ataque se contradiz ridiculamente. A opinião que expendi sobre os versos delle me foi solicitada por elle. Foi má, e elle se zangou. Entretanto, não lhe encommendei sermão, e elle arraza, destróe, invalida a minha "personalidade cultural".

Quem é mais demolido? Quem e mais egoista? Qual é o pandego? Qual é o bufão?

Quem quizer vêr o villão que lhe ponha o cajado na mão...

O peor é que o artigo do moço paraense me vae annullar para sempre. Prompto, sr. *Arioca*; litterariamente estou "morto"...

HERMES COSTA (?) — Não posso attender o seu pedido. O soneto *Supplica* está defeituoso E' banal, mediocre, frivolo como a sua fantasia *Mocidade*.

Esse trabalho é mesmo um amontoado de logares-communs.

Aqui vae um trecho delle:

MOCIDADE!

Mocidade! E'poca dos amôres, sonhos e romances. Tempo que mais recordação nos deixa nalma e mais saudades no coração. Dias encantadores que passamos entre flôres e festas, amôres e beijos.

Mocidade! Radioso tempo dos prazeres e loucuras dos jovens enamorados, culpados nos mesmos beijos roubados.

Mocidade! Dias de franca e ruidosa alegria, alegria louca de viver desconhecendo a vida com as suas crueis desillusões. Romanticos dias dos cantores e dos poetas que escrevem com letras de ouro a mais brilhante pagina da vida que se chama, — Mocidade.

Basta esse trecho para dar uma idéa da mediocridade da sua collaboração. Imagine o sr. que toda gente que escreve sobre a mocidade já disse a mesma coisa.

Não. Espero que me remetta coisa melhor.

ALICE (Minas) — A Livraria Odeon é justamente especialista em figurinos e revistas estrangeiras. A Livraria Odeon, de Soria e Buffoni, fica na Avenida Rio Branco. E' facil encontral-a.

CIDA (S. Paulo) — Está enganada: não tenho o seu nome, nem o seu endereço. Si faz muita questão, attenderei o seu pedido.

STENIO DE SA' (Pernambuco) — O sr. não tem razão de queixa. O acolhimento que lhe tenho dispensado aqui tem sido sempre á altura dos seus meritos e das credenciaes que apresenta, como pernambucano.

Si a sua collaboração não appareceu com a regularidade que era de esperar, nem por isso deixará de apparecer. O sr. não imagine a avalanche de poetas, que nos chega de toda parte do Brasil. Tem-se a impressão de que o nosso povo vive rimando. Rimando ao jantar, rimando ao cear, a toda hora do dia, da noite, ininterruptamente, assoberbantemente...

Não sei onde iremos conseguir publico para tanta poesia. Acredito que esses poetas não sejam lidos, attendendo ao facto de que este o que deseja é destruir aquelle. O publico, que os assiste, o mais que póde fazer é apartar a briga e pedir que elles se entredevorem.

Os seus poemas, aliás um tanto longos, esperam uma bôa collocação. E quanto ao mais, deixe lembranças aos confrades que disserem mal desse seu velho conterraneo...

IGNACIO DO NORDESTE (Capital) — Hum! Lá vem um poeta! Em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo — Amen! Deus do céo! Quando me verei livre "delles"?

Aqui vae a sua carta, notavel poeta... vate, como diz o sr.

"Caro Yves. Antes de mais nada, permitta-me tratal-o com o democratico você, como é do seu formal desejo, se não me engano.

Em seguida, desculpe-me a ousadia de lhe enviar, juntamente com estas linhas, algumas producções de minha lavra, com o intuito de conhecer a sua preciosa opinião acerca das mesmas.

Peço a você, Yves, que as julgue com toda a sua reconhecida sinceridade, pois, no caso de eu ficar desanimado com o resultado do seu julgamento, desistindo de invocar as Musas, só terá, com isso, a ganhar a nossa copiosissima literatura poetica, livrando-se de mais um "fabricante" de versos.

E, no caso de ser-me favoravel o seu parecer, ganhará, com isso, o nosso celebre vate humorista que disse: "Um critico dirá com rancor e azedume:

— Mais um poeta?! que horror! caia-lhe o raio em cima. E outro — sem requerer semente, rêga ou estrume. Brota qual tiririca verso em nosso clima!

Seja você o juiz do jogo aqui, ficando o espectador amigo.

IGNACIO DO NORDESTE."

Si da minha opinião sobre os seus versos depende a liberdade que terá a literatura, vendo-se livre de um "fabricante" de versos, como se qualifica o sr., pode, desde já, dar parabens a ella. Porque

UM GRANDE PROGRESSO NO METHODO DE LAVAR ROUPAS FINAS . . .

DESDE OS SABÕES INFERIORES ATÉ ESTAS FINISSIMAS ESCAMAS!

O Lux revolucionou os antigos methodos de lavagem. A mulher moderna não corre mais o risco de estragar as suas roupas finas esfregando-lhes com um sabão ordinario; prefere laval-as com essas macias escamas que limpam com tanta rapidez e segurança os tecidos mais diaphanos. As escamas de Lux são extremamente tenues — afim de poderem dar, em um segundo, uma espuma abundante. São isentas de qualquer impureza, protegendo as roupas e as mãos de quem as lava. Já tem o seu pacote de Lux?

Ha um livrinho que ensina o meio de conservar as roupas mais finas sem perigo de se estragarem empregando o Lux para a sua lavagem. Queira pedil-o ao seu fornecedor ou escrever á S. A. IRMÃOS LEVER, Caixa Postal 2745, São Paulo.

LAVAE TUDO QUE NECESSITAR DE CUIDADO — COM O LUX

LEVER BROTHERS LIMITED, PORT SUNLIGHT, INGLATERRA

LX 7-010 BZ

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

meu caro poeta, eu penso que a sua poetica é um attentado á pureza, ao encanto, á graça, ao pudor, á belleza de Polymnia, que é a deusa da poesia lyrica.

Quer uma prova? E' este famoso soneto, que ha de ficar na anthologia das cestas, com seu véo de espessura fina...

Lá vae a obra prima:

SCENA RURAL.

(Ignacio do Nordeste).

O crepusculo e a solidão desciam
sobre os montes, os valles, a campina,
e o velho casarão, que se sumiam
por detraz de um véo de espessura fina.

Dobram os sinos da igrejola perto,
somnolentos, saudosos, compassados,
emquanto deixam o campo deserto,
os animaes, os homens, os arados...

A passarinhada alegre, em procura
das arvores, onde repousar, vai,
da ingrata lida quotidiana dura.

Sopra uma brisa que tudo alivia,
emquanto a treva sobre tudo cai
e, langoroso, se despede o dia...

Não, poeta, deixe de fabricar versos. De resto, essa manufactura não é nada rendosa. Por que não experimenta a charcuteria? E' industria que dá excellentes resultados pecuniarios...

IURY-MIRIM (Capital) — Voto contra os seus versos.

HELCIO (Capital) — Li a critica feita pelo sr. aos autores das capas do Fon-Fon. E' um aspecto artistico, esse, que não discuto, pois está fóra da alçada. O sr. faria bem si escrevesse directamente ao director, que é quem julga esses trabalhos de desenho. As capas do *Fon-Fon* têm tanta relação commigo como a champagne *Cliquot*, que se faz na França, ou o automovel *Ford*, que se fabrica na America do Norte.

Mas na sua carta alguma coisa me interessa: é o caso graphologico. E' um phenomeno curioso, como c h a m a m o s graphologicamente.

Imagine que a sua graphia revela um desses caracteres que num anno de correspondencia só se encontra um — e para amostra. E como sou collecionador desses elementos preciosos para estudos de alma, vou guardar a sua carta como quem guarda uma reliquia.

SEMIRAMIS (S. Paulo) — Uma carta verde como as uvas da raposa de La Fontaine? Que quer dizer a sua signataria?

Leiamol-a attenciosamente:

"Yves. Saudações! Não, não é um pedido graphologico o objectivo desta carta. Entre as consulentes do "Saibam todos", certo as que mais o aborrecem são essas que o elogiam com o fim exclusivo de saber o que a sua letra revela.

Venho apenas dizer-lhe que na região immensa das mulheres que o admiram, encontra-se esta desconhecida paulistana que ora lhe escreve.

De uma amiga com quem mantenho intercambio de idéas, recebi por emprestimo o "Suave Enlevo". Li-o hontem, de começo a fim, sob o abat-jour verde do meu quartinho de moça. Após, já noite alta, cerrei os olhos para melhor gosar a doçura de muitos versos que me ficaram cantando dentro d'alma.

Nababo da Arte e do Sentimento, que thesouros de belleza você derramou, Yves, por aquellas paginas que são bem um enlevo suavissimo para as almas que sabem amar e soffrer com elevação, vencendo quando vencidas, sorrindo quando chorando!...

Para não finalizar esta missiva sem uma pergunta, que fim levaram Collie, Larme Sombre, Angelica de Maio, Papillon, Colombina e outras, essa pleiade luminosa de espiritos cultos que tanto fulgor emprestavam ao "Saibam Todos"? Parece que hoje você só rechassa poetas de agua doce que o importunam com as suas baboseiras e meninas analphabetas que pedem graphologia?

Com a grande sympathia de "Semiramis".

Resposta:

1º — Estou muito contente com o elogio que faz ao meu livro. V. Ex. é benevolente;

2º — Agradeço-lhe a bôa lembrança de me não ter elogiado com o fito de pedir um estudo da sua letra;

3º — Não lhe dou noticias das consulentes a quem se refere, porque ellas não me dão satisfação da sua vida. De résto, mulher mesmo assim... Vae e volta. Por que vae? Por que volta? Não se sabe. A's vezes, porque ella procura novos prazeres, novas sensações. Porque o que a mulher p r o c u r a, no dizer de Anatole France, é sensação. Nada mais. Sensações de arte, sensações disto ou daquillo — mas sensações. Por isso é que ellas são voluveis.

BRUNO (Capital) — Só faço graphologia remunerada.

APHRODITE (Capital) — Aqui está a sua carta lilaz. Ella é profundamente expressiva quanto ao interesse que demonstra sobre a sua graphologia.

Leiamol-a:

"Sr. Yves. Venho pedir-lhe um grande favor. Ja advinha qual é, não?

Oh! Tenho tanta vontade de saber o que minha letra revela...

Creio que o sr. não será assim tão mau que se negue a fazer o estudo da minha letra. E' inutil dizer-lhe, que qual for a resposta sobre a minha graphologia, ficar-lhe-ei immensamente grata.

Acredito desde já no que o sr. disser, pois o estudo graphologico que fez duma amiguinha minha foi tão prefeito, que até parece que o sr. a conhece...

Adeus! Mais uma vez sinceramente agradeço...

N. B. Peço o favor de responder com o pseudonymo de "Aphrodite".

Muito bem. Si é assim, é só enviar-me um vale postal, no valor de 30$000, para o estudo graphologico...

. . . .

Imagino daqui o tamanho da syncope que V. Ex. acaba de ter...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2º — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3º — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 31-5-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Um professor singular

QUANDO fui apresentado ao eminente professor que me devia ensinar a conduzir um auto, elle me encarou com um ar cheio de compaixão, e me perguntou:

— Então, está resolvido a dirigir automoveis?

— Sim. Deve ser divertido.

— Comtudo, o senhor ainda é joven.

Não comprehendi bem porque me fez essa reflexão. Elle ajuntou:

— Talvez alguma decepção amorosa, algum desgosto...

— Si assim quer...

— O senhor teve mesmo algum desgosto sentimental?

— Não me preoccupo com o amor. Sou moderno, professor, sigo o meu tempo. Só me interessam as coisas praticas, os negocios de dinheiro, os lucros que delle possa tirar.

— E o senhor ainda não venceu na vida? Vejamos! Não é preciso perder a coragem. O senhor tem um bello futuro deante de si.

Não entendia nada as reflexões desse singular professor.

— Os meus negocios vão perfeitamente bem — disse eu — e vivo satisfeito. Fiz fortuna em seis mezes.

— Tornou-se neurasthenico, então? Mas pode curar-se. Que diabo! Procure a sociedade das pessoas alegres; leia livros optimistas, ande ao sol, ao ar livre; não pense nos impostos a pagar.

— Não sou neurasthenico — exclamei.

— O senhor não está desgostoso da vida por uma razão ou por outra. Não terá cansaço da existencia?

— Ao contrario.

— E' a sua sogra, então, que o persegue? E o senhor quer pregar-lhe uma boa peça?

— Minha sogra é inoffensiva. E' boa demais.

— Oh, não o comprehendo! Si o senhor não tem de que se queixar, si acha que a vida tem algo de bom, apesar de tudo que o fisco faz para envenenal-a, por que, então, deseja dirigir um automovel?

— Para me divertir, simplesmente.

— Ah, é para se divertir? Pois bem! Permitta declarar que tem um modo esquisito de se divertir. O senhor é livre, depois de tudo, e eu não devia fazel-o aborrecer uma profissão que é a minha e de que vivo. O que lhe digo é no seu proprio interesse. Eu o acho sympathico, o senhor é bem joven... E' pena! Emfim... A minha profissão consiste em ensinar a conduzir. Eu o ensinarei, como o ensinaria a fazer um

nó corrediço com uma corda, a accender uma fogueira ou a dar um mergulho na agua perfida, si tal fosse a missão que recebesse do céo. Eu o ensinarei a conduzir, uma vez que o senhor o exige.

Elle me encarou com uma visivel piedade, e ajuntou:

— Um bello rapaz como o senhor, no vigor da mocidade, francamente, é uma pena!

— Por onde vamos nós começar — interroguei, impaciente para aprender a minha lição.

— O senhor vae começar comprando uma pequena caixa contendo tintura de iodo, de arnica, agua oxygenada, medicamentos de toda especie.

— E a seguir?

— Em seguida, o senhor irá ao notario da familia. O senhor deve ter algumas disposições a tomar.

— Acha que isso é necessario?

— Sempre é bom deixar os negocios em ordem, si não se quer crear embaraços aos herdeiros. E' a mesma coisa, na sua edade. Por que deseja o senhor conduzir um auto?

— Eu o repito: é para me divertir. Para chegar mais depressa, si quizer ir a algum logar a toda pressa.

— Ah! Essa é boa! O senhor não me vae fazer crer que é necessario um auto para ir aqui ou ali. Mesmo quando houver necessidade disso. E' um logar onde não se vae nem a cavallo, nem em carruagem, nem em avião... Ah, sim!... Em avião! Muitas vezes é preciso!... Mas, cuidado com quem está em baixo.

Eu não comprehendia nada a proposito do meu professor. Não me explicava, porque elle não me encorajava a aprender uma profissão que elle ensinava. Elle ajuntou:

— Faça um seguro de vida, si tem filhos; e si quer permanecer fiel aos principios que foi obrigado a acceitar em criança, faça o acto de contricção.

Eu estava singularmente inquieto e desencorajado. Esse professor tinha todo interesse em me ensinar a conduzir. Que lhe importava que me levasse o diabo, comtanto que elle ganhasse o seu dinheiro?

— Ah! — disse-lhe eu, por minha vez — Não o comprehendo. Dir-se-ia que o senhor tem remorsos, ou que tem medo de ser perseguido como cumplice, si eu mato alguem ou si levo a breca! Acaso o automovel é coisa que lhe não interessa?

— Oh! eu, o senhor sabe agora — respondeu elle — o automovel é coisa que não me preoccupa. A minha fortuna está feita. E, agora, descanso.

SOB A NEVE

SAHIU do Correio onde fôra escrever cartões a dois amigos para sentir-se menos só: precisava procurar uma casa de pasto onde comesse alguma cousa, mas não sabia a qual dirigir-se; nesta havia luz em demasia; naquella, a apparencia era por demais modesta e nada agradavel. Deu poucos passos sob os porticos, voltou depois, e metteu-se por uma viela que ia desembocar numa praça, poucas arvores, esqueleticas; e raras luzes de lampeões suffocadas na neve.

Sentia frio e a humidade penetrava-lhe nos ossos.

Uma mulher passou-lhe proximo e olhou-o distrahidamente, mas apenas a viu, um sobresalto sacudiu-o todo. "Ella? Aquella hora?"

Continuou a caminhar luctando entre o desejo de retel-a e a vergonha; duvidas, remorsos, queixas, detinham-n'o. Afinal voltou-se; a mulher não estava mais á vista: desapparecera na neve espessa.

Elle seguiu a direcção em que a vira afastar-se; apressou o passo; alcançou-a:

— Permitte que te falle? — perguntou humildemente.

A mulher olhou-o; não demonstrou reconhecel-o; examinou-o com um mixto de incerteza e de receio como se estivesse deante de um louco.

— Vejo que não me reconheces; sou eu, Ricardo; depois de tantos annos!

— Mas...

— Perdôa-me. Foi o destino apenas que quiz o nosso encontro desta noite. Estou só como um cão: perdôa-me. Não te pergunto para onde vaes, mas deixa que te acompanhe.

Ella fez um gesto vago; não permittia, propriamente, mas tambem não prohibia.

— Crê — Continuou elle — que desde aquelle dia nunca mais tive um momento feliz na vida. Sim, conduzi-me mal comtigo, mas não tive tanta culpa assim; e se tive, paguei... ah, Deus sabe como paguei! Lembrei-me tantas vezes de ti depois; perguntava a mim mesmo se teria te amado sempre, e atormentava-me ao pensar que se tivesse empregado palavras muito brandas ficarias desilludida, se muito fortes, não acreditarias nellas. A verdade, então, não t'a podia dizer inteira, porque nem eu mesmo a sabia. Era tão joven nessa occasião e não comprehendia a mim mesmo. Eu te queria bem, sim, muito, mas quando m'o perguntavas, quando procuravas ler nos meus olhos, sentia-me perturbado; sabes que um innocente a quem se diz "és culpado" impressiona-se. E depois eu não era innocente. Commetti algumas pequenas infidelidades durante o nosso amôr; vês que digo tudo. Ninharias, pequeninas tolices, sabes? Então não comprehendia como podia, amando-te assim, trahir-te de quando em quando. Só mais tarde vim a comprehendel-o. No meu amor havia tambem ciume, receio de perder-te, terror de que não me fosses fiel, e procurava, com aquellas pequenas infidelidades, demonstrar a mim mesmo que não me eras necessaria e ao mesmo tempo vingar-me antecipadamente das torturas que poderias fazer-me passar. Parecia-me que, se um dia descobrisse uma trahição tua, o meu orgulho se exasperaria menos, pensando ter sido eu o primeiro a enganar. Era um louco e um louco fui sempre comtigo.

Depois... sim, lembro-me deste dia como tu te has de lembrar. Descobriste tudo e perdoaste-me. Devia apreciar-te ainda mais, devia ser-te agradecido. Mas tal não se deu desgraçadamente. O ciume voltou a operar; pensei que se me perdoaste tão depressa, era porque não me amavas profundamente; e introduziu-se no meu intimo uma duvida ainda mais dolorosa. E se me tivesses perdoado porque... porque tivesses necessidade de ser perdoada tambem? Esperei, tremendo, uma confissão; não veio. O teu silencio me fez soffrer mais ainda. Passei dias e noites terriveis sem dizer-te cousa alguma.

"Aquella carta que sabes custou-me uma dôr tamanha que, após quinze annos, me dilacerava ainda a alma, por momentos. E a resposta fria, resoluta, era suggerida pela tua dignidade de mulher, mas eu a interpretei mal então..."

Houve uma longa pausa. A mulher caminhava-lhe ao lado e não dizia nada; esperava.

Elle segurou-lhe o braço, e ella, ainda que com um ligeiro calafrio, não se oppoz.

Sentindo-a assim junto delle, o homem pareceu encher-se de mais coragem, mas não a fixou no rosto:

(DINO PROVENZAL)

— Depois, — proseguiu em voz mais baixa — casei-me; soubeste-o sem duvida. Não creias, porém, que te esqueci. Olha, até não muito tempo antes do casamento tive a idéa de escrever-te, de approximar-me de ti, de recomeçar. Mas recomeçar o que? Entrar, de novo a atormentar-te e a atormentar-me? Este pensamento conteve-me; nunca mais gozariamos paz.

E procurei a paz no matrimonio. Quiz ter uma familia. Propuz-me viver tranquillamente com minha mulher: uma vida simples, sincera de parte a parte. Por algum tempo foi assim, na verdade, porque ella era bôa, calma, affectuosa. Depois, não sei como, resurgiram em mim aquellas mesmas suspeitas. Falei-lhe de ti e não ficou ciumenta de tua memoria: sorriu á lembrança de um meu amor juvenil, acariciou-me a fronte e depois, olhando-me nos olhos, disse-me: "Mas agora queres bem a mim só, não é verdade?" Apenas isto: e a mim que a desejei sempre serena, pareceu-me serena demais; pareceu-me indifferente.

Aconteceram, em seguida, tantas cousas pequeninas que não me recordo agora. E dahi, as minhas suspeitas augmentaram e o caracter se me tornou aspero. Remexi nas suas cartas, — não dizia nunca a hora em que voltava para apanhal-a em flagrante, pronunciava um nome qualquer e a observava nos olhos disfarçadamente. Duas ou tres vezes deixei o escriptorio porque sabia que ella ia sahir, e segui-a.

Envergonhava-me de mim mesmo; soffria naquella duvida continua e ficava desesperado por não descobrir cousa alguma, em lugar de encontrar nisso uma prova da sua innocencia, acreditava ter achado a prova da sua habilidade em dissimular. Pensava muito em ti; recordava que ninguem soube nunca dos nossos amores e concluia dahi que minha mulher tambem conseguia provavelmente occultal-o.

Tornei-me descortez, duro, taciturno. Todas ás vezes que via minha mulher procurar argumentos para continuar a palestra, respondia com monosyllabos e dizia com os meus botões que ella tinha receio dos silencios nos quaes basta olhar-se a gente para comprehender-se. As nossa refeições decorriam sem que trocassemos muitas vezes uma unica palavra.

"Um dia, recebi uma carta anonyma. Estranho! eu que ha tanto tempo suspeitava, não acreditei no anonymo; pensei que algum inimigo tivesse adivinhado as minhas suspeitas e quizesse atiçal-as, assim, malvadamente, pelo prazer de causar-me desgostos; tive pieda de de minha mulher, suspeitada por mim, calumniada pelos outros, afflicta com o meu caracter que se tornava cada vez peor.

Mais tarde recebi uma outra carta: continha expressões de escarneo para mim e indicações precisas...

Não me obrigues a dizer mais. Tive a certeza que me trahia e... Não, não, não houve escandalo, uma scena só, breve.

"Vivo, desde então, sosinho; abandonei os velhos amigos, não procuro novos; não obstante, a solidão me pesa, ás vezes; a ponto de desesperar-me, como por exemplo, esta noite. Agora disse-te tudo.

A mulher deteve-se; deu alguns passos em seguida, sempre acompanhada por elle que lhe deixara agora o braço e caminhava-lhe ao lado tiritando de frio e de dôr. Comprehendia-se que ella tinha chegado; uma daquellas poucas casas alinhadas alli devia ser a sua.

— Não me perdoas, não é verdade? Talvez tenhas razão. Mas paguei tudo, a infidelidade para comtigo e as injustas suspeitas que tive de ti; soffri por tudo, e é uma vida horrivel a minha, sabes?

A mulher enfiou a chave num portão; abriu; olhou a mão estendida para ella como a pedir paz; quedou um momento e, depois, vagarosa mas resolutamente, fechou.

— Ah, não me perdoas? — soou a voz triste para lá do portão.

Ella não conhecia o homem; tinha-se enganado: ouvira, entretanto, curiosa, ansiosa, porque tambem ella, muitos annos antes, fôra abandonada, e parecia-lhe escutar a confissão d'*elle* que nunca mais dera signal de vida.

Tornou a abrir o portão, queria apertar aquella mão num gesto de piedade como teria feito com o outro, mas o homem não estava mais alli; seguira neve afóra, levando comsigo a recordação do perdão negado, a amargura da confissão inutil.

A febre do ouro

De GIAN CAPO

HA uns vinte annos, mais ou menos, um homemzinho com um focinho de rato, accentuado por uma barbicha caprina, revelava uma vontade secca com uma fé e uma obstinação tal, e pertinaz, explorava as montanhas que adquirira a fama de maniaco e commiseração das pessoas sensatas.

Desencavara no archivo de um castello um documento precioso, uns registos de certas minas de ouro que, pelo anno de 1200, com os terrenos e as florestas, formavam a fabulosa riqueza de um marquez vassallo; mas o documento estava gasto e indecifravel, justamente no ponto em que começava a descripção do valle que guardava em seu seio o thesouro. Era preciso, então, estender as pesquisas por todo o planalto e descobrir os traços apagados pelos seculos, lá em cima, além dos mil metros, onde abundavam as pyrites contendo atomos do precioso metal, e o homunculo consumia mezes e annos em escavar terrenos e rochas, em explorar cavidades e grutas, em examinar periodicamente as areias e os saibros das torrentes.

A mente varejara por tanto tempo o alto, como se o ouro, pela sua nobreza, devesse jazer em posição elevada; e, no emtanto, o acaso levou-o a fazer a descoberta sensacional numa zona baixa e lodosa, no ponto em que uma torrente, sahindo de uma garganta apertada de castanheiros, se alargava por uma planicie alagadiça, coberta de cannaviaes e de charcos, dominio incontestavel das rãs, dos mosquitos e da malaria...

No dia em que no lodo da torrente encontrou alguns fragmentos de ouro, a sua alegria explodiu triumphalmente. Aos scepticos, aos incredulos, aos desconfiados, a todos aquelles que, por vinte annos, tinham escarnecido de suas fadigas, de seus tormentos, de seus sacrificios, podia gritar finalmente a palavra magica, que lhe abria de par em par as portas da fama e da riqueza: o ouro!

Os jornaes falaram no assumpto, e elle viu o seu nome espalhado por toda a parte, o seu apostolado consagrado nas chronicas, a sua fé coroada de exito. Foi grande e emocionante o rumor; representantes dos melhores jornaes accorreram, entrevistaram-no, narraram em amplas correspondencias a sua historia. Chegaram depois insignes scientistas entendidos em pesquisas mineraes e capitalista porfiando monopolizar a descoberta. As pesquisas foram reemprehendidas com methodo scientifico e com meios adequados; a lama da torrente analysada, o seu curso estudado palmo a palmo até á nascente, mas nenhum traço de ouro foi encontrado. Alguns lançaram a hypothese de um "truc", outros a duvida de que as preciosas pepitas só existissem no pensamento de algum trapaceiro: algumas semanas depois, porém, o deslumbramento do ouro diminuiu e, em seguida, apagou-se na sombra da hypothese burlesca.

A gente sensata voltou a zombar do velho obcecado, cada vez mais

firme em sua obstinação, mas o pioneiro não foi o unico a crer; outros o seguiram, atravessaram valles, accordes todos, então; mas, em seguida, devorados pela febre da pesquisa e ciosos, cada um mais se afanava para chegar primeiro e começaram os embates, as contendas, as rixas, as estocadas.

Um só daquelles pioneiros se tinha cansado subitamente. Um, justamente aquelle em quem o apostolo punha as maiores esperanças.

Era elle um certo Evaristo, chegado havia pouco de Alaska com uma pilha de cincoenta mil liras. Garimpeiro no Eldorado de além oceano, trazia uma experiencia e capitaes, preciosos ambos. Entretanto, depois dos primeiros dias, retirara-se da partida e comprara uma situação na planicie, estabelecendo-se ahi com a mulher.

A resolução de Evaristo pareceu inexplicavel aos outros pesquisadores, porque empregar dinheiro e contrahir o impaludismo naquella terra insalubre parecia cousa de malucos, e, no emtanto, Evaristo era um velhaco de sete costados. Tiveram-no de olho; quando desciam da montanha e atravessavam a planicie para voltar á sua região, paravam na choupana de Evaristo e, se não estava, tanto melhor, interrogavam a mulher, esperando fazel-a soltar a lingua.

Evaristo tinha, com certeza, algum segredo; os traços de ouro tinham sido descobertos no lameiro da corrente cujas aguas ficavam estagnadas entre os cannaviaes da planicie, e o americano sabia os mysterios dos garimpeiros do Alaska.

Mas a mulher tinha sempre evasivas e Evaristo, quando se lhe tocava no ouro, respondia glorificando os seus gallinaceos.

Entregava-se, dizia, á polycultura; á criação de gallinhas, perús, patos e gansos; gansos especialmente. Tinha uma quarentena delles, de uma raça escolhida, grandes e magestosos, com pescoços tão longos e recurvados que, vistos á distancia, no pequeno lago — um

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

LIVROS PARA CRIANÇAS

PROPRIOS PARA PRESENTES

A' venda na LIVRARIA QUARESMA, Rua de S. José, 71 e 73

RIO DE JANEIRO

CONTOS DA CAROCHINHA

Contendo 61 contos, moraes e proveitosos, de varios paizes. Um grosso volume com estampas coloridas .... 7$000

HISTORIAS DO ARCO DA VELHA

Contendo 60 lindas historias para crianças. Um grosso volume, cheio de chromos .... 10$000

HISTORIAS DA BARATINHA

Contendo 70 esplendidos novos contos infantis, fantasticos, moraes e alegres. Um volume com muitas estampas, em chromo .... 8$000

HISTORIAS DA AVOZINHA

Contendo 50 das mais celebres, primorosas, divinas e lindas historias — um volume encadernado, com estampas .... 6$000

A ARVORE DE NATAL OU THESOURO MARAVILHOSO DE PAPAE NOEL

Contendo variada e escolhida collecção de historias para crianças, apanhadas na tradição oral de todos os povos, escriptas, traduzidas, collecionadas, relatadas e accommodadas á infancia brasileira — Um grosso volume encadernado, cheio de bellissimas estampas .... 6$000

REINO DAS MARAVILHAS

Contos de genios e de fadas. Precioso livro para crianças, escripto em linguagem ao alcance das almas infantis. Um grosso volume cheio de estampas coloridas .... 8$000

THEATRINHO INFANTIL

Collecção de trinta e quatro pequenas peças de theatro, para as crianças, podendo ser representadas em qualquer logar, seja num tablado, numa sala ou seja ao ar livre. Um grosso volume encadernado .... 5$000

Envia-se para o interior qualquer livro deste annuncio, bastando tão sómente remetter nos a sua importancia em carta registrada com valor declarado.

charco, antes, um pouco mais amplo e fundo do que os outros — pareciam um pelotão de cysnes.

No seu extremado amor pelas aves, os pesquisadores acreditavam pouco, e um delles se poz de vigia á noite, ao derredor da casa, mas Evaristo era peor do que Satanaz, e sabe-se lá que enredos diabolicos aprendera acolá, em Alaska.

A' entrada do outomno, os gansos estavam bons para a venda e Evaristo, uma bella manhã, metteu uma duzia delles numa carroça e levou-os para a cidade. Quem, á partida, o tivesse ouvido murmurar á mulher: "Vão-se, é a nossa fortuna", não poderia descobrir o justo significado da phrase mysteriosa, que não se referia evidentemente ao modesto preço das aves.

Chegando á cidade, foi ao encontro de um comprador seu amigo, que, recebendo em consignação os gansos, disse uma outra phrase mysteriosa: "E agora deixa o resto commigo".

A significação destes dois enigmas ficará conhecida mais adeante.

No dia seguinte, a choupana de Evaristo parecia a meta de uma peregrinação; e que peregrinos! Gente de negocios com fonfonar de automoveis.

A febre do ouro

(Continuação)

— Não tem outros gansos como aquelles que levou hontem a?...

— Asseguro-lhe que sim.

— Poder-se-ia vel-os?

— Mas, por certo... estão no lago... ponho-os acolá... mas tenho no aprisco alguns delles.

Pegou um, apresentou-o aos compradores, que lhe tomaram o peso e o apalparam, e apenas Evaristo, attento a outro, voltou a cabeça, abriram-lhe o bico e observaram avidamente o pescoço da ave.

— Tem?

— Tem!

Examinam um segundo, um terceiro, e acham-nos esplendidos, nutridos, polpudos.

— Que lhes dá para comer?

— Nada. Passam o dia no lago. Peixinhos ha em abundancia, e depois descobrem com o bico, no limo da margem, larvas e minhocas; encontram alimento até não quererem mais. O lago é uma mina; no proximo anno quero elevar-os a uma centena.

Então, de conversa em conversa, os visitantes escorregaram o assumpto para o lago e para a propriedade.

— Um bello sitio, tranquillo.

— Um deserto. E' de se morrer de tedio.

— Salubre?

— Qual o que! Mosquitos, humidade e febres.

— Podia-se beneficiar o terreno, é fertil, pode bem ser que produza.

— E quanto me dá por elle?

— Quer vender?

— Sim, não.

Evaristo mantinha-se na negativa.

Os outros augmentavam a offerta como em hasta publica; depois para não trahir o grande interesse que tinham em compral-o, diziam:

— Reflicta; voltaremos amanhã.

Um ia, outro chegava; o jogo se repetia e Evaristo fingia cahir das nuvens:

— Oh! de vagar! Mas que mysterio é este? O senhor tambem quer comprar? O outro, para encurtar a cousa, lançava uma offerta assombrosa, como se temesse que lhe arrebatassem o bocado dos dentes.

— Cem mil?

— Não, eh!... parece-lhe só isso? Offereceram-me duzentos mil ha uma hora, e recusei. Comprehende por que: é toda a minha fortuna e a minha vida.

Antes da tarde, as offertas tinham subido a cifras hyperbolicas. Evaristo teve a sensação de que se estirasse mais a corda arrebentaria, e concluiu quando teve o dinheiro nas mãos, por ceder campos e aves e mudar-se dentro de vinte e quatro horas.

Bastaram-lhe doze. No dia seguinte viajava commodamente num trem expresso com a mulher para uma cidade á beira mar. Com cem liras de fragmentos aureos, postos cuidadosamente na garganta dos gansos, tinha reaccendido a febre do ouro e creado a illusão de que o Eldorado da lenda se tivesse transportado para as margens do seu pequeno lago dagua lodosa. Sentia agora a necessidade de respirar ar puro.

LEANDRO
MARTINS & CIA
GEORGES VEIL
DECORADORES
OUVIDOR 93 95

Effeitos da intellectualidade

De Pedro Paulo Faria Rocha

(Para BENJAMIN COSTALLT)

VEM muito discutida a theoria da loucura na mentalidade superior. Lombroso affirmou tal doutrina, aliás absurda, encarando-a sobre o mesmo ponto em que igualou o louco ao intellectual. Daquelle ao homem de intellecto a união existente é a distancia que vae dos extremos: elles é que se tocam...

O intellectual é um nevropatha. Em cada homem de talento creador ha qualquer cousa que o caracteriza, ha um estado anormal do systema nervoso. E essa nevrose, que é o effeito da intellectualidade, quando não patente através de seu espirito idealizador, a encontramos na intimidade do lar...

Na verdade, como disse Lombroso, não é normal o homem distinguido pelos dotes de intelligencia. A sua anormalidade está, justamente, em se differençar do homem commum: que come, que trabalha e que se limita ao que vê. O intellectual não se detém nisso; vae muito mais longe. Sahindo do terreno das cousas materiaes, as quaes pratica como imperiosa necessidade indispensavel ás suas faculdades physicas — concebe, sonda, perscruta, penetra, deduz e crea...

O seu olhar, perdido na contemplação, idealiza Deus, entranha-se na razão dos que o cercam...

O intellectual é um psychologo, um imaginativo. Os phenomenos transcendentaes, os estados da alma, a natureza creada e o que della se possa usufruir são as unicas cousas que o preoccupam... O mais, a ordem natural das cousas se encarrega de encaminhal-o...

E é desse espirito investigador que sonda e que penetra, perscrutando e creando, que advem o scepticismo reinante nos homens de intelligencia, especialmente nos que se dedicam á literatura.

Sim, em cada homem de talento literario ha qualquer cousa de triste... Pudera! O homem de letras é um soffredor continuo: soffre por si, soffre pelos soffrimentos dos outros...

Soffre, portanto, mais que o homem vulgar. Emocional em excesso, penetrando no arcano das almas, dos corações, elle traz á luz da realidade, como si de sua propria alma, todos os sentimentos do homem, bons e maus. Dahi, a enfer*midade* de que é accommettida a maior parte delles, digamos mesmo, sem medo de errar, de que todos elles soffrem...

E é desse scepticismo, dessa doença que vemos: uns, cantando o bem e desprezando o mal; outros, cantando o mal e desprezando o bem... Uns, amando a vida e temendo a morte; outros, querendo a morte e maldizendo a vida...

Tudo isso é o resultado do seu profundo espirito psychologo, e essas inspirações dependem da sensibilidade de cada um... e são acceitas conforme a sensibilidade dos que os lêem ou ouvem...

Um homem que entôa um hymno á maldade, ao vicio; que canta a vida, não é porque seja um mau, nem porque tenha motivos para amar a vida... Esta é um eterno soffrimento.

Elle elogia o mal, não pelo mal, mas porque vê os maus vencerem na existencia: — é um elogio que externa revoltado... Elle canta a vida, não porque desfructe felicidades, mas porque a alimenta espiritualmente, como a quizera e como a canta...

Casos ha em que, desesperado e entediado, cantando o mal sob cruciante descrença do mundo, muita vez a sua inspiração chega á raia da blasphemia, como a de Figueiredo Pimentel, dizendo:

"Maldita seja minha mãe!"

Na dôr immensa que soffrem da maldade humana, desilludidos, outros escriptores dizem, como Bilac:

"Não me perdi numa illusão... [Perdi-me
Na existencia entre os homens. E [encontrei-os.
Vivos, bem vivos! — estes monstros [feios,
Cujo peso affrontoso a terra oppri-[me",

como Bocage, que affirma ser a *morte uma ventura e a vida uma desgraça para os tristes que se vêem maltratados pela sorte e ultrajados e perseguidos pelos homens*, como o meu inolvidavel Anselmo, poeta desconhecido porque não publicava os versos, irmão tragicamente morto na minha cidade natal, em um "adeus" á vida, nas suas quinze primaveras:
tir... iguaes na acção diversa!

"Si canto a morte menos choro a [vida,
Si choro a vida me aprofundo em [dôr.
E assim mais vejo quanta fé per-[dida!"

Raros são os que louvam a vida vendo-a por um prisma feliz...

Predestinados, poetas preferidos, porém, são os que sentem a dôr como essencia, como um facho de luz, cadinho dalma, como a estrada que nos conduz á Gloria!... Felizes esses que têm a resignação bastante para cantar a dôr, essa dôr que nutre sentimentos nobres!... Elles são mais que enviados do céo..., não são senão os verdadeiros interpretes do pensamento de Deus!...

Sim, trazem á alma soffredora dos mortaes um balsamo divino, um lenitivo que a purifica, um raio que a illumina!...

Benditos os poetas que cultuam a dôr e que podem affirmar, em sublimes versos confortantes, como Hermes Fontes, um dos maiores dos nossos poetas:

"Só é capaz da Dôr, quem é capaz [de Affecto:
o Affecto é o pollen da Alma, aplaca-
[luar que a noite
a Dôr — é a noite em que a Alma
[esplende por completo..."

Assim, esta reflexão, cujo autor desconheço: "Comecei a comprehender os homens e refugiei-me na minha dôr. Só na dôr encontrei asylo contra a perfidia, a inveja, a intriga, a torpeza e a vaidade."

Como o literato, o artista. Na magia da expressão, na harmonia divina da sua arte, elle traduz, em symbolização profunda, as sensações da alma humana..., o vibrar da natureza... E são tambem tristes e são desalentados...

O homem de sciencia soffre menos que o homem literato, que o artista. Mas soffre... "O homem que

estuda e que medita soffre por estudar e meditar, soffre as torturas horrendas de ser um ente finito dotado de intelligencia limitada, mas que pode entrever o illimitado, embora sem comprehendel-o, anciando por penetrar os mysterios que o rodeiam", disse João do Norte, esse modesto pseudonymo que occulta o nome scintillante de Gustavo Barroso.

Absorvido com as questões scientificas, philosophicas, com os inventos, as soluções que quer realizar, "medindo o universo", passa pela vida, geralmente, alheio ás paixões terrenas...

O *homem superior*, disse Paul Bourget, *é uma das machinas mais preciosas que a sociedade tem a seu serviço.* E' elle a luz que dissipa as trevas da ignorancia.

Muito aquém, felizmente, vae o tempo em que o poder intellectual do homem se desembaraçou de certas algemas. Dando azas ás suas geniaes observações e concepções, o homem, conseguindo penetrar em a propria natureza, tem proporcionado ao mundo os beneficios de seu engenho.

As creações geniaes, theoricamente, são inconcebiveis e tidas, por isso, como filhas de um cerebro louco.

Longe, porém, está o louco do homem intellectual. A loucura de que alguns intellectuaes são accommettidos é uma consequencia e não uma causa... E' o effeito... E' o effeito de um exhaustivo trabalho sem regra, a que o homem se entrega obcecado, ansioso de o ver realizado... A differença que existe entre o louco e o intellectual — repito como outros já o disseram talvez — é que cada um se encontra em um dos extremos: um, não reflecte, nada faz de util, de perfeito, de equilibrado, mas sente vibrar em si a vida impulsiva do genio...; outro, pensa, produz o realiza o estudo necessario, conciso, methodico, harmonico, cheio de observação... E quantas vezes! quantas, o equilibrado se diz louco — olhos de allucinado em busca de uma idéa que lhe foge — e o louco, calmo, a vibrar de serenidade, assombra os assistentes com a sua lucidez presente, enganando-os, attrahindo-os, empolgando-os...

Loucos! homens de genio!... Uns a vibrar por uma idéa; outros, por uma idéa, a revolver o cerebro!... Diversos na igualdade do sentir... iguaes na acção diversa!

Entre os espinhos da vida

De MESEC TUBAT

EDUCAÇÃO FEMININA

MIL vezes prefiro uma mulher sem educação a uma mal educada.

Uma mulher sem polidez será torpe e estupida; mas será simples e humilde. Será recatada, moverá os pés e as mãos com desacerto, dirá coisas grotescas; porém não causará damno...

Em troca, a mulher mal educada... Que Deus nos livre della! Será impertinente e pretenciosa. Permittir-se-á dizer toda sorte de coisas mortificantes, usará termos chocantes, empregará indirectas e esgrimirá a arma mais detestavel: a ironia.

A mulher sem educação fará muitas coisas más; porém será capaz de fazer o bem, ainda que não seja por instincto; em troca, a mal educada não fará o bem, nem mesmo por engano.

Prefiro conversar com a minha pobre cozinheira analphabeta, cheia de indulgencia e generosidade, que come e fala e se conduz na vida por instincto, simples e naturalmente, que com a mal educada, que sabe usar a palavra e abusar da sua má educação, commettendo toda especie de erros e abusos, até aquelle que deve ser respeitado, o da paciencia alheia.

Prefiro a minha cozinheira sem educação que a normalista instruida e sábia, porém mal educada, que, a cada passo, deixa sair dos labios a impertinencia, a inconveniencia e petulancia.

POR AMOR PROPRIO

Centenas de mulheres são escravas do amor proprio. Por amor proprio estudam e dançam. Lêem. Recebem professores, advogados e pharmaceuticos.

Por amor proprio, se casam. Por amor proprio, esbanjam dinheiro.

Si bem que o amor proprio, em geral, impulsione sempre a bons actos ou a acções que indiquem progresso e adeantamento da mulher, é bom proceder tambem por impulso, na vida, e fazer o bem em segredo, sem publicidade nem commentario, em silencio, ainda que ninguem o veja.

E' mister não viver tanto para "fóra", ou para se "fazer notar". Vale mais viver para a sua propria estima e para "dentro", isto é, para si mesmo. Saber, estudar, e triumphar, eis o que nos dá satisfação intima.

Viver em silencio correctamente para a consciencia é coisa que muitos ignoram.

Conheço verdadeiras heroinas de lar, que realizam, em sigillo, as mais difficeis tarefas e resolvem os mais intricados problemas com a naturalidade de quem nada faz.

Essas vivem para "dentro", para a sua casa, e para o cumprimento do dever.

Conheço a mulher cheia de amor proprio. Arrasta ella com todos os prejuizos, pela vaidade de ser admirada. Tudo faz "pelas outras", afim de recolher elogios e inspirar admiração.

Si não possue publico que a admire e applauda, essa mulher perde, no seu destino, o unico caminho que a levará á acção das coisas.

Em compensação, que vasto e immenso terreno é o daquella que só busca o seu proprio applauso, a approvação da sua alma, o accordo silencioso, tacito e grande de sua acção, com a sua consciencia e a sua intelligencia!

O PREÇO DAS COISAS GRANDIOSAS

A terra produz cardos e espinhos, e tudo na vida traz espinhos e cardos. Não ha empresa facil, nem triumpho barato. Nem gloria simples. Tudo custa e é difficil.

Quando vires alguem no alto, não o invejes. Admira-o somente. Pensa o quanto lhe custou chegar até ali; quantos espinhos teve que desbravar e quantos obstaculos foi obrigado a vencer.

Diz-se com frequencia: "Fulano teve sorte". Não, Fulano teve capacidade, perseverança e vontade forte. Perseverou na sua idéa e no seu trabalho, para alcançar esse triumpho. Todo triumpho é difficil. Toda conquista represen-ta trabalho e desvelo.

Ha muita gente a quem o raro dom de sympathia ajuda, é certo, porém sabes como logrou ser sympathica e attrahente? Pondo nella perseverança, trabalho e força de vontade.

Exercita a tua força de vontade. Ella é necessaria á vida, é elementar para o triumpho. Emprega a tua força, afim de obter o que desejas. E dize: "Eu o conseguirei!" E verás como tirarás os espinhos ao cardo de tua vida.

O QUE VI COM OS MEUS PROPRIOS OLHOS

Ha muita gente que soube sentir desejos, que teve contra si mil elementos adversos, porém que soube esperar e crêr que os seus sonhos se realizariam.

Coisas inverosimeis foram por elles conseguidas depois de grandes esforços.

Vi lastimaveis creaturas, que vivem na opulencia, soffrendo enfermidades graves de desanimo, melancolia e tedio, que attraem para si, todos os elementos contrarios á felicidade. E vi pobres lutarem contra a pobreza, optimistas e alegres, e triumpharem depois da vida má, sem outra razão para vencer, que a confiança em si mesmos...

Vi homens e mulheres entrados em annos, parecerem jovens, ageis e felizes; levavam na alma o desejo da juventude e os labios diziam, a cada instante: "Sou joven!" Em compensação, vi mulheres e homens jovens dizerem, com desanimo: "Sou velho"... "Sou velha"... E na realidade o eram.

Velho não é senão o que perde o interesse pela vida.

Vi que todos aquelles que temiam a vida, as suas represalias ou má sorte, sempre foram infelizes. Os seus temores foram justificados. Commetteram actos indignos que lhes permittiram esperar tal ou qual castigo, tal ou qual dôr, tal ou qual desgraça...

Sonhando

INAUGURAÇÃO DA "CASA SUISSA"

Um aspecto do acto festivo da inauguração da «Casa Suissa», caprichosamente montada pela firma J. P. Moura & Cia., á Avenida Rio Branco, esquina de Assembléa, com café, bar, chá e bebidas finas, honrando nossa capital com um estabelecimento de primeira ordem. Compõe-se a referida firma dos conceituados commerciantes desta praça, srs. José Pinto de Moura, Joaquim Corrêa Monteiro, Manoel Corrêa Monteiro e Antonio Corrêa Monteiro. Será o ponto chic do Rio.

Suggestão é um facto

O "Commandante Ripper", com todo o seu conforto de pequeno transatlantico, commandado por distincto official da nossa gloriosa Armada e servido por um pessoal de *élite* — por mercê de Deus todo elle brasileiro — singrava, veloz, um mar de rosas, rumo ás sempre poeticas e festivas costas nortistas. O bello paquete ia repleto de passageiros, e, cousa singular, todos brasileiros. D'ahi irmos em familia, falando a mesma lingua, num agradabilissimo e seductor convivio.

Dois magnificos *jazz-bands*, um na 1.ª classe e outro na 2.ª, faziam as delicias dos nossos ouvidos, e esquecíamos o perpassar das horas que, mesmo sem os *jazz*, não seriam monotonas com aquelle mar tão calmo e uns companheiros tão amaveis. Não fôsse o trepidar das machinas, e, certo, julgariamos o "Commandante Ripper" parado, tal a placidez dos "verdes mares".

Veneranda senhora que se destinava á Parahyba, em companhia de sua joven e gentil nora, onde já se achavam o filho e o esposo, tambem joven engenheiro, não cessava de proclamar o quanto ambas se sentiam bem, valentes mesmas, sem o menor symtoma de enjôo, embora fôssem "marinheiras" de primeira viagem...

Até eu, que "bati" o record do enjôo, pois já enjoei em secco, em terra firme, no cáes do Rio Grande, só em ver uma lancha *bailar* desordenadamente no meio das aguas um pouco agitadas do porto, — tal qual experimentado Mar e Guerra, — passeava por todo o tombadilho fumando magnifico bahiano, com verdadeiro escandalo para minha esposa, por que eu não fumo.

O outro dia, depois do almoço, em aguas do Espirito Santo, minha esposa trouxe para lermos as revistas que no dia da partida, 10 de outubro do anno findo, havíamos comprado. Eu lia a "Selecta" e ella o "Fon-FON". No melhor da leitura de um conto, sou interrompido por minha esposa para que eu ouvisse o que ella ia ler. E leu uma pagina do escriptor Hormino Lyra — a quem não tenho a honra de conhecer — sobre os meus enjôos de mar, pagina essa inspirada em uma palestra do mesmo escriptor com o meu chefe e querido amigo sr. general Francisco Ramos de Andrade Neves, neto illustre do nosso barão do Triumpho, e uma das figuras mais sympathicas e captivantes do nosso Exercito.

Mal minha esposa terminou a leitura da espirituosa pagina do sr. Hormino Lyra, fui-me sentindo possuido de uma "lezeira" horrivel, molle mesmo, com a vista turva, suando frio, sem coragem para mais nada, arrenegando (sem quebra da disciplina) o general amigo e o escriptor indiscreto e a mim ainda mais por enjoar com um mar daquelles e um dia tão lindo e cheio de sol. Felizmente, a minha "lezeira", isto é, o meu enjôo, ficou entre mim e minha esposa, uma alliada de verdade e de muitos annos, gaúcha destemida, que nunca enjôou nestas minhas muitas viagens do Rio Grande á minha querida Parahyba.

JÁDER DE CARVALHO

DISCOS SEM CHIADO

A MARCA SOBERANA

Gravou electricamente pelo novo processo

VIVA-TONAL

as mais apreciadas arias dos films sonoros

«GLORIFICAÇÃO DA BELLEZA»

5606 (What would'nt I do for that man? — (The Charleston Charses.
(There must be somebody waiting for (me — Clicquot Club Eskines.

«SONHO QUE VIVEU»

5582 (Talking picture of You — Ed Lowrey — (Fox.
(I'm a dreamer (are'nt we all) — Ed (Lowerey — Fox.

5583 (Dance away the night — Valsa — do (film Married in Hollywood.
(Sunny side up — Ben. Selvin & his or- (chestra — Fox-trot.

5207 (Sonhador — Elsie Houston, acompanha- (mento original — Fox.
(Se eu tivesse um film falado de você — (Elsie e Jan., com acompanhamento ori- (ginal — Fox-trot.

5605 (Turn on the heat (a volta do calor) — (The Charleston Charses — Fox.
(When I am house-Keeping for you, do (film The Battle of Paris — Fox.

5608 (I'm dreamer (are'nt we all?) (Paul Whiteman & his orchestra.
(If I had a talking picture of you (Paul Whiteman & his orchestra.

«DIZ ISSO CANTANDO»

5600 (Little Pal — James Melton — Valsa (Why can't you — James Melton —Valsa.

5601 (Used to you — Fred Rich & his orches- (tra — Fox.
(Why can't you — Fred Rich & his ors (chestra — Fox.

5602 (Seventh heaven — Paul Whiteman & (his orchestra — Fox.
(Little Pal — Paul Whiteman & his or- (chestra — Fox.

NÃO DEIXE DE ADQUIRIL-OS — A' venda em todas as boas casas

Distribuidores jeraes:

BYINGTON & CO.

RUA GENERAL CAMARA, 65

RIO DE JANEIRO

"Você é injusto! Eu, tão doente e Você ainda por cima fica de máo humor, como si eu tivesse a culpa!"

Não importa saber si é ou não injustiça.
É a realidade: os maridos se contrariam quando as esposas adoecem! São portanto máos enfermeiros e quasi sempre acham que as esposas foram imprudentes!
E quantas vezes elles têm razão! Quantas doenças as Senhoras podem evitar ou combater aos primeiros symptomas, bastando para isso a prudencia de terem em casa um vidro do grande remedio

A SAUDE DA MULHER

que evita e combate todas as molestias do Utero e dos Ovarios, taes como Colicas Uterinas, Flores Brancas, Regras Demasiadas, Falta de Regras, Males da Edade Critica, Rheumatismo, Inflammações do Utero e dos Ovarios.

Usar A Saude da Mulher é uma medida de sabia prudencia, não só para o cuidado da saude como tambem para a defeza da felicidade domestica, porque A Saude da Mulher mantem integral e constante o encanto do Marido.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 22

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1930

A Desfiguração do Ideal

CAIRA, no pequeno grupo do salão, um silencio repousante. A noite se desmanchava em estrellas frias e desmaiadas, sobre as rosas brancas do jardim, que eram as estrellas da terra. Do salão vizinho, de envolta com gorgeios de vozes femininas e risadas curtas, veio este retalho de phrase: ...."o meu ideal!..."

Fumando, displicentemente, o dr. Anselmo fitou-me com um sorriso. Depois, voltou o mesmo sorriso para a formosa Mme. Côrtes, e commentou, sob uma baforada azul e transparente:

— E' a eterna canção: "o meu ideal"!

Mme. Côrtes, cincoenta annos agonizantes, avançando para a velhice, suspirou:

— A eterna canção, que é sempre linda nos labios da mocidade...

O dr. Anselmo approvou-a com um signal de cabeça. Mme. Côrtes assumiu uma attitude sonhadora, olhando a noite subir docemente, com o seu sequito de astros palpitantes e os seus farrapos de nuvens.

Tomei a palavra:

— Dá licença, Mme. Côrtes?

— Pois não, meu amigo.

— Permitte um aparte, dr. Anselmo?

— Com o maior prazer...

Puz de lado a revista que folheava, e observei:

— Louis Bertrand, um romancista francez, encantado com o Deserto, escreveu num dos seus livros sobre a Algeria: — "Je suis dans un monde de chiméres oû les formes inépuisables s'écroulent á peine ébauchées..." A mocidade não é senão esse mundo de chimeras.

E' nelle que alimentamos o sonho do nosso ideal. A' medida, porém, que avançamos para alcançal-o, elle nos foge como as miragens do Sahara.

— Perdão, doutor, — atalhou o dr. Anselmo, homem pratico e pouco fantasista, com a sua cadeira de Anatomia na Faculdade de Medicina de X.... — A sua imagem é antiga como o orbe. Todos já a conceberam e descreveram, sem que a mocidade deixasse de sonhar e de crer na existencia do seu ideal!...

Mme. tomou a minha defesa:

— As estrellas tambem são velhas; e, no emtanto, são o encanto dos nossos olhos mortaes e miseraveis.

— Obrigado, Madame.

Prosegui:

— Sim, dr. Anselmo, o que eu devia focalizar não era a imagem, mas a reflexão que esta me inspira.

— Nesse caso, retiro a minha advertencia...

E eu disse, então, num paradoxo, que a mocidade podia ter razão em sonhar. Mas era tão penosa a inutilidade do sonho, que melhor fôra vêr a vida pelo seu prisma real. Vel-a de frente, tal qual éra...

O dr. Anselmo objectou:

— Anatole France diz que a existencia seria intoleravel, si não houvesse o sonho a embellezal-a.

— O maior encanto das almas é o do mysterio — aparteou Mme.

— Mas o ideal é a felicidade de Maeterlinck: — "l'oiseau bleu", que não se encontra, jamais.

— Podemos construil-o ao sabor da nossa fantasia.

Sorri, tristemente. E lamentei:

— Tem sido esse o meu erro, até hoje.

E depois de uma pausa:

— Todos os ideaes que tenho construido, á imagem da minha fantasia, se desfiguram, se deformam, se esboróam, ao primeiro contacto com a realidade da vida...

BASTOS PORTELLA

Miss Grant, que veiu dos Estados Unidos com a missão de estabelecer o intercambio artistico entre o seu e o nosso paiz, tendo sido portadora de varias telas destinadas á pinacotheca da Escola Nacional de Bellas Artes, foi homenageada, quarta-feira penultima, pelo embaixador Morgan e pelo «Women's Club of Rio de Janeiro», na séde da embaixada dos Estados Unidos, onde se realizou uma recepção em sua honra. Por essa occasião, miss Grant fez interessante palestra sobre a arte americana.

GLYCINIAS

E tu não regressas, e eu continúo a esperar-te, a esperar-te...

Não sei onde estás, que não attendes á radiographia do meu coração. Deste pobre e desoiado coração que, quasi perdido no immenso oceano da amargura, lança em vão, ha tanto tempo, nas aguas do desespero, o SOS da saudade.

E teu coração — batel feliz navegando em outro mar — não recebe as mensagens [illegible].

E o temporal augmenta, e eu vou sossobrar longe de ti...

Porque tu não regressas e eu continúo a esperar-te, a esperar-te...

O Club dos Bandeirantes do Brasil prestou, no ultimo sabbado, uma tocante e expressiva homenagem aos veteranos da guerra do Paraguay, offerecendo-lhes um almoço, que teve a presença dos srs. ministros da Guerra e da Marinha e de outras autoridades militares.

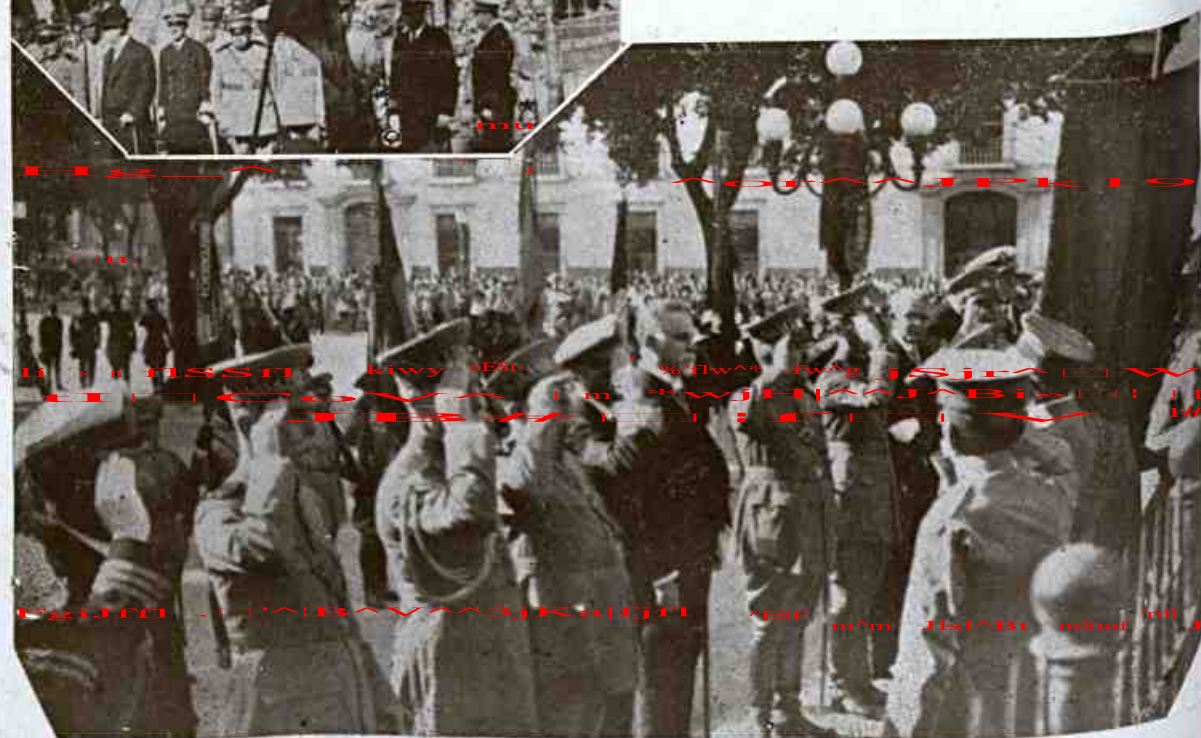
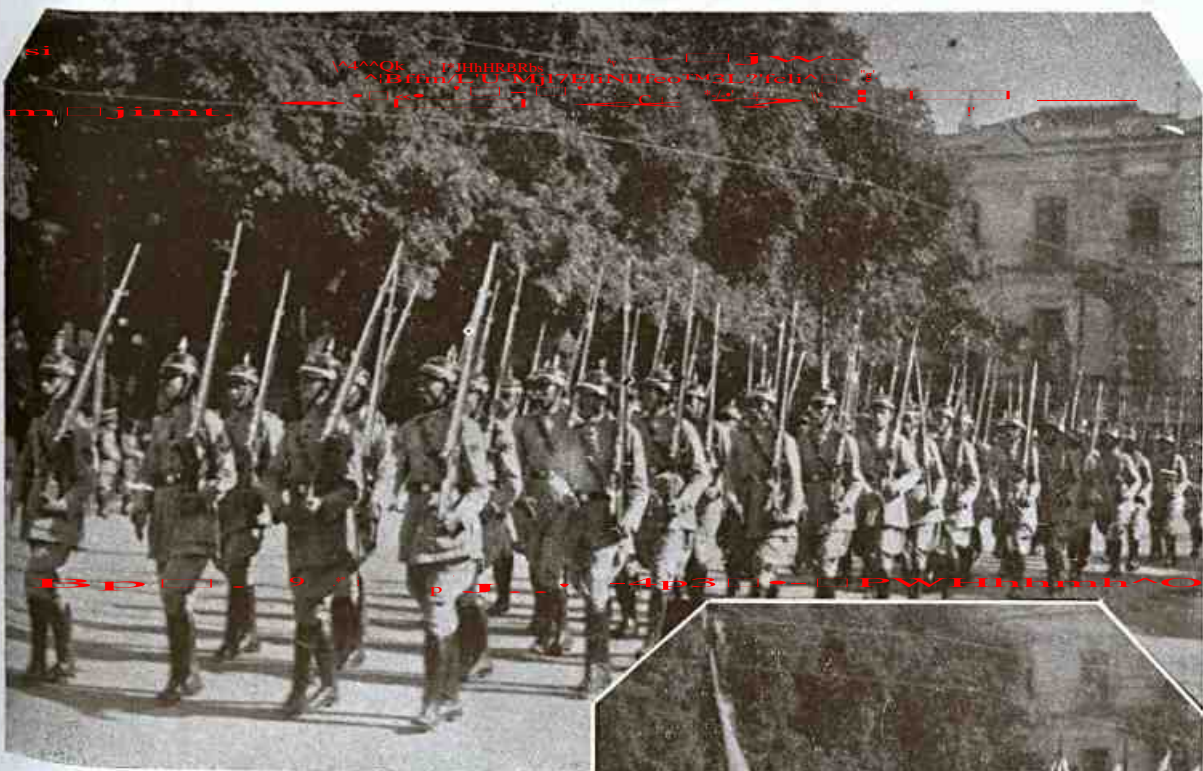
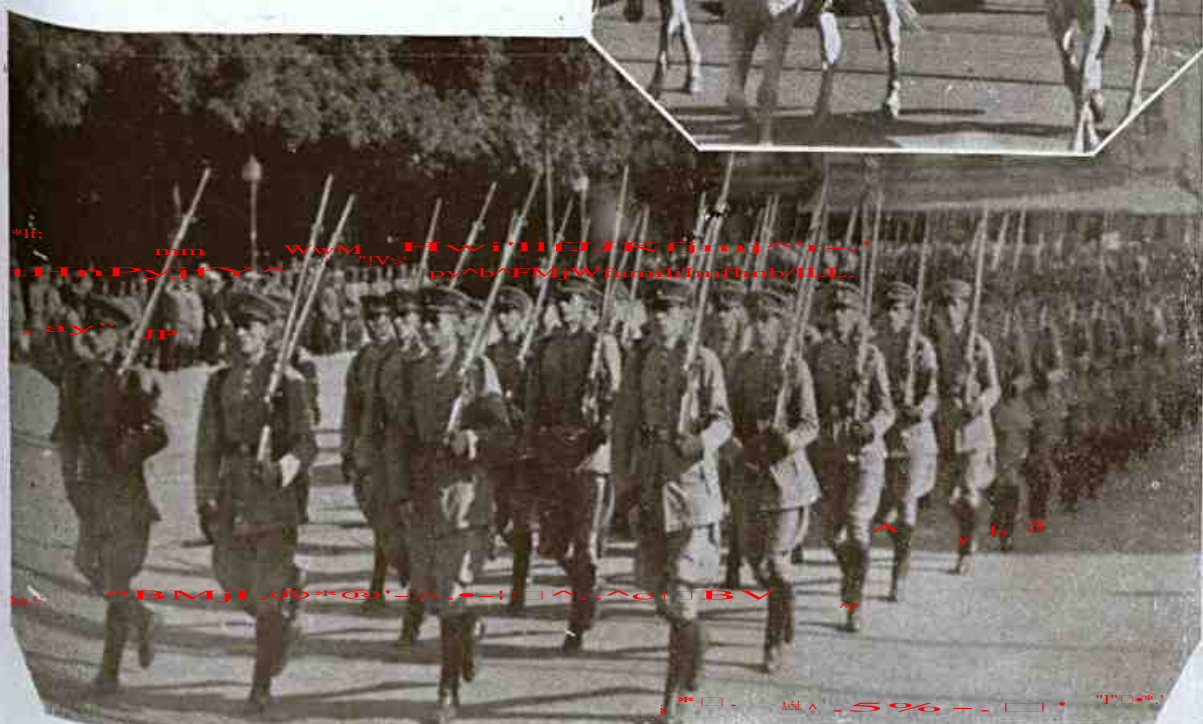
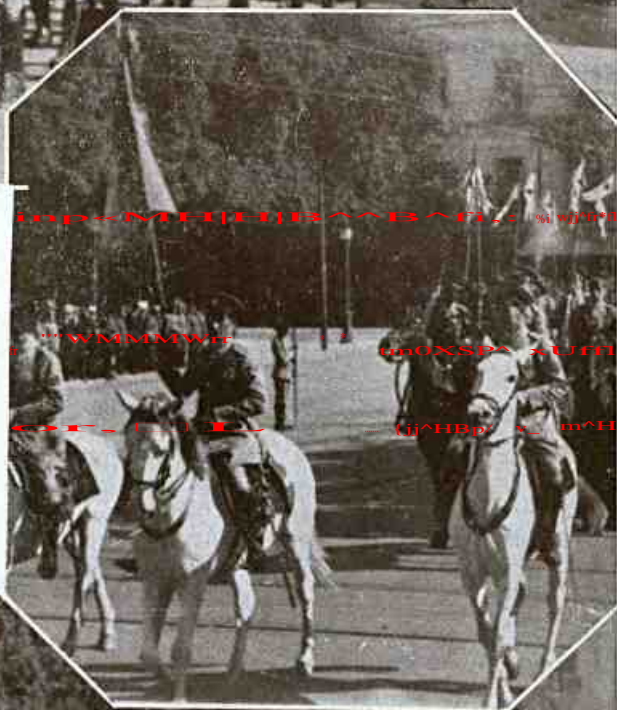
A data da revolução da independencia argentina foi commemorada nesta capital com a recepção que o sr. embaixador da grande nação platina e a senhora embaixatriz Mora y Araújo offereceram, domingo á tarde, no palacete da rua Senador Vergueiro. Foi uma festa diplomatica de alta expressão social, pelos elementos distinctos que povoaram fidalgamente os salões da séde da embaixada argentina, e entre os quaes sobresahiam representantes do mundo official e figuras da «élite» carioca.

Vingança

Por MAURA DE SENNA PEREIRA

Quando uma dolorosa circumstancia prohibe que o homem desfie a camandula das alegrias que endeusou, bôas e bellas, saudaveis ou doidas, creando unicamente nas suas horas e nos seus privilegios, pequeno demais para comprehender a causa ignota da sua felicidade, grande demais para buscar-lhe inutilmente a origem no alto mysterio da vida — a vingança unica, humana e deliciosa, apesar da infernal insatisfação que offerta, é realizá-as através do sonho...

Olhos postos além de todas as realidades odiadas, de todos os pesares diarios, de todas as ironias presentes; na ventura perdida, reconstruida pelo ideal — e o homem terá o supremo recurso para illudir a sua vontade e suavizar a sua desdita.

Realizou-se sabbado ultimo, com grande brilho militar, a commemoração annual do anniversario da batalha de Tuyuty, feito glorioso das armas brasileiras. Tropas do Exercito, da Marinha, da Policia Militar e do Corpo de Bombeiros formaram na praça 15 de Novembro, desfilando garbosamente deante da estatua do general Osorio, onde o sr. presidente da Republica se achava acompanhado de outros membros do governo e altas patentes militares.

Tres aspectos da formatura com que as nossas forças de terra e mar commemoraram, no ultimo sabbado, mais um anniversario da batalha de Tuyuty e reverenciaram a memoria do grande chefe militar que foi o general Osorio. As tropas desfilam, ahi, em continencia ao presidente da Republica e ao monumento do vencedor de Tuyuty, adornado de flores pelas mãos gloriosas de alguns sobreviventes da memoravel batalha.

ROSAS de VELLUDO

O amor que você quer matar...

Você agitou na minha vida mais uma illusão dessa felicidade que não consigo alcançar. Dessa felicidade que me foge sempre, silenciosa e impassivel deante dos meus appellos tumultuados. Você, que tanto me fascinou pela sua ternura melancolica e que derramou na minha alma um pouco da esperança dos seus olhos verdes, teve medo de mim quando sentiu, no coração, a violência da minha angustia de emotivo, e quando percebeu que o meu amor era muito maior do que a sua desventura. E fugiu da minha inquietação sentimental. E resolveu fazer a greve do silencio. Ha longos dias que eu, inutilmente, espero uma palavra sua para a minha saudade. Ha longos dias que eu, inutilmente, aguardo a suavidade daquelle perfume epistolar em que você me mandava toda a envolvente doçura do seu coração desolado. Ha longos dias que eu, inutilmente, penso em você...

Seus olhos côr de esmeralda estão cada vez mais distanciados de mim. E eu que suppunha que o seu verde luminoso e triste fosse, afinal, a minha esperança, que chegava... Aquella esperança que eu apenas vejo, porque não posso tocal-a. A esperança da felicidade...

Você não me disse que não me queria. E até me consolou com aquella doce promessa que foi tudo quanto você me deu... Mas eu presinto, neste fim de outomno, cahindo com as ultimas folhas, a morte do nosso amor. Do nosso amor, que nasceu tão tarde e tão cedo quer findar... Ainda é tempo, minha linda illusão de olhos verdes, ainda é tempo de evitar o desapparecimento da primeira e única esperança da nossa vida. Ainda é tempo de evitar que fique no prólogo um romance que começou tão bem...

Não retroceda. Não recúe. Tenha confiança em você, como eu tenho confiança em mim. Seu coração ha de ser assim como os seus olhos: melancolicamente verde. Desbrave a arvore da duvida, que projecta sobre elle a sombra do desengano.

Você não acredita mais nos homens? Eu tambem não acredito. Penso exatamente como você. Como você, acho que todos elles são uns fingidos. Mas acho, também, que sou differente de todos elles. Tão differente, que acredito nos seus olhos verdes... Acredito nos seus olhos e na melancolia com que você illumina a minha solidão... Acredito em você. Acredito na sua amargura feminina. E acredito, sobretudo, ó minha grande e longínqua fascinação, acredito, sobretudo, nesse amor jovem que o seu desalento quer matar...

Mauro de Alencar

Faianças

Os sonhos e as estrellas

"Sonho desfeito..." E' uma phrase vulgar. E' mesmo um logar-commum, que se encontra, a cada passo, nos romances de amor e nas epistolas amorosas...

Que vem a ser um sonho desfeito? Antes de tudo, falemos um pouco do amor.

Sim, porque todos os sonhos humanos são satellites de sombra e perfume, girando em torno ao amor — o maior e o mais bello dos sóes. Pois Dante não escreveu:

Amor che muove il sole e l'altre stelle?...

Falemos do amor... Foi La Rochefoucauld quem teve esta reflexão: "Il en est du véritable amour comme de l'apparition des esprits; tout le monde en parle, mais peu de gens l'ont vu".

Quer isso dizer que o amor verdadeiro é uma coisa rara. Difficil. Poucas vezes o vemos e encontramos na vida...

Dahi os nossos sonhos...

Como quem constróe castellos de rosas, ou de areia, sobre a praia, construimos tambem os nossos sonhos, em torno ás excelsitudes do amor.

Um amor cheio de encanto e maravilhas.

O homem concebe a sua "princesse lointaine", a sua "Belle au bois dormant", na doce esperança de encontral-a para a festa ruidosa do seu coração desassocegado...

A mulher — segundo a attitude da sua fantasia, da sua força idealiva, da sua energia creacional, — concebe a doce imagem de um joven "prince charmant"...

E, dentro desse bello sonho, que é nosso mundo de idealidade, rodando em volta do amor, a nossa vida vae passando por todas as latitudes e longitudes, indo de um hemispherio a outro, do polo sul ao polo norte...

E morremos, quasi sempre, dentro desse nosso mundo, sem jamais tocar o amor que o illumina e redoura...

Eu hoje, emquanto o meu pensamento foge para aquella que foi a minha "princesse lointaine", — sem que eu fosse o seu "prince charmant" — sinto que a minha vida gira dentro do meu sonho...

Mas o meu sonho se apaga, lentamente, como as estrellas de ouro, perdidas nas espheras azues... Como as estrellas, porém, a sua luz se ha de projectar, através dos seculos, sobre a imagem da creatura querida, da minha "princesse lointaine"...

Dilke de Barbosa Rodrigues é uma joven, mas, indiscutivelmente, victoriosa escriptora, que acaba de firmar o seu nome com as paginas coloridas e sempre rendilhadas desse formoso romance de amor que é «Entre esmeraldas e rubis». Realmente, o primeiro livro de Dilke de Barbosa Rodrigues é uma obra encantadora.

O coração feminino...

Uma sentença justa de Machado de Machado de Assis: "O capricho é o fundo do coração de todas as mulheres."

E Alfred de Musset exclama: "O Dieu! de quoi se plaignent les hommes? Qu'y a-t-il de plus doux que d'aimer?"

Ora, deante disso, a pergunta que se impõe é a seguinte: Como é possivel amar, si o amor, quando repousa no fundo do coração da mulher, o encontra forrado de capricho?

Sim! Talvez seja doce amar e querer bem, sinceramente, mas quando temos a certeza de que não ha o capricho por baixo a destruil-o, pouco a pouco; a dissolvel-o com o terrivel corrosivo que é o capricho para o amor.

(Conclúe na pag. 35)

Trepações

MADAME andou assustada e não perdia uma só opportunidade para *metter a lingua* no governo.

Dizia cobras e lagartos, e pouca gente comprehendia a feroz opposição de *madame*, que não parecia ter nenhum interesse em jogo, para seguir com tanto nervosismo os debates do Parlamento.

Mas, agora passou a agitação de *madame*, porque alguem, que esteve sob a ameaça da madeira... conseguiu abiscoitar a cadeira ambicionada.

Está garantido o subsidio, e a costureira tambem se acha garantida...

A costureira e outras coisas mais.

Até o marido de *madame* se garantiu do seu socego, porque o subsidio tem uma fôrça extraordinaria, quasi sobrenatural...

O advogado estava acompanhado da senhora, em compras pela cidade.

Elle tem o cuidado de não deixar a esposa vir á cidade, sózinha.

Ella gabava a delicadeza do esposo, pois o gesto já não é commum nos tempos que correm.

Realmente, hoje, emquanto as senhoras fazem compras, os maridos tratam da vida, isto é, de arranjar dinheiro para fazer face ás necessidades e fantasias da cara metade.

— Vejam que felicidade! Que maridinho exemplar! — diziam as amiguinhas de *madame*.

Porem, o advogado assim agia muito de plano, para não ser pilhado em flagrante delicto...

E um golpe de azar deixou o nosso amig. numa situação depicravel.

Imaginem que elle, depois de andar de um lado para outro, acompanhou a esposa até o bonde, rumo de casa, despedindo-se sob a allegação de que necessitava ainda ficar na cidade para resolver no escriptorio alguns negocios.

Madame, no bonde, encontrou-se com uma amiga e, influenciada por esta, resolveu com ella saltar do vehiculo rumando para um cinema do quarteirão Serrador.

O negocio do advogado era tambem para o mesmo lado...

Elle encontrou-se com uma dona bôa e penetrou muito lampeiro na sala do cinema, onde se achava a esposa.

Ella percebeu logo de principio a maroteira o agiu com a devida energia.

Passou-lhe o braço e arrastou o marido do lado da outra.

Na rua, tomaram um taxi, discutindo com calor.

A amiguinha de *madame*, autora do convite para o cinema, comprehendeu tudo, mediu a extensão do escandalo e deu com a lingua nos dentes.

Pouca sorte...

ESSA historia de concurso de belleza está transtornando a cabeça de muita gente bôa.

Muito rostinho de chromo de folhinha foi elevado á categoria de formosura, com direito a entrevistas nos jornaes, presentes de caixas de sabonetes, espectaculos de gala, etc. porfiando na cavação de votos para a conquista do titulo de Rainha.

Ah! isto então...

Dois lindos sorrisos infantis fixados pela arte serena de De los Rios. As crianças são filhas do dr. Gastão Charp.

Ser apontada como a mais bella não é lá para qualquer uma.

Só mesmo por encommenda, ou melhor, sob medida...

Pois a menina de olhos azues, ainda desta vez, apesar do trabalho de propaganda exhaustiva dos amiguinhos, não conseguiu, siquer, o titulo de *miss* do bairro onde suppõe deslumbrar o resto da humanidade.

E, como não conseguiu realizar um dos seus bellos caprichos femininos, *quem pagou o pato* foi um militar que andava com pretenções de tomar a praça...

Ora, que tem o pobre do rapaz com o fracasso da ex-futura *miss*?...

Não teve força para cavar votos? Será este o motivo?..

A sala do theatro francez é sempre campo vasto para observações interessantes.

Pouca gente vae ao Municipal para assistir ao que se passa no palco.

A maioria dos assistentes vae para analysar as *toilettes* e para *trepar* na vida alheia.

São simplesmente deliciosos os *potins* dos corredores.

Sabe-se de coisas...

Corta-se na pelle do proximo, sem dó nem piedade.

— Onde andará o casal, (e cita-se o nome do casal), que este anno não appareceu?

E um senhor de casaca, typo do banqueiro 20 % ao mez, esclarece:

— Não tiveram numerario para custear as despesas da *saison*. Estão passando por uma crise bastante aguda, posso garantir, porque já recebi algumas visitas do marido e tenho as promissorias no cofre...

— Muito me contas!

— Isto era fatal: a mulher gastando de um lado e a franceza de outro...

— Ah! então...

— Mas, a franceza vi deu o fóra.

— Naturalmente...

— E, si a crise persistir, a mulher fará o mesmo.

— Que está me dizendo!

— *Silence*...

Quizemos ouvir o resto, mas não foi possivel.

A nossa attenção foi, então, desviada para a porta de uma frisa, cujo occupante tem um habito detestavel.

Nos intervallos, a porta fica entreaberta, e o *cavalheiro*, (será?) observa, de dentro, quasi occulto, o que se passa nos corredores.

Curiosidade?

Não. Falta de educação, apenas...

A bordo do «Giulio Cesare», que ha dias deixou o porto desta capital, com destino a Genova, viajou, em companhia de sua exma. familia, o dr. Porto da Silveira, nosso illustre confrade de imprensa e delegado geral do Estado do Paraná na obra de propaganda do matte brasileiro nas Americas Central e do Norte. Da Europa, o distincto jornalista e escriptor se transportará para os Estados Unidos, onde continuará a desenvolver sua util e efficiente acção no sentido de firmar, naquelle grande mercado mundial, a collocação do valioso producto da nossa flora. Ao embarque do dr. Porto da Silveira, que se realizou no cáes da praça Mauá, compareceu crescido numero de amigos e admiradores do distincto casal. A' senhora Porto da Silveira foram offerecidos varios ramos de flores naturaes.

FAIANÇAS — CONCLUSÃO

Machado de Assis talvez esteja com a razão. Mas creio que no fundo do coração de uma creatura indulgente, abnegada e sublime o capricho domine.

Este é o apanagio das almas endurecidas, das sensibilidades neutralizadas pelos sentimentos rudes e egoisticos.

Ha quem o interprete como uma forma do orgulho e, consequentemente, do amor proprio. Mas si capricho quer dizer isso, eu acredito que o amor proprio é uma expressão de requintada maldade. Pelo menos, maldade em martyrizar aquelle que ama. Aquelle que se desvela, soffre e vive por alguem, cujo coração é pequeno para conter os seus sentimentos egoisticos.

Póde ser que eu não tenha sabido defender a minha these. Mas tenho certeza de que fui bater a um coração que é forrado de capricho como uma mesquita de tapetes de Smyrna...

A Sociedade Juridica Santo Ivo promoveu, a 21 do corrente, varias solennidades para commemorar o dia de seu patrono. Entre essas cerimonias, sobresahiu a missa em louvor de Santo Ivo, que s. ex. revma. o sr. arcebispo d. Sebastião Leme celebrou na manhã daquelle dia, na Cathedral Metropolitana, e após a qual foi tomada a photographia acima.

O Presidente de Cuba

General Gerardo Machado, presidente da Republica de Cuba.

A data nacional cubana, marco milliario da vida da Perola das Antilhas como nação independente, occorrida ha poucos dias, é motivo sufficiente para que, em nossas paginas, rendamos hoje sincera homenagem ao grande estadista que rege os seus destinos e encarna o seu espirito de progresso e de paz.

Entre os homens de Estado contemporaneos da America Latina, o general Gerardo Machado, presidente da Republica de Cuba, occupa naturalmente um logar de destaque, pois que a sua personalidade, de modo decisivo, se reflecte sobre a sua obra naquella ilha rica e bemfadada, e os seus actos estão intimamente ligados ao momento historico que vive o seu paiz.

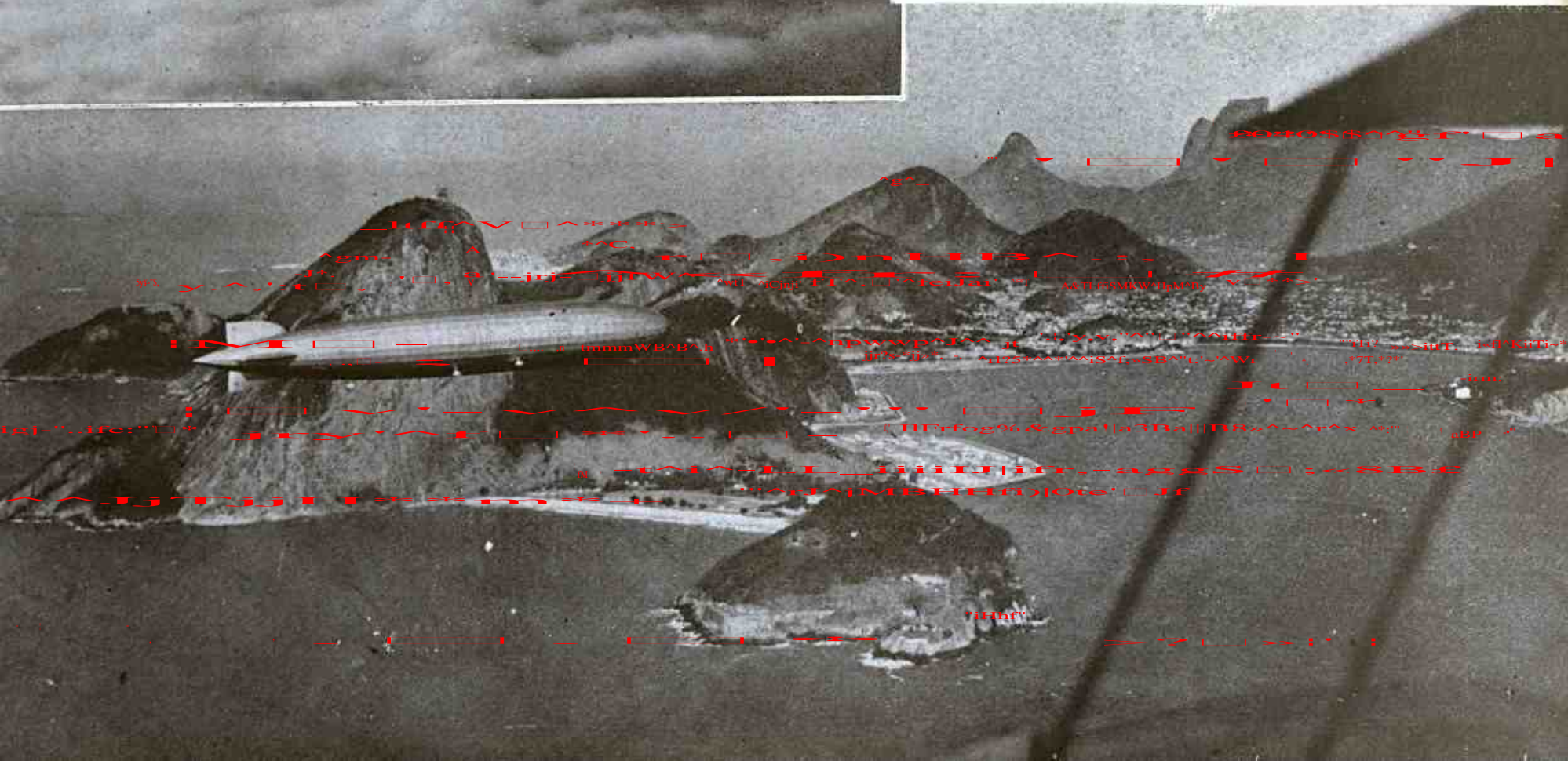
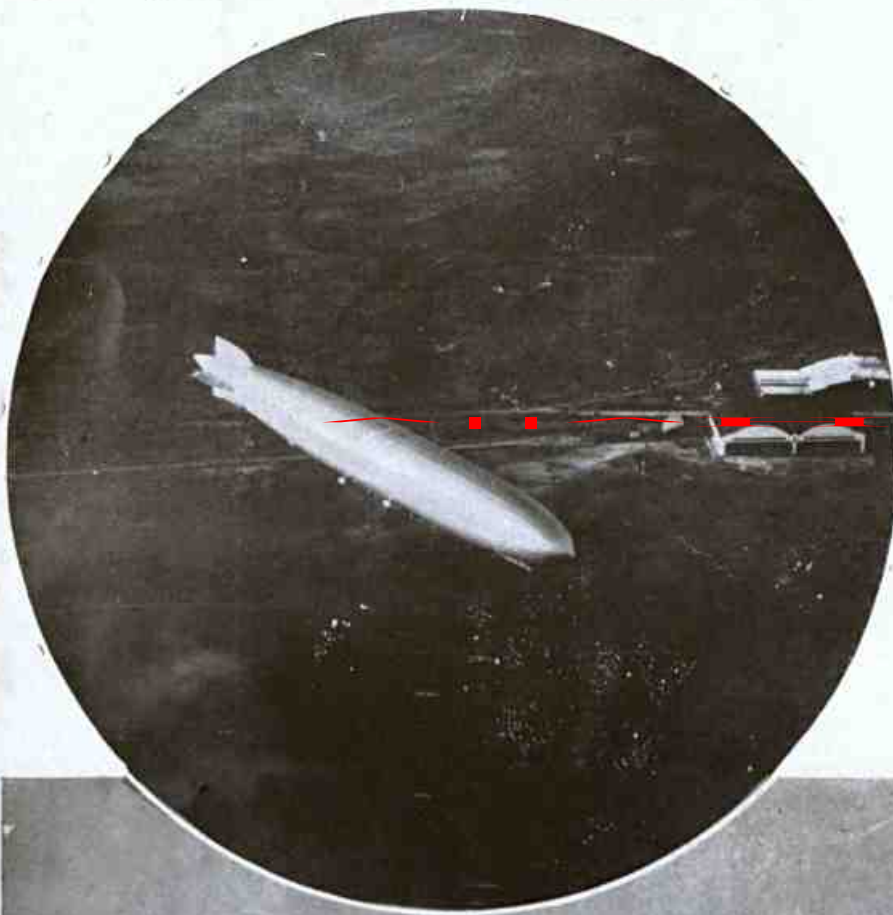
Recentemente, o escriptor cubano Pedro Gonzalez Blanco publicou em Madrid um livro sob o titulo *El general Machado o la autoridad rescatada*, no qual estuda viva e profundamente a figura do notavel cubano. Podemos conhecer assim sua genealogia, remontando os seculos até os tempos heroicos da conquista de nossas terras pelos peninsulares; como combateu galhardamente pela independencia de seu paiz, ascendendo nos poucos annos de campanha de simples chefe de guerrilha ao posto de general de brigada. Energico, sobrio, valente, leal, ingressou na politica sob a bandeira do liberalismo. A sua vida particular notteou-se em diversas actividades: fazendeiro, commerciante, industrial. Em 1924, o voto popular levou-o á suprema magistratura.

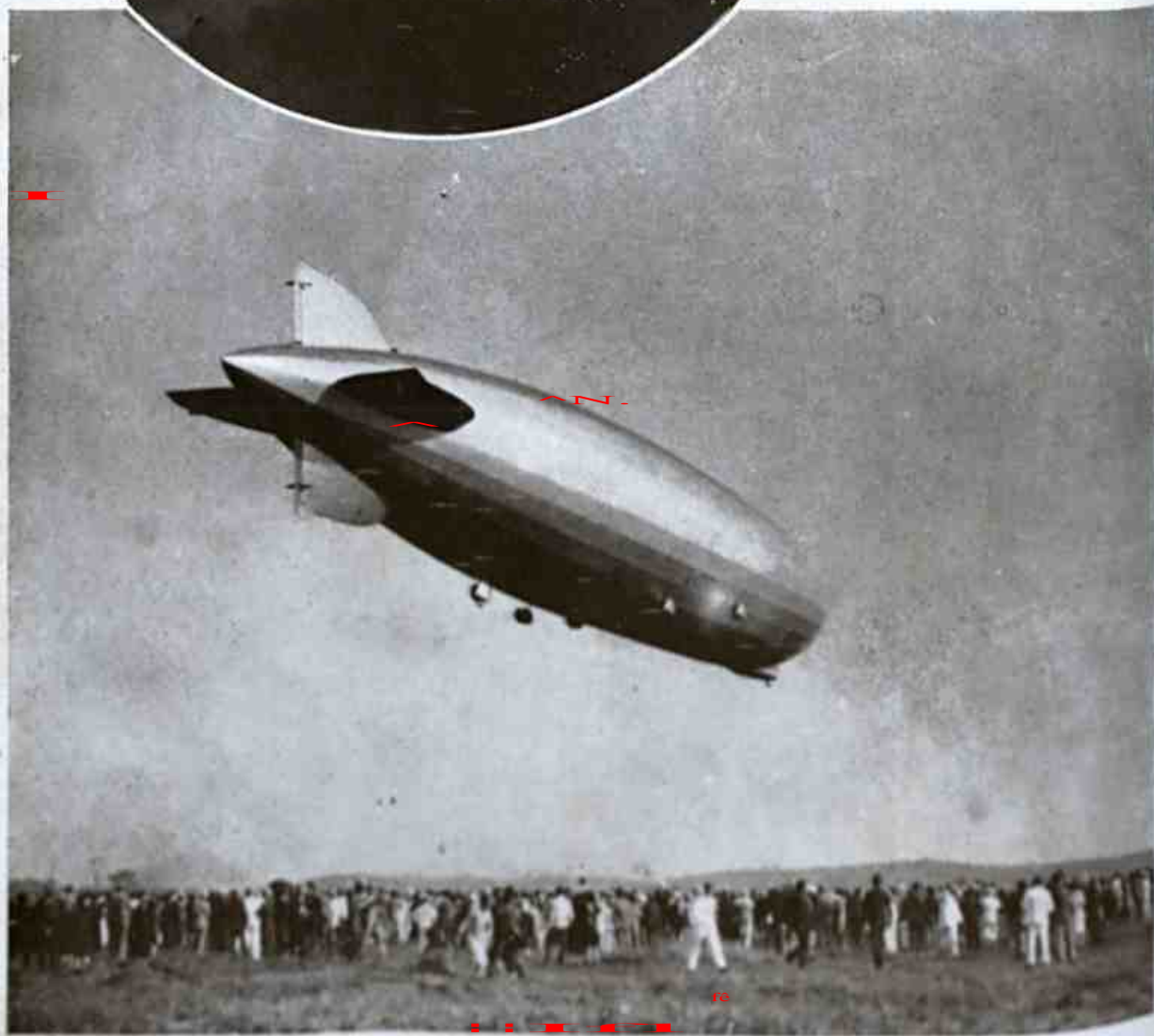
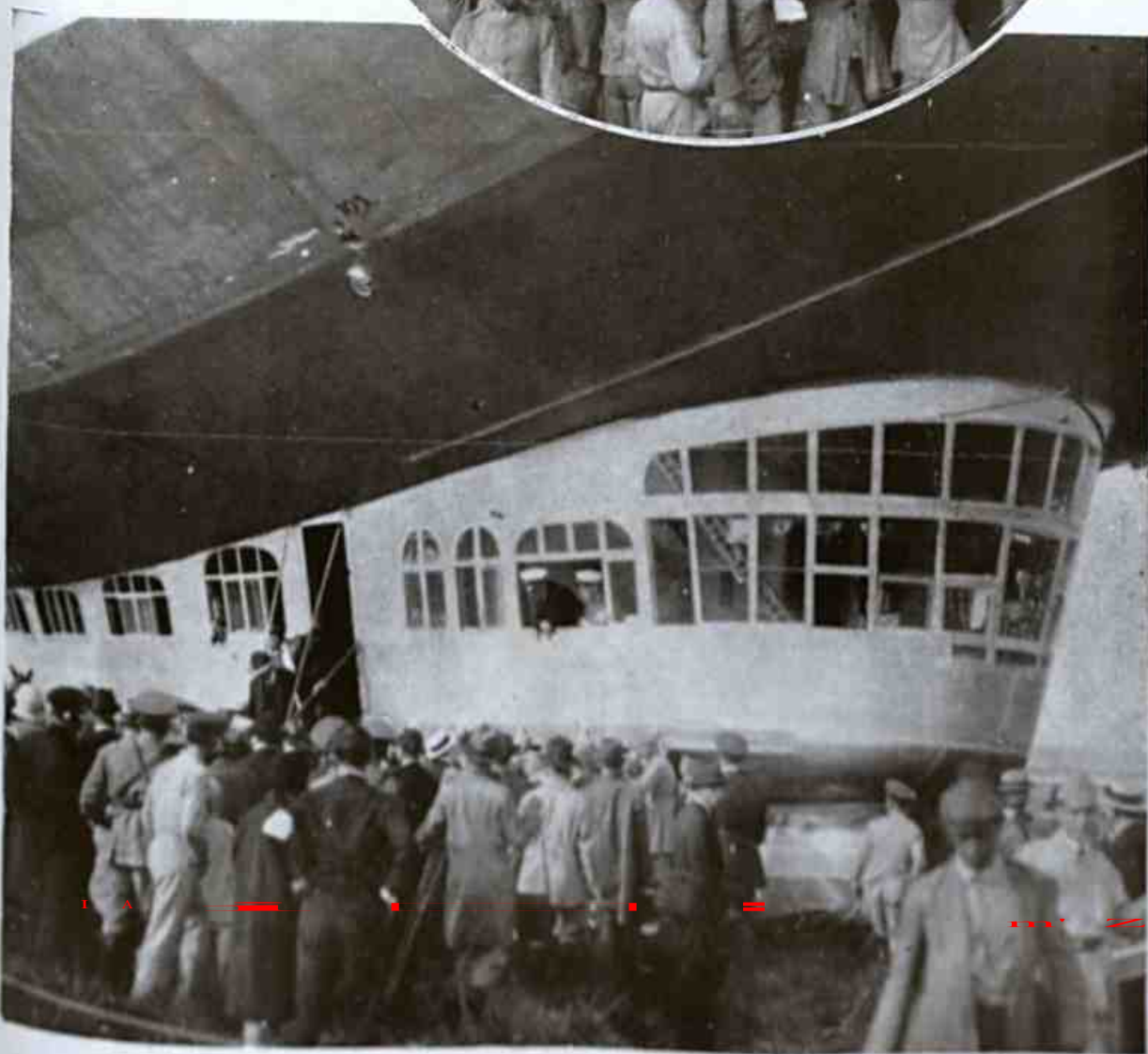
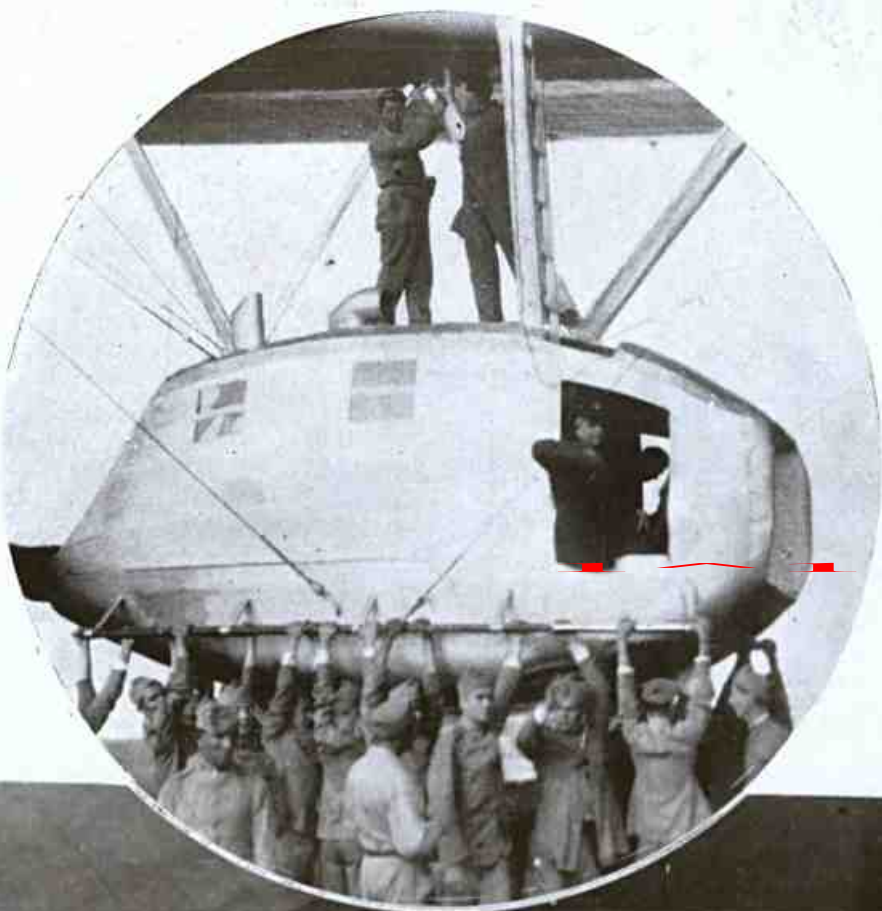
Idéas liberaes de alto descortino em materia de administração, de politica e sobretudo de educação, prega em documentos publicos antes e depois da eleição, consagrando-as mais tarde na pratica governamental. Reforma a constituição, resolve definitivamente os tratados com os Estados Unidos. Intensifica o espirito panamericano. Assegura a independencia do poder judiciario. Reorganiza a instrucção publica nas bases do desenvolvimento da instrucção primaria, da intensificação dos estudos classicos e da autonomia universitaria. Preoccupa-se com a questão operaria, promovendo a elevação dos salarios, formando o codigo social, constituindo a Secretaria e o Conselho do Trabalho. Combate a usura. Melhora a collecta das rendas e promove a honestidade de sua applicação. Inicia obras publicas novas e termina as começadas. Protege a agricultura. Dilata o campo dos serviços de hygiene. Desenvolve os sentimentos militares.

Eis ahi um resumo da obra fecunda do chefe da nação cubana. Pelas suas qualidades invulgares de caracter e pelos seus raros dotes de intelligencia, é digno o general Machado de ser o representante legitimo do espirito da nação cubana, pequena no territorio, grande no esforço e no valor. A esse espirito encarnado no eminente estadista, tributamos hoje a homenagem de nossa enthusiastica admiração.

Subscrevemos as palavras de Gonzalez Blanco: "Quando entre los valores dominantes de una nación se tropiezan con espiritos de la contextura cosmica del general Machado, ese pueblo está en camino de todas las posibilidades..."

O «Graf Zeppelin» na madrugada de domingo ultimo, entre as nuvens, na occasião em que esperava, fóra da barra, a hora de entrar na cidade, rumo ao Campo dos Affonsos. Vê-se, ainda, na gravura, a magestosa aeronave singrando os ares, sobre a bahia de Guanabara. Foi um imponente espectaculo, que muito empolgou a nossa população.

(Estas photographias, bem como outras aéreas que publicamos em nossa edição de hoje, foram tomadas pelo tenente Kfuri, de bordo do apparelho 332, da nossa Aviação Naval, pilotado pelo mallogrado capitão-tenente A. Dias Costa, morto tragicamente no desastre de terça-feira, e cedidas gentilmente a FON-FON pelo director da Aeronautica.)

Banhado pela claridade dos tropicos e pelo ouro luzente do Cruzeiro do Sul, aberto nas grandes noites brasileiras, passou sob o céo da nossa patria e pousou sobre as terras do Brasil o «Graff Zeppelin», depois de uma arrojada travessia em que foi posto á prova, mais uma vez, o valor do nobre povo germanico. Essa visita, pondo-se de lado o seu objectivo commercial, teve, portanto, uma dupla significação para nós: — a de vermos realizado o sonho do nosso patricio Augusto Severo, pioneiro, heroe e martyr da navegação aerea, e o de um testemunho eloquente da amizade e da sympathia que, cada vez mais, vinculam, num só laço de cordialidade, as raças brasileira e allemã.

B.

Era immensa a multidão que se espalhava no Campo dos Affonsos, onde aterrissou o grande dirigivel «Graf Zeppelin». A' medida que a aeronave descia e se realizavam as manobras para a respectiva aterrissagem, a curiosidade crescia, e dentro em pouco a multidão delirava. E' que o navio dos ares tocava o solo da nossa praça de guerra, podendo ser admirado de perto, nas suas linhas geraes. As gravuras que estampamos aqui reproduzem varios aspectos dessa manhã de façanha aeronautica. Vê-se nellas o «Zeppelin» descendo e já em terra, quando era seguro pelos soldados do exercito que foram utilizados para esse serviço.

FINIS VITAE

Pela estrada da vida, alegremente,
Marchei ouvindo os passaros vizinhos!
Aspirei, no perfume, a alma dolente
das rosas florescendo nos caminhos!

Trilhando atalhos, tive a dôr pungente
Dos que pervagam tropegos, sozinhos!
E' quanta vez correu meu sangue ardente
Das feridas rasgadas nos espinhos!

Assim — prazer e dôr — me deu a sorte...
Agora que ao repouso me convida,
Ha de empolgar-me no final transporte,

Num surto de emoção indefinida:
— Toda a esperança que me traz a morte!
— Toda a saudade que me deixa a vida!

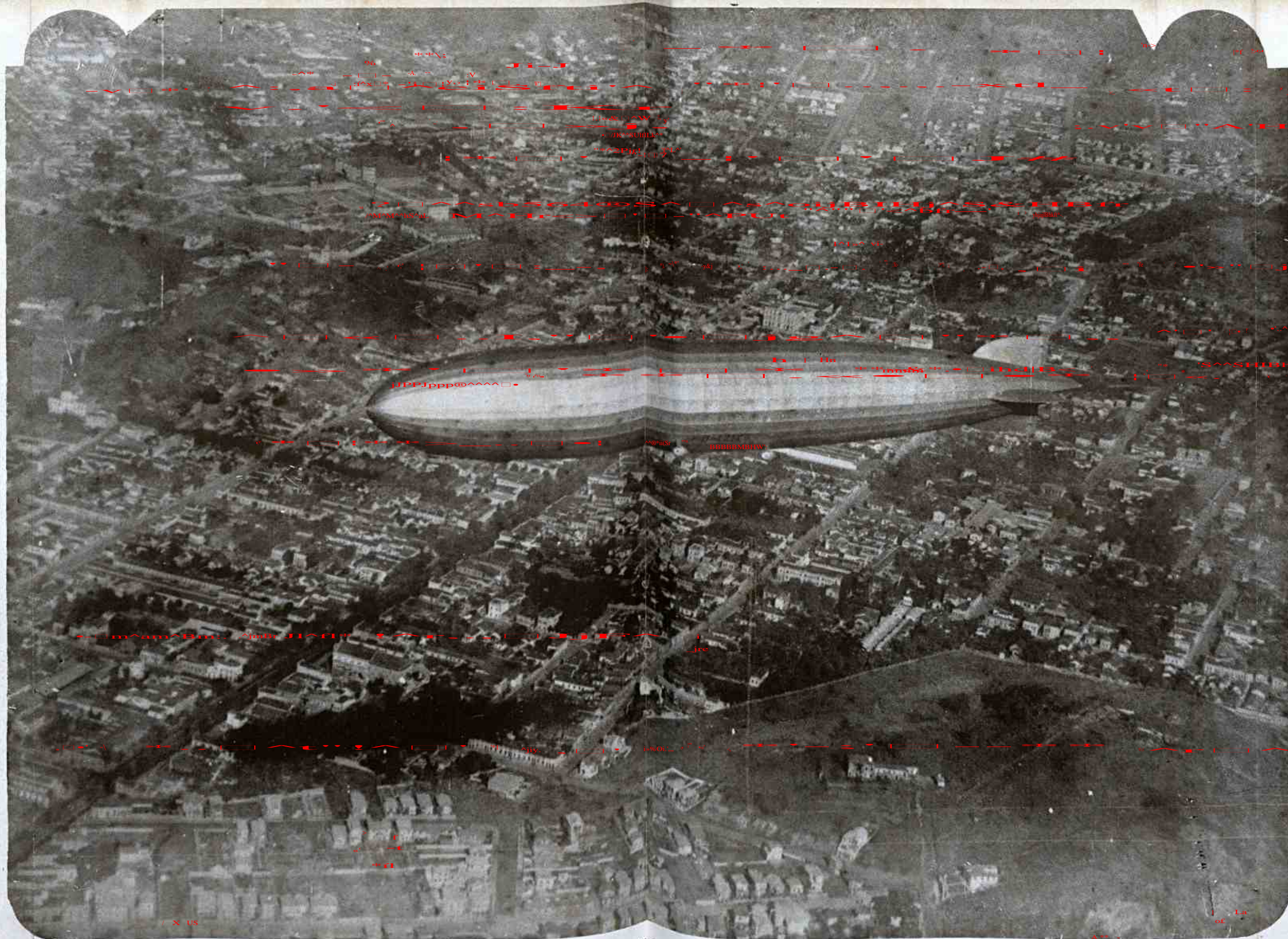
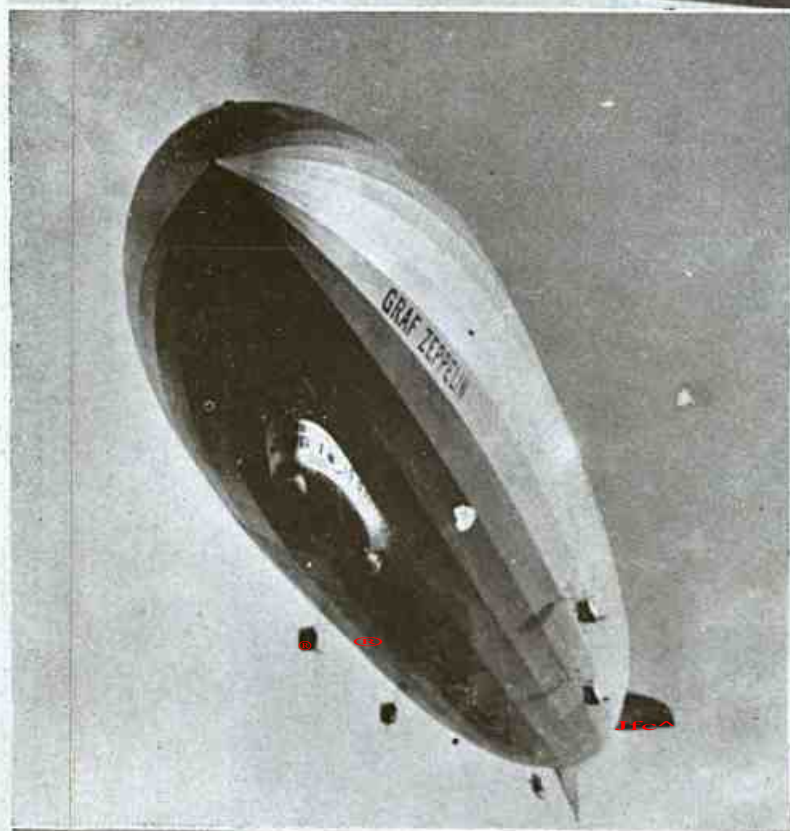
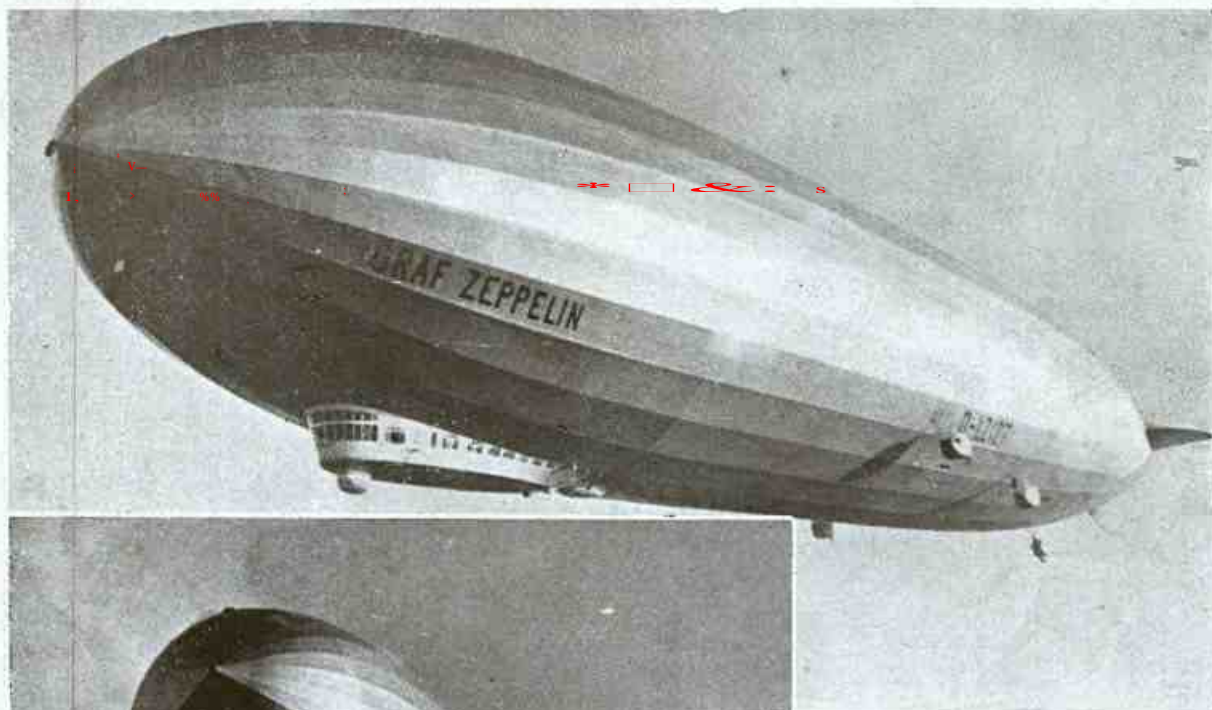
PAULO CAMPOS DA PAZ

A descida do «Graf Zeppelin» no Campo dos Affonsos e dois instantaneos do commandante Hugo Eckener no portaló do dirigivel.

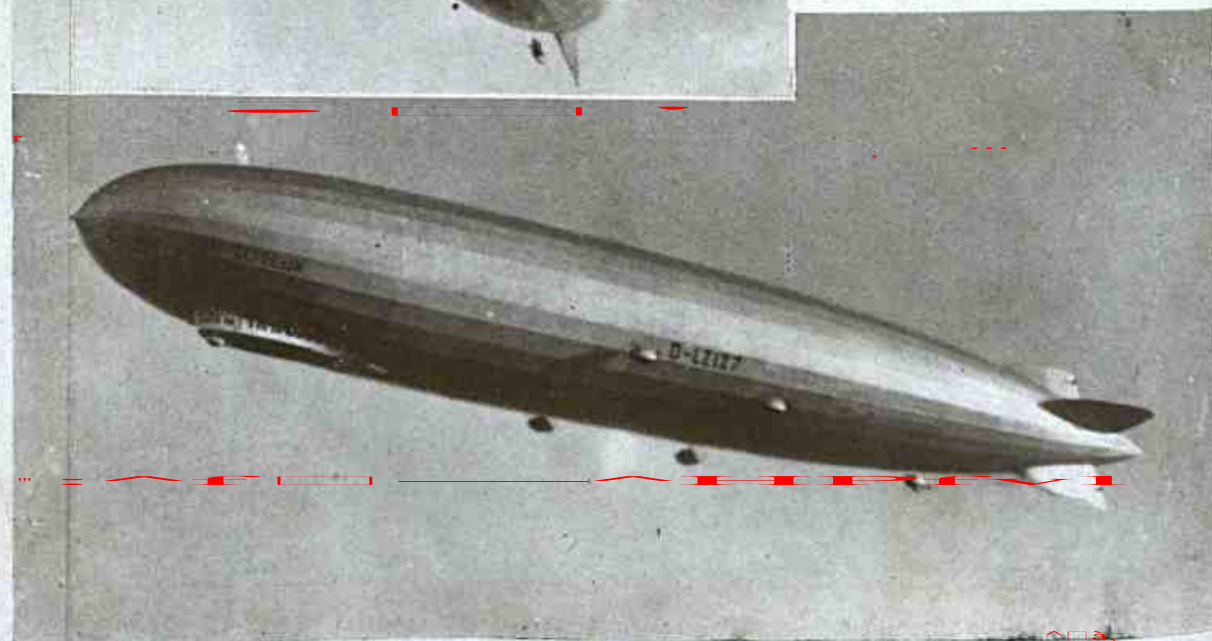
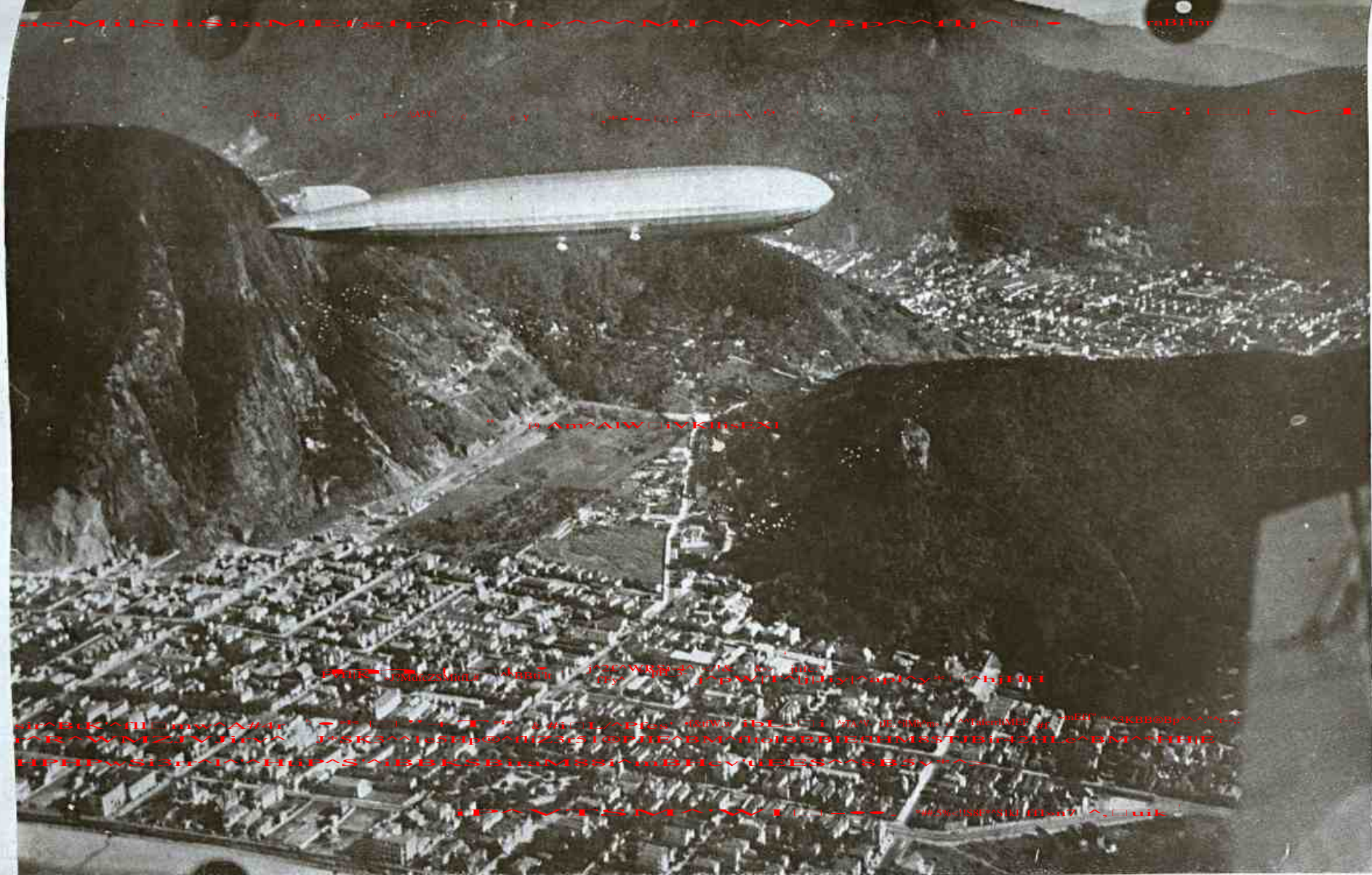
GLYCINIAS

«O amor é como a luz: vibra em todas as direcções.»
Ottorino Mengroni escreveu tão sábia definição para que eu pudesse começar esta «glycinia» dizendo á tua longinqua silhueta que o meu coração te procura no sul e no norte, no éste e no oéste, uma vez que não conhece o logar onde te encontras.

E' a vibração mysteriosa e envolvente desse sentimento que me impelle para junto de ti, minha boneca loira, de olhos coruscantes. E' a vibração do amor, do meu grande amor desventurado, que desoriente a bússola deste coração que te procura e te espera ha tanto tempo, ha tanto tempo...

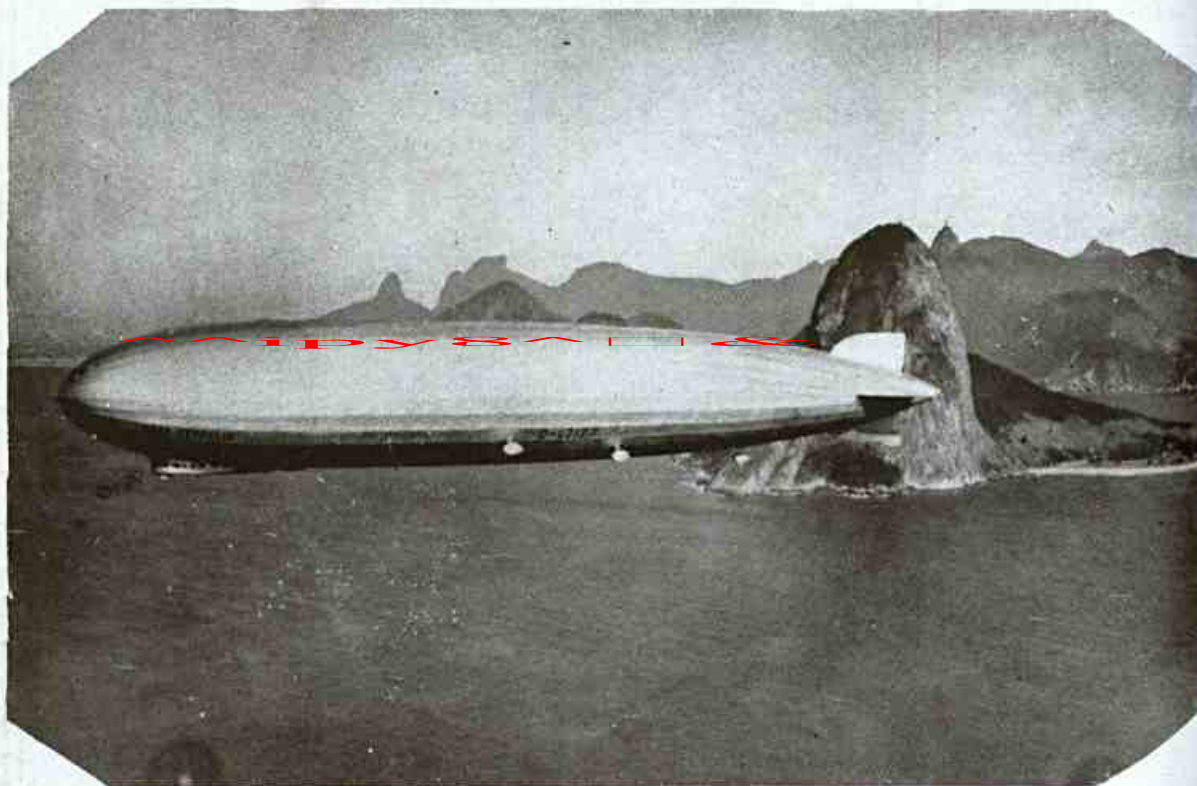
Um detalhe das evoluções do "Graf Zeppelin" sobre a cidade

Na manhã de domingo ultimo, os que não aguardavam a chegada do «Graf Zeppelin» foram agradavelmente despertados com o ruido dos motores da possante nave aerea. O aerostato allemão singrou os ares, sobre a cidade, em todas as direcções, afim de que pudesse ser admirado pela população carioca. E, assim, enquanto o povo corria para as janellas e portas, ou ia para a rua, apreciar o bello vôo do dirigivel, este deslisava no ar, serenamente, sob o [illegible] da manhã de maio. Esta pagina offerece um flagrante das evoluções do «Graf Zeppelin» sobre a nossa capital; e é curioso notar como a sombra da sua silhueta se projecta sobre os tectos das casas.

Tres phases das evoluções do «Graf Zeppelin» sobre a cidade do Rio de Janeiro, domingo pela manhã.

IDÉAS UTEIS

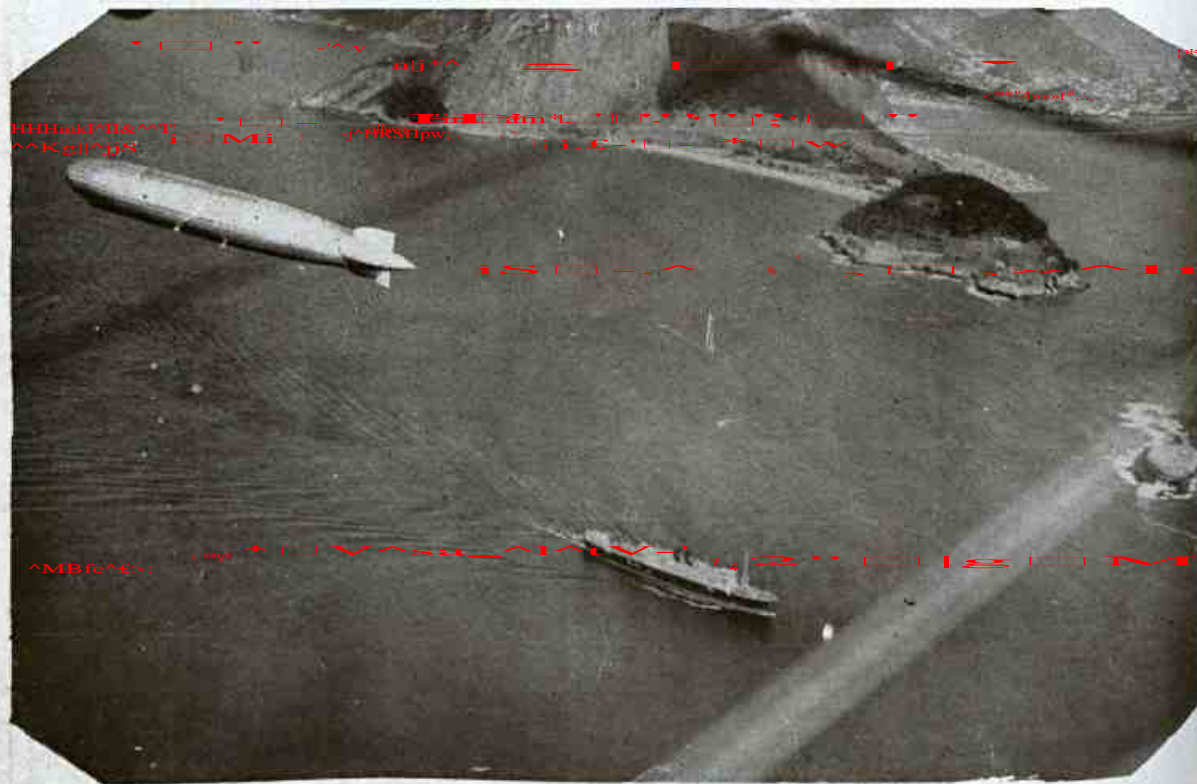
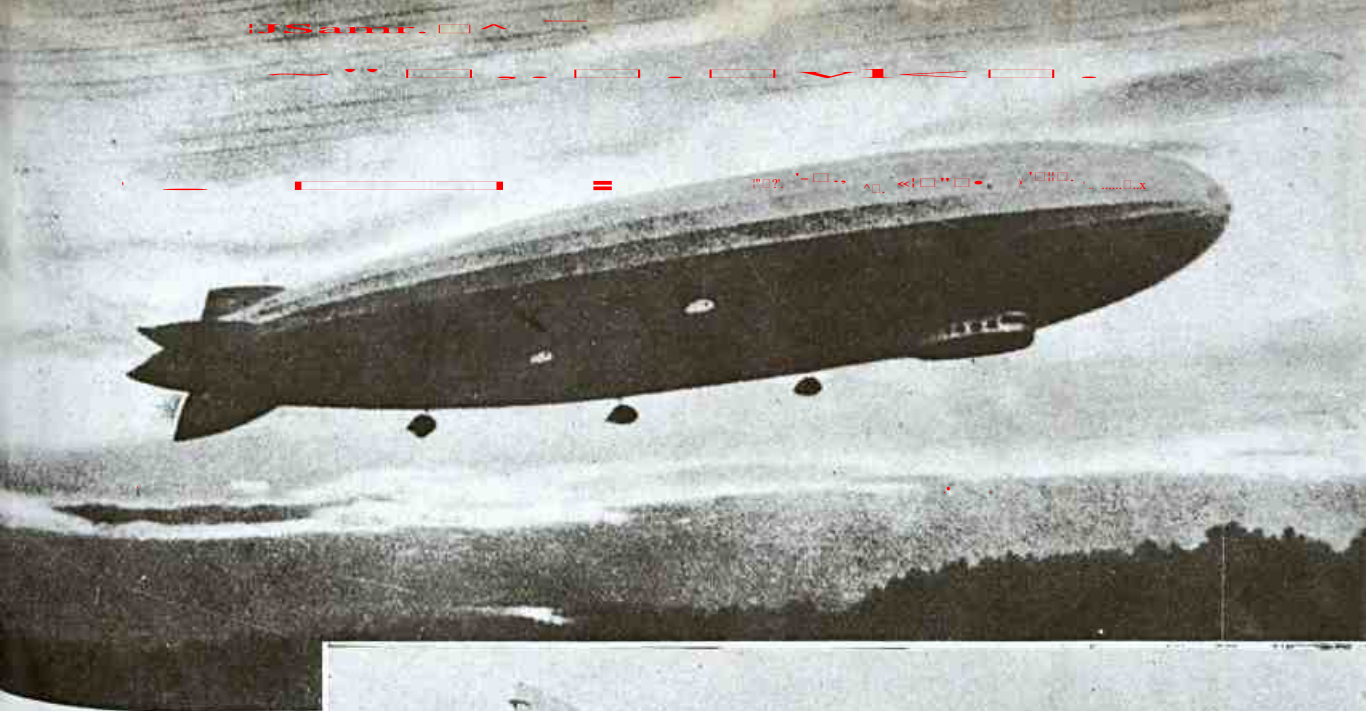
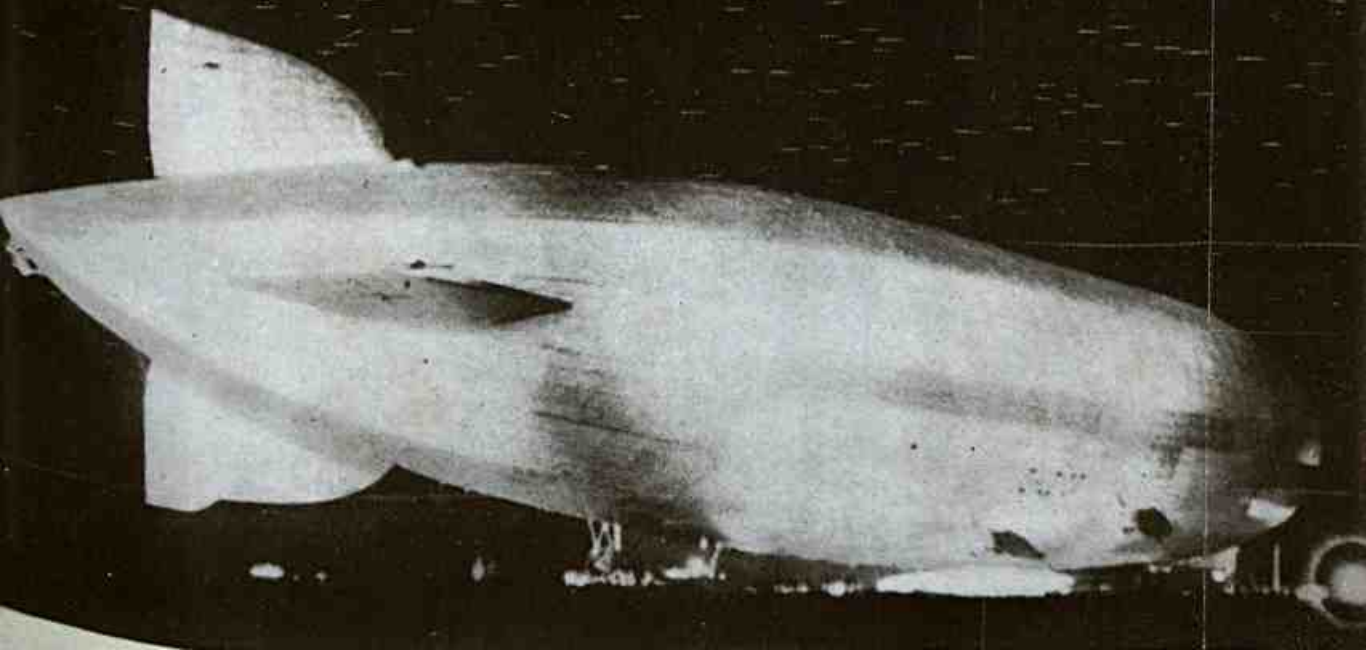
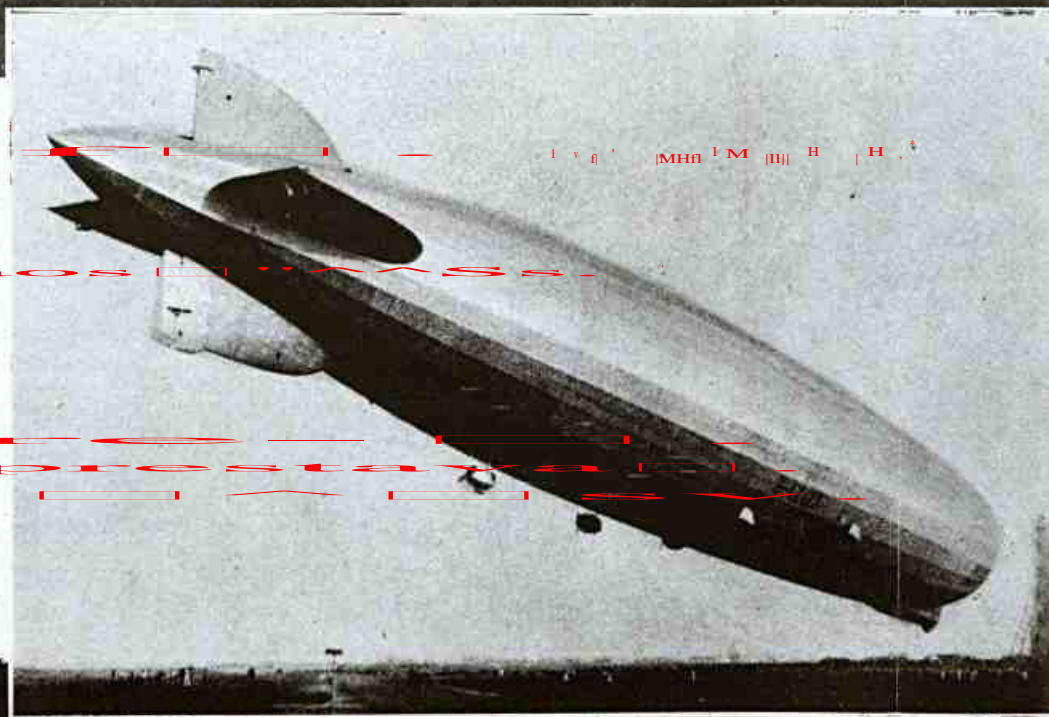
Habitúa teu espirito a não te apresentar sinão imagens graves, e quando tomares a palavra, escolhe entre tuas idéas aquellas que, interessando teu auditorio, lhe sejam igualmente aproveitaveis.

O grande navio aereo evoluindo sobre a cidade de Nictheroy, cuja população tambem poude, assim, apreciar o magestoso espectaculo.

(Photographia do tenente Kfuri, da Aviação Naval)

O «Graf Zeppelin» transpondo a barra, após a enthusiastica recepção de domingo, e rumando para o norte.

(Photographias tomadas de bordo do apparelho 332, da Aviação Naval, tripulado pelo capitão-tenente A. Dias Costa e tenente Kfuri, e gentilmente cedidas a FON-FON pelo director da Aeronautica.)

FILIGRANAS

Teu amor é um hymno da minha vida!

Cantam-no a lua distillando suas opalas sobre os jardins perfumados; o mar sussurrando queixas na praia doirada; o céu arqueado e immenso a reluzir de lumes; o cheiro das flôres e a maciez dos frutos sazonados; toda a vida e toda a expansão da natureza creadora e forte. E o pollen do desejo sem limites chove sobre os nossos corpos enlaçados. Teu amor é um hymno da minha vida!

O «Graf Zeppelin» em Los Angeles, durante a sua primeira viagem aos Estados Unidos, quando chegava ao céo daquella cidade, inclinando-se para a descida, e na noite em que, illuminado por fortes reflectores, se aprestava para deixar a California.

A tripulação e os passageiros do «Graf Zeppelin» atravessando a Broadway, em Nova York, sob uma chuva de serpentinas e «confetti», por occasião da chegada da aeronave, em 1928, áquella grande metropole. Em baixo, o commandante Hugo Eckener com o presidente Hoover, em Washington.

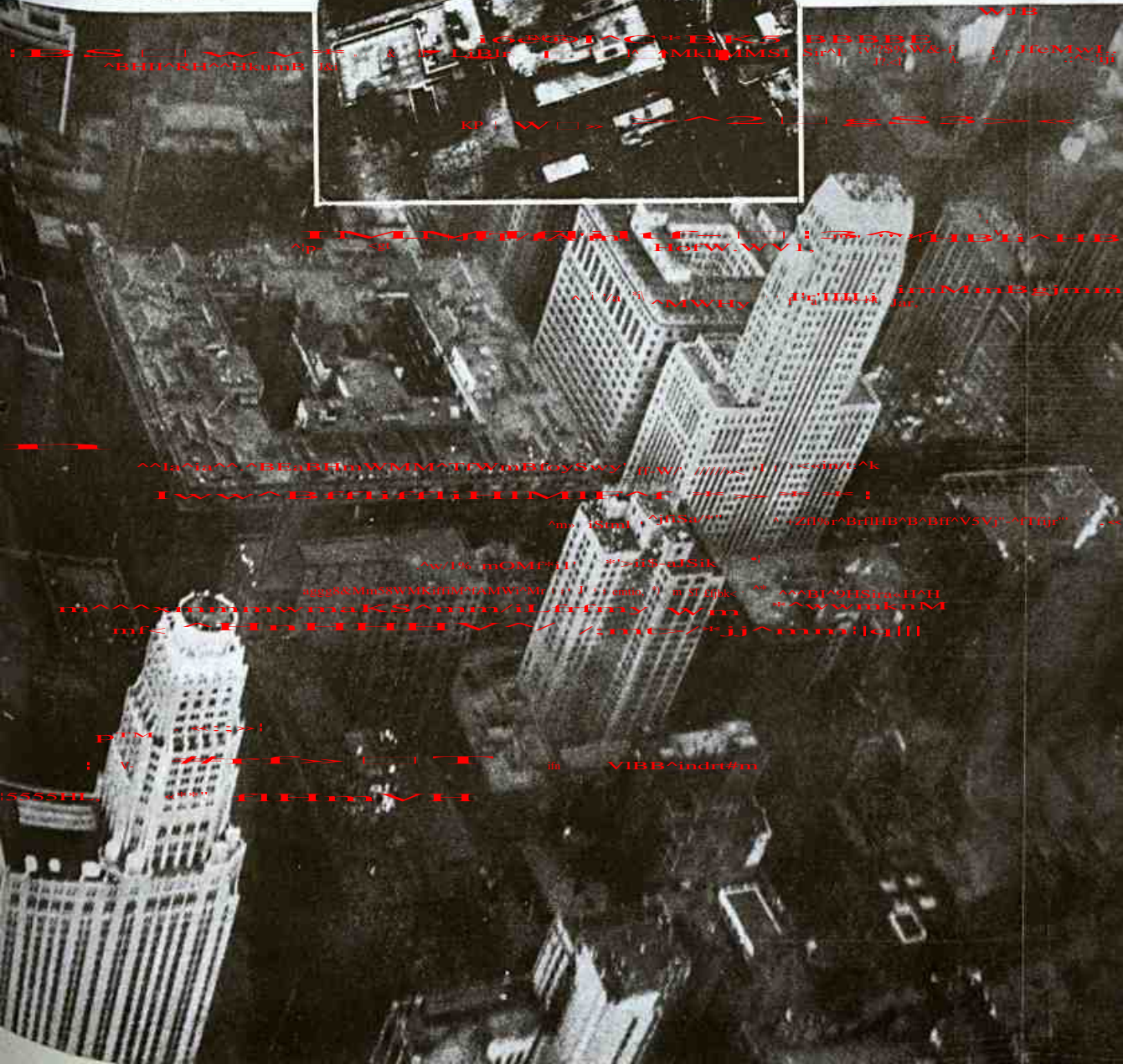
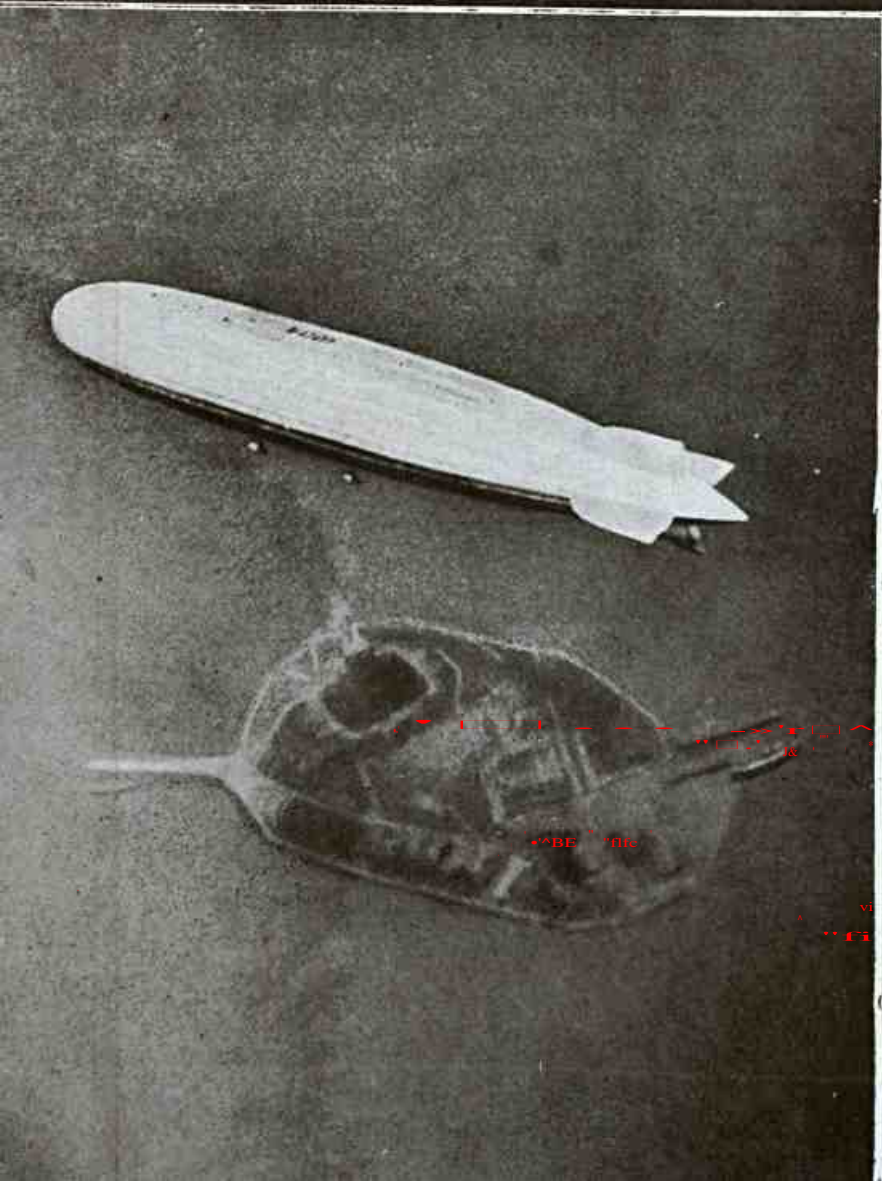
A LIGHT E A IMPRENSA

Merece uma nota especial o serviço da Light por occasião da chegada do "Graf Zeppelin". Além do elevado numero de auto-omnibus que a grande empresa fez circular entre o Monroe e o Campo dos Affonsos, releva salientar a cooperação valiosa e gentil que a Companhia Telephonica Brasileira prestou á imprensa, mandando installar no Campo dos Affonsos um bureau ambulante de informações telephonicas directas para o Departamento de Publicidade da

[illegible], á rua da Assembléa, onde os jornaes tinham todos os detalhes da recepção do dirigivel.

Esse serviço, que facilitou enormemente o trabalho dos representantes da imprensa no Campo dos Affonsos, foi suggerido pelo director da Publicidade da Companhia Telephonica, engenheiro Annibal Bomfim, que, sendo um velho jornalista, sabe avaliar as difficuldades com que, nessas occasiões, lutam os seus collegas.

A Light poz tambem á disposição dos representantes da imprensa dois auto-omnibus, que partiram da avenida Almirante Barroso, ás 5 horas da manhã, rumo do Campo dos Affonsos.

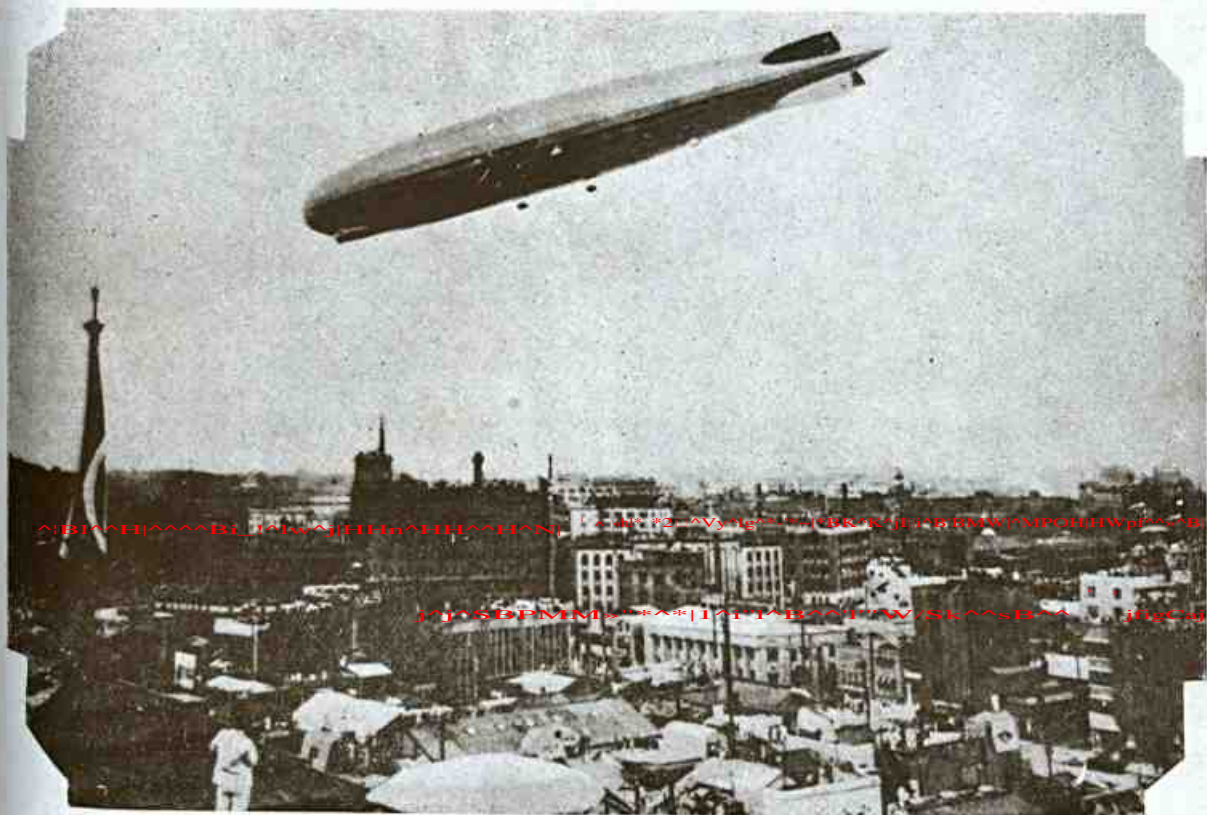
Nova York e Chicago vistas de bordo do «Graff Zeppelin», quando da primeira visita do dirigivel aos Estados Unidos. Os arranha-céos das duas grandes cidades americanas apparecem, ahi, com os seus terraços cheios de curiosos.

Duas photographias memoraveis do «Graf Zeppelin». A primeira representa o dirigivel comboiando o vapor «New York», a bordo do qual regressou á Allemanha, em 1928, o commandante Hugo Eckner, que ficára nos Estados Unidos por occasião da primeira viagem da aeronave. A segunda é um aspecto do «Graf Zeppelin» voando sobre a estatua da Liberdade, á entrada do porto de Nova York.

OS MESTRES DO HUMORISMO

Em certos paizes, segundo parece, reina a opinião de que tres asnos juntos formam uma personalidade intelligente. E' um erro muito grave. Varios asnos concretos formam o asno ideal, e este é um animal terrivel.

FRANCISCO GUILLPARZER

Os verbos irregulares se distinguem dos regulares porque occasionam aos meninos muito mais puxões de orelhas.

HENRI HEINE

O «Graf Zeppelin» voando sobre Tokio, a pittoresca e bizarra capital do Japão.

A JUSTIÇA

A justiça não se deve limitar á linguagem; deve existir igualmente no coração.

PRUDENCIA

A prudencia é a qualidade essencial de um rei; é por ella que são desviados todos os males que ameaçam os povos. A prudencia de um rei é como uma fortaleza na qual os inimigos não pódem penetrar.

Sobre Yokohama, o principal ponto japonez.

A ultima photographia do conde Zeppelin, tirada pouco antes da morte do inventor do dirigivel.

O CONDE ZEPPELIN

GUILHERME DE HOHENZOLLERN, quando era ainda imperador da Allemanha e sua palavra valia pela palavra de um rei, chamou a Fernando de Zeppelin *o maior allemão do seculo XX*. Fernando de Zeppelin, ou o conde de Zeppelin, que deu o nome a essa aeronave gigantesca que nos visitou, foi, tambem, o seu inventor, ou o realizador do grande sonho do nosso mallogrado Augusto Severo, que poderia ter sido o maior brasileiro de todos os seculos si a sua gloria houvesse sobrevivido á sua morte.

Com essa homenagem á memoria do nosso infeliz patricio, immolado ás primeiras illusões da realidade aerea de hoje, queremos prestar o tributo da nossa admiração a esse glorioso filho da gloriosa Allemanha, a cuja tenacidade e a cuja fé em si proprio se deve uma das maiores conquistas modernas.

E nenhuma homenagem é mais expressiva, neste momento, do que recordar a vida e a obra do conde de Zeppelin, cuja figura é tanto maior quanto mais empolgante é o triumpho sereno da sua invenção.

*

No dia 8 de junho de 1838, nasceu em Ober = Gyrsburg, ao sul de Constança, Fernando de Zeppelin, que fez seus primeiros estudos em casa, na fazenda de seus paes, onde foi educado juntamente com seu unico irmão, mais moço do que elle. A cultura physica foi um dos principaes elementos da sua educação infantil, e Fernando desenvolveu os seus sentidos ao ar livre, habituando o corpo a todos os sports ao mesmo tempo que habituava o espirito a todos os conhecimentos humanos. Até os quinze annos elle só teve como professores os que lhe davam lições em casa e o levavam, com seu irmão, para o campo, iniciando-o, assim, na observação da natureza e nos trabalhos praticos que se relacionavam com a vida ao ar livre. Ao mesmo tempo que estudavam, os irmãos Zeppelin construiam barquinhos e balsas, e montavam diques e moinhos de vento nos riachos, e collecionavam insectos, e faziam trabalhos de campo.

Quando completou quinze annos, isto é, em 1853, Fernando se matriculou na classe superior da escola technica de Stuttgart, onde se distinguiu principalmente no estudo das sciencias naturaes. Depois de algum tempo, resolveu seguir a carreira das armas e entrou para o exercito de seu paiz, que, na sua opinião, lhe facilitaria a realização dos seus anseios de independencia e a resolução de certos problemas que o preoccupavam, profundamente.

Durante quinze annos foi o soldado do gabinete estudioso de todas as questões de sua carreira. Em 1863, achando-se na America do Norte, começou, durante a guerra da escravidão, a occupar-se da navegação aérea. Ao rebentar a guerra franco-prussiana de 1870-1871, era official do estado-maior wurtemburguez, e nesse caracter tomou parte nas operações. Zeppelin, que tinha o posto de capitão, foi encarregado de emprehender uma incursão de reconhecimento em terreno inimigo, afim de verificar em que ponto eram mais fortes as tropas inimigas. Elle desempenhou brilhantemente a sua delicada e perigosa missão, merecendo, por isso, os mais expressivos elogios dos seus superiores.

Mas a guerra passou, e Fernando sentiu que os deveres e trabalhos geraes do soldado em tempo de paz não se coadunavam com sua inquietude e sua ansia de acção. E, em 1873, lendo um artigo de Stephan, o director geral dos correios, intitulado *Os correios mundiaes e a navegação aerea*, suas antigas idéas sobre a aviação se despertaram, para não mais abandonál-o. Em 1891, deixava o serviço activo do exercito, e, serenamente, decididamente, se entregou, então, aos planos que havia concebido em mais de vinte annos. Um anno depois, apresentou ao engenheiro Kober, que era seu collaborador e consultor technico, uma série de desenhos sobre um dirigivel gigantesco com globos rigidos divididos em varios compartimentos. Era o primeiro projecto que concordava já, em todos os seus traços principaes, com a fórma que depois recebeu a aeronave. Kober começou a traçar os primeiros calculos e a fazer experiencias e a executar os desenhos necessarios para a construcção. Na fabrica de motores Daimler, em Cannstadt, Zeppelin dirigiu, de maio de 1892 a abril de 1893, uma série de provas sobre as fórmas vantajosas das hélices. Procurando embora, por todos os meios, evitar que seus inventos se tornassem conhecidos, apresentou, em seguida, uma solicitação de patente nesse sentido.

*

Com todos os seus planos sufficientemente elaborados, Zeppelin poude, em 1894, apresentar o projecto inteiro, com os respectivos desenhos annexos, ao Ministerio Prussiano da Guerra, que designou uma commissão para examinál-o e dar o seu parecer a respeito.

A maioria dos collegas do inventor sorria descrente ao que chamava *o idealismo louco de Zeppelin*. Porque todos achavam um sonho impossivel esse de construir um gigantesco dirigivel.

A commissão nomeada pelo governo, depois de muitas considerações, concluiu o seu parecer declarando que um dirigivel, como o que se propunha

Como nasceu, viveu e morreu o inventor do dirigivel

Construir Zeppelin, não teria nenhuma applicação pratica, e por muitas razões, entre ellas a de que não seria possivel movêl-o com sufficiente rapidez no ar. Assim, o Ministerio da Guerra se desinteressou pelo assumpto e negou o apoio que esperava Zeppelin.

*

Entretanto, o conde não desanimou, e, com uma fé allucinante no seu invento, continuou a lutar. Até que, em 1898, conseguiu os meios economicos necessarios para a construcção do dirigivel, graças a uma sociedade que se fundou em Stuttgart especialmente para esse fim.

*

Fernando de Zeppelin contava, então, sessenta annos, e dedicou todas as suas energias aos preparativos da sua grandiosa obra. O dirigivel estava prompto no verão de 1900, tendo realizado tres vôos, que duraram duas horas. Era um resultado insignificante para tão grandes esforços. Zeppelin entreviu, entretanto, muitas possibilidades naquellas provas e achou que os trabalhos devijam proseguir sem vacillações. Não era facil, porém, encontrar quem compartilhasse a sua fé. O dinheiro se acabava, porque se esvaziava vertiginosamente a caixa da sociedade de Stuttgart. Chegou uma hora alarmante, aniquilladora, em que ninguem se aventurava a amparar financeiramente a tentativa do inventor. Nem mesmo aquelles que mais enthusiasmo haviam demonstrado nas primeiras experiencias.

E Zeppelin, vendo-se abandonado nos seus esforços, resolveu appellar para o povo, a quem se dirigiu em manifesto publicado na edição de 3 de outubro de 1903 do semanario allemão *Die Woche*. Isso lhe valeu a mais causticante critica de sua vida e uma série de ironias que a outro causariam uma tremenda decepção. Mas o optimismo desse inventor genial era immensamente grande, era immensamente solido, para se exgottar, para fracassar assim deante da irreverencia alheia. Era um optimismo differente dos outros optimismos.

E, por causa delle, venceu a sua fé. Por causa delle, e por causa de uma circumstancia especial que convém assignalar aqui: Julliot realizava, então, com êxito, na França, experiencias com um globo de outro systema. O allemão, deante de tal noticia, sentiu a reacção do orgulho patriotico e, temendo que os francezes tivessem a primazia de um invento que poderia ser seu, foi, vibrante, decidido, ao encontro dos desejos de Zeppelin, para auxilial-o, para amparal-o, para prestigial-o. E assim obteve o inventor, em dois manifestos, o dinheiro sufficiente para a construcção de seu apparelho.

*

Em 1906, o dirigivel estava preparado para novas experiencias, tendo, infelizmente, sido destruido por uma tempestade, após uma aterrissagem forçada. O conde sorriu displicentemente a essa nova investida da adversidade e, com todo o seu optimismo ainda intacto e com todas as suas esperanças ainda vivas, iniciou a construcção de um novo dirigivel, que ficou terminado em outubro de 1906, quando realizou a prova definitiva e triumphal. Ahi a Allemanha e o mundo se curvaram deante do inventor. Zeppelin vencêra o seu optimismo formidavel. O governo de sua terra que até então o considerava um *idealista mórbido*, viu-se na contingencia de mudar de opinião e insinuou ao Parlamento (Reichtag) a approvação de um projecto autorizando a abertura de um credito de dois milhões de marcos para a construcção de dois zeppelins. O inventor foi premiado. E diversas viagens, cada vez mais longas, emprehendeu em seus apparelhos, durante os annos de 1907 e 1908.

*

Mas ainda lhe estava reservada uma grande desdita. Na manhã de 4 de agosto de 1908, Zeppelin iniciou, sob as acclamações frementes, enthusiasticas, dos seus compatriotas, o celebre vôo que foi interrompido pelo desastre de Echterdingen. Toda a Allemanha, que victoriava em Zeppelin o conquistador do ar, e se engalanára para glorifical-o, lamentou e se encheu de magoa por tão repentina desgraça. E toda a Allemanha consolou e amparou Zeppelin enviando-lhe, immediatamente, mais de 1.300.000 marcos, que vieram de todos os pontos do paiz. E uma subscripção aberta posteriormente rendeu nada menos de seis milhões e quinhentos mil marcos.

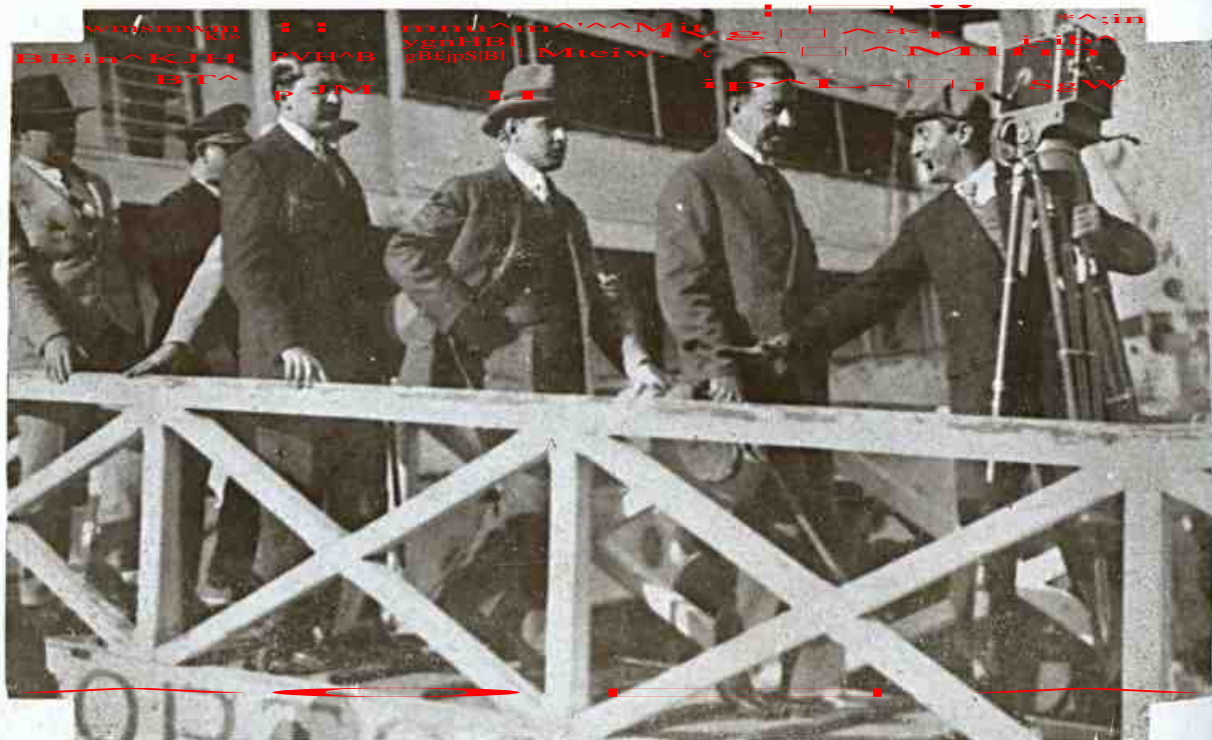
*

Com esse dinheiro, o conde Zeppelin poude levar a bom termo a sua notavel obra, assombrando o mundo com um invento que a principio foi considerado uma utopia, uma tentativa impraticavel dentro de qualquer século.

Muitos dirigiveis foram construidos depois, e vieram facilitar enormemente a solução do problema de transporte aereo.

Fernando de Zeppelin, que morreu a 8 de março de 1917, em Charlottenburg, depois de muito lutar e muito soffrer, só viu corôadas de exito as suas tentativas porque nunca perdeu aquillo que poucos homens possuem e que o acompanhou em toda a vida: o optimismo. Graças a elle e á grande fé serena do inventor, é que o mundo possúe essa maravilha voadora que o Rio viu, deslumbrado, na manhã de domingo

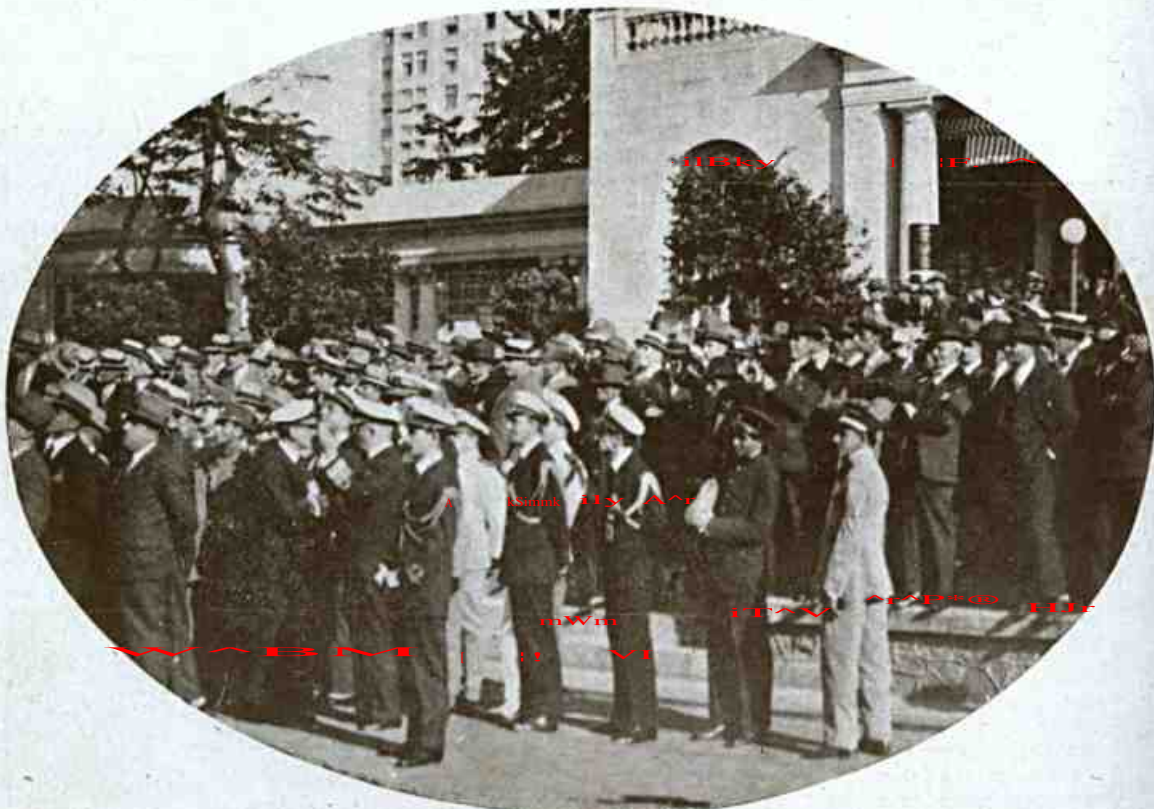
M. C.

O engenheiro allemão Hugo Eckener, que commanda o «Graf Zeppelin» desde o seu primeiro vôo, em 1928, quando a gigantesca aeronave fez a triumphal viagem de circumnavegação aerea.

O dr. Julio Prestes, presidente do Estado de São Paulo e futuro presidente da Republica, transitou por esta capital sexta-feira penultima, com destino aos Estados Unidos da America do Norte. Viajando a bordo do paquete «Almirante Jaceguay», do Lloyd Brasileiro, s. ex. aqui desembarcou para visitar o chefe da Nação, dr. Washington Luis, que o aguardava no palacio do Cattete, e para receber as homenagens que lhe haviam sido preparadas por varias associações de classe. E' um flagrante do desembarque do presidente Julio Prestes o que fixa a presente photographia

SABEDORIA

Não ha melhor systema para ser pouco sábio e philosopho que desejar a vida sábia ou philosophica.

O genero humano se divide em duas classes: os que dominam e os que se deixam dominar.

Leopardi.

Os elementos militares e civis que aguardavam o desembarque do dr. Julio Prestes, no cáes da praça Mauá, sexta-feira á tarde.

Outros detalhes photographicos da chegada a esta capital do presidente do Estado de São Paulo e presidente eleito e reconhecido da Republica. O dr. Julio Prestes, quando deixava, em carro do Estado, o cáes da praça Mauá, em companhia do representante do dr. Washington Luis, e na Avenida Rio Branco, a caminho do palacio do governo.

JARDIM ABERTO

D. Jayme

Alma encantadora das ruas...

Grande roda de chauffeurs numa esquina da Avenida e eu escutando o seu parolar. Dez da noite. Pouco movimento. Um delles, agitando os braços:

— A mulher entrou no meu carro e foi logo berrando: "Vamos depressa a Botafogo!" Respondi, dando de hombros: "Meu carro não corre. Alem disso, não levo passageiros para Botafogo, porque vou jantar em Catumby." Ella sahiu vendendo azeite ás canadas. E' bôa! Si tivesse falado noutro tom, si tivesse dito: "O senhor póde correr um pouco, por favor, porque estou com muita pressa", tel-a-ia conduzido. Mas, berrando, nunca, que não sou escravo!...

Todos applaudiram. Eu sorri. Tinha aprendido, para estes tempos leninicos e sovieticos, uma bôa lição. E de hoje em deante, ao penetrar um taxi-santuario, digo ao nobre conductor, ao eminente cinesiphoro, com o melhor dos meus sorrisos:

— Excellencia, faça-me o grande obsequio de apressar um pouco a marcha que vou chamar um medico para o meu chauffeur...

E tenho-me dado optimamente...

* * *

Hora de almoço. A' sombra de arvores, os trabalhadores da Prefeitura, largando o serviço de calçamento que faziam naquella rua deserta, comiam em suas pequenas marmitas, palestrando. Eu esperava o bonde e divertia-me em ouvil-os.

Eram homens simples, instinctivos, rudes, abacanados pelo sol os de pelle branca, typos portuguezes. Havia alguns côr de ebano, creoulos legitimos. Um destes, deixando de repente a colher de estanho com que remexia o arroz com feijão, perguntou:

— Quando será que ha verá um presidente da Republica preto assim que nem eu?

Um dos lusitanos gargalhou, ruidosamente; depois, exclamou:

— Nunca, ó rapaz! Nunca! Presidente preto só no Ameno Resedá...

Todos os demais riram como perdidos... Somente eu fiquei serio, meditando... Quem sabe? talvez seja até melhor que muitos brancos...

Artista, na expressão lidima da palavra, Marcelo Roberto é uma figura inconfundivel em nossos meios culturaes. Illustrador de imaginação portentosa, decorador bizarro, architecto senhor de uma technica perfeita, Marcelo Roberto, que partiu hontem para a Europa, onde vae aperfeiçoar os seus estudos, tem dado ao FON-FON, com o seu traço audacioso e pessoal, o melhor do seu talento. Muitos são os trabalhos de illustração e desenho que ornam as paginas do nosso «magazine». E em todos elles se sente a crispação de uma chamma viva, que é o reflexo dos verdadeiros espiritos creadores.

O pintor e architecto Quirino Campofiorito, premio de viagem da Escola Nacional de Bellas Artes em 1929, e sua esposa, Hilda Eisenlohr, tambem pintora, que seguiram hontem para a Europa, a bordo do «Almirante Alexandrino».

O escriptor Eduardo Tourinho, nosso collega do «Jornal do Commercio», na redacção da revista «Atlantida», de Buenos Aires, por occasião da recente visita que fez aquella grande publicação porteña. Ladeando o jornalista brasileiro, apparecem na photographia os seus collegas argentinos Andrés Dameson, Gastón Martinez Vásquez, Julian J. Bernat, Vicente Viola, Ricardo Rebagliatti, Julio Giannotti e Felix Real Torralba.

PORTE DE ARMAS

Não foi em vão que, ha tempos, das columnas de FON - FON, lançámos um appello ás autoridades policiaes da capital, para que fosse feito o serviço de apprehensão de armas e, consequentemente, o processo dos portadores dellas.

Diariamente, os jornaes noticiam as numerosas prisões de individuos que conduzem comsigo armas prohibidas.

Por ahi se verifica facilmente como está generalizada essa contravenção.

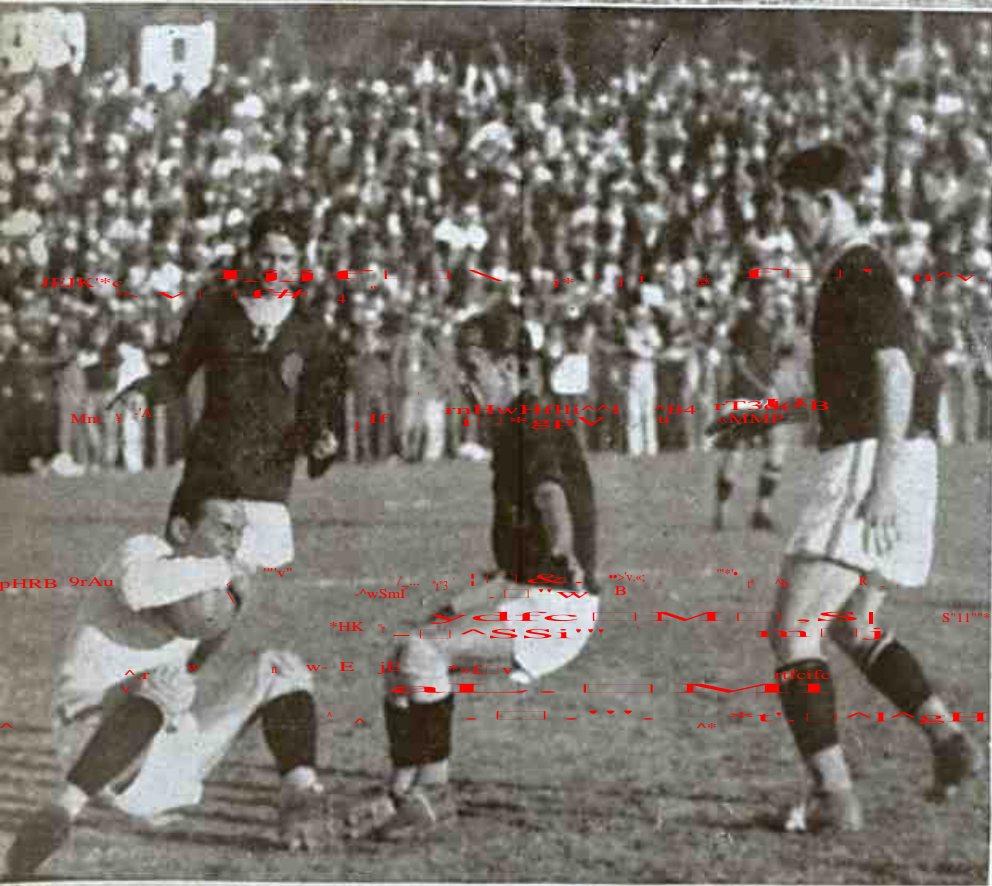
A policia não deve, porém, limitar o seu raio de acção ao "bas-fond" do Rio; deve, tambem, apprehender os revolvers minusculos que andam nos bolsos dos moços que se dizem de alta róda, e que não andam na Favella, nem no "Pendura - saia"; deve processar aquelles que trazem, nas cavas dos colletes, facas com cabos e bainhas de prata rendilhada; deve jogar na cadeia aquelles que trazem penduradas ao braço bengalas que são apenas bainhas de longos estoques de fino aço toledano.

A policia deve pedir ás autoridades do exercito e da marinha para que as escoltas especiaes dessas corporações façam a apprehensão das armas encontradas com os soldados e marinheiros.

Só assim poderemos ver diminuir o noticiario policial, e então considerar como verdadeiramente civilizada a nossa capital.

E que ninguem, (a não ser aquelles que por dever são obrigados) possa, sob nenhum pretexto, trazer armas, embora goze de immunidades especiaes.

Que não arrefeça a campanha em tão bôa hora iniciada, são os nossos votos.

Flagrante de um pic-nic em São Paulo, promovido por um grupo de jovens da melhor sociedade de Araraquara, na fazenda do sr. Nicodemo Senapeschi.

O America Football Club e o Club de Regatas Vasco da Gama foram os contendores da pugna sportiva mais importante de domingo, realizada com grande brilho no «field» da rua Campos Salles. Esta pagina focaliza tres phases empolgantes daquelle jogo, que tanto enthusiasmo despertou na numerosa assistencia que enchia o campo do America.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

O MEU THESOURO

NUMA noite de insomnia, Pluto appareceu-me. Vinha com todos os attributos de sua divindade antiga. Vendou-me os olhos e levou-me p'la mão. Devagarinho. Senti dentro em pouco perfumes deliciosos. Véus tenues roçavam-me. A voz do deus disse-me:

— Estás na gruta dos maiores thesouros do mundo! Rodeiam-te as mais lindas mulheres da terra, verdadeiras huris do Propheta. Pega-as, prova-as, cheira-as! Pelo odor, pelo tacto e pelo gosto, escolhe a que preferires.

Como as não pudesse vêr, fatiguei-me de tocar, de provar e de aspirar, porem não soube ou não pude escolher...

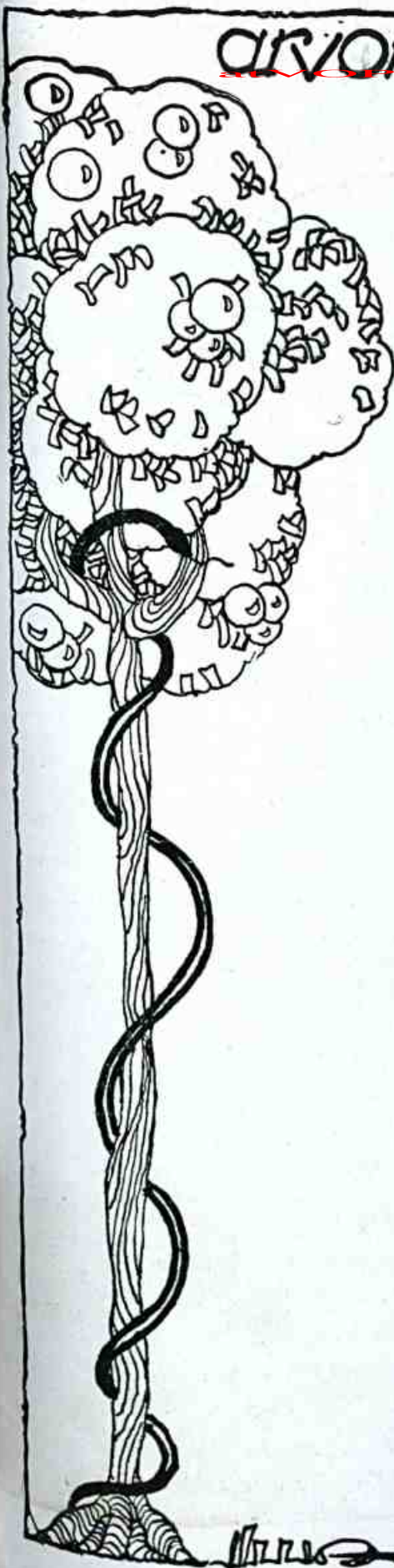
Elle, então, tirou-me a venda e amarrou-me as mãos. Introduziu-me sob immensa abobada, na qual se incrustavam pedrarias e de cujo solo se erguiam montões de gemmas e de oiro.

— Vês? disse elle, sorrindo. Farta teus olhos como ha pouco fartaste os labios, as narinas e as mãos...

E eu sahi dalli com ellas vasias...

Dentro de momentos, libertava-me inteiramente e deixava-m sosinho em vasta sala cheia de livros. Podia vêl-os e podia tomal-os. Pluto falou:

— Lera quantos quizeres.

Nunca mais sahi daquella sala e nella esqueci o perfume estonteante das mulheres e o brilho embriagador das riquezas...

GAROTADAS...

Um portuguez do hotel da Nova Cintra
lá, na cidade de São Salvador,
acha que o Zé-Pelin é um Zé-Pelintra
com vasto aspecto de commendador.

O "Zeppelin" passou... passou por alto...
Deixou a sua sombra reflectida
no espelho ephemero do asphalto
da Avenida.

O "Zeppelin" é peixe... é ave... Que d splante!
Que despropositol, pois não?
O "Zeppelin" parece um elephante
que tenha azas nos pés e ande pela Amplidão.

Ora!... Parece mais uma baleia,
de barbatanas colossaes...
Vôa, mergulha, vae e vem, ziguezagueia,
e não come sardinhas, — come... gaz.

Diga-me cá, seu Antonico,
que acha você do "bicho", então?
— Bãin que bi o Zé-Plin! O Zepelico
parece inté um Zé Pilão...

E você lá, careca? O' Zé, pelado,
com essa cara de mona ou pesadêlo?
Que lhe parece o Zep, ó enzeppellado?
— E' um charuto, sem sêl-o...

E' vosmicê, Mademoiselle,
que anda ahi aos cochichos com os seus zinhos!
— O Zeppelin é um porco-espinho, sem a pelle,
é um porco-espinho sem... espinhos.

Meu Deus, que juizo illogico!
Ninguem formúla um pensamento bom.
O Zeppelin não é o Jardim Zoologico,
Nem o Ugo Eckener é Barão Drummond.

O "Zep" é antes um arranhacéo
que se elevou do alinhamento
e anda pelo ar, ao léo,
com castellos de névoa, em pé... de vento;

O "Zep" é um grande coração de zinco,
um coração, d vido a cujas dimensões,
nelle pódem entrar cem ou mais corações...
si o amor funccionar como chave de trinco...

NOTAS DE ARTE

BRAILOWSKY — Com a costumada concorrência e os habituaes applausos, realizaram-se em a ultima semana, no theatro Lyrico, mais tres concertos de Brailowsky.

Além de meia duzia de numeros extra-programma, exigidos insistentemente pela platéa insaciada, foram executadas composições: de Mozart — *Sonata em lá maior*; Beethoven — *Sonata n. 23 em fá menor* (*Apaixonada*); Schumann — *Carnaval*, op. 9; Chopin — *Fantasia em fá menor*, op. 49; 5 *Estudos*: *Fá maior*, *Dó menor*, *Ré bemol*, *Mi maior*, *Lá menor*; 2 *Mazurkas*: *Dó sustenido*, *Ré maior*; 3 *Valsas*: *Lá bemol*, *Lá maior*, *Si menor*; 3 *Escossezas*: *Ré maior*, *Sol maior*, *Ré bemol*; *Scherzo em dó sustenido*, op. 39; *Barcarola*, op. 61; *Ballada em sol menor*; *Nocturno em fá sustenido*; *Tarantella*, op. 43; *Andante Spianato e Poloneza*, op. 22; *Poloneza em lá bemol*; *Sonata em si menor*, op. 58; Bach-Busoni — *Chaconne*; Wagner-Liszt — *Ouverture de "Tannheuser"*; Verdi-Liszt — *Paraphrase sobre o "Rigoletto"*; Debussy — *Reflets dans l'eau*; *Jardins sous la pluie*; Seriabin — *Estudo*, op. 65; *Poema*, op. 63; Manuel de Falla — *Dança Ritual do Fogo*.

Dizer o grão de perfeição com que foram tocadas essas composições é apenas registar que Brailowsky as tocou. E, se para uma ou outra se poderia querer melhor interprete, para a maior parte as interpretações nada deixaram a desejar. Algumas foram mesmo incredíveis na technica e na expressão. Taes, entre outras, o *Nocturno em fá sustenido*, a *Polonesa em lá bemol*, de Chopin; a *Abertura de Tannhauser*, de Wagner-Liszt; o *Carnaval*, de Schumann; a *Sonata Apaixonada*, de Beethoven, e *Jardins sous la pluie*, de Debussy.

Eram de ouvir-se com enthusiasmo nunca excessivo as magistraes execuções. Mais uma vez o pianista soube ser brilhante e impetuoso nas paginas de alta bravura de Beethoven, Liszt e Wagner, como delicado e sentimental nas repassadas de graça e suavidade, de ternura e melancolia, do incomparavel Chopin. Não foi menos empolgante vivendo a musica impressionista de Debussy.

Os tres ultimos recitaes de Brailowsky foram, como os dois primeiros, inesqueciveis momentos de arte, da grande arte que commove e edifica.

LACHMUND — Raro prazer espiritual nos proporcionou a noite da penultima mercurdia, quarta-feira, 21 do corrente: o prof. Charley Lachmund, com a sua reconhecida mestria, revelou-nos, em o Instituto Nacional de Musica, atravès das mais caracteristicas composições, a obra dos cravistas dos seculos XVI a XVIII. Ouvimos, assim, successiva e deliciosamente: da Escola Ingleza — *A toye*, de Giles Farna by (1596-1598); *Primerose* e *The fall of the leaves*, de Martin Pearson (1550-1651); *Sonata em sol maior*, de Thomas Arne (1710-1778); da Escola Italiana — *Prelúdio*, de Benedetto Marcello 1685-1739); *Adagio*, de Baldassare Galuppi (1706-1785); *Sonata em ré maior* e *Rondó em dó maior*, de Domenico Scarlatti (1685-1787); da Escola Franceza — *Rondeau*, de Marin Marais (1656-1728); *La fleurie ou La tendre Nanette* e *Le rossignol en amour*, de François Comperin (1668-1733); *La poule* e *Les cyclopes*, de Jean Philippe Rameau (1683-1764); da Escola Allemã — *Sarabanda* e *Giga*, de Christoph Nichelmann (1717-1762); *Andante da Sonata em ré menor*, 14, de Johan Schobert (1735-1767); *Giga*, de Karl Heinrich Graum (1701-1759); *Variações sobre "Ah, vous dirais-je maman?"*, de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791).

O invulgar concerto foi, por assim dizer, a demonstração musical de um progresso industrial. Constituiu a prova esthetica de uma evolução technica. Revelou a marcha progressiva que vae do cravo ao piano.

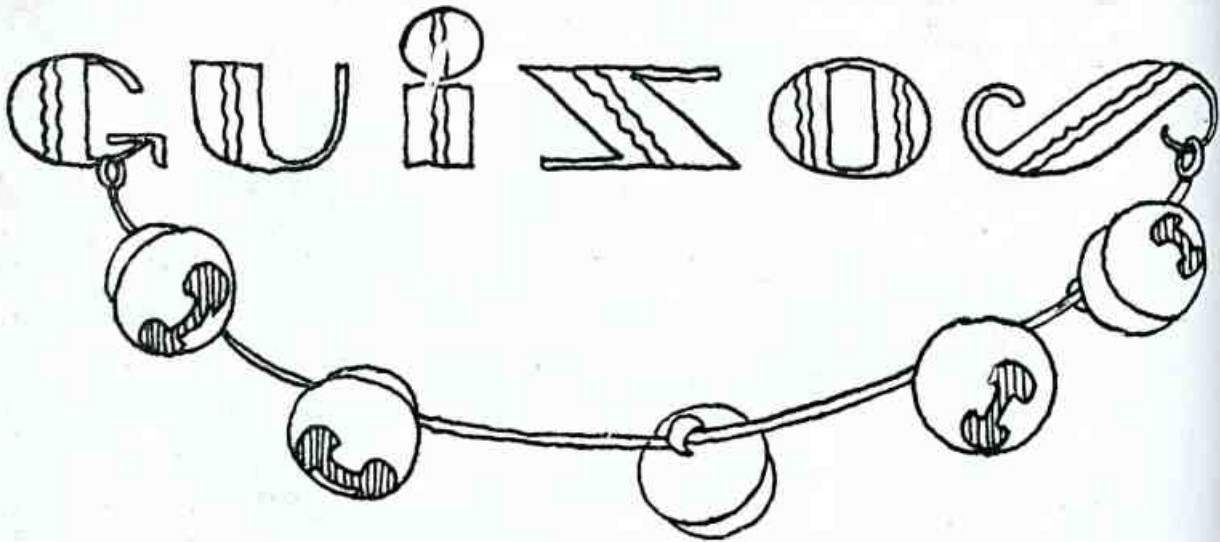
Embora todas escriptas para o primeiro desses instrumentos, sentia-se que as mais antigas, as composições de Farnaby e Pearson, se adaptavam melhor ao cravo, do que as mais modernas, como as de Scarlatti, Rameau e Mozart, as quaes se mostravam mais apropriadas ao piano. Parece que as primeiras se destinavam ao clavecino mal sahido da espineta, e as ultimas, ao clavecino, já proximo do piano. A encantadora peça de Pearson — *The fall of the leaves* — apesar da sua belleza caracteristica, está muito longe da sonoridade, da musicalidade da *Sonata* de Scarlatti, de *Les cyclopes* de Rameau e da *Giga* de Graum ou das *Variações*, de Mozart.

Para melhor sentirmos a evolução que assignalamos, quizeramos ouvir todas essas peças no cravo, ou melhor, em cravos fabricados nas respectivas epocas, quando eram primeiro simples espinetas aperfeiçoadas e depois pianos em evolução. Certo o martelo caracteristico do instrumento de Cristofori, cremos não ter existido em nenhum clavicimbalo, mas parece que o systema de vibração das cordas pelo perna de corvo, commum á espineta e ao clavezingo, se modificou bastante com o tempo, de modo a tornar quasi insensivel a passagem do cravo ao piano.

Carlos Zecchi, o grande artista italiano, um dos maiores, se não o maior pianista da actualidade, chamado «Liszt Redivivo» pelo veterano da critica musical do Brasil, continuará, depois do genial Brailowsky, a serie de vesperaes de arte, no theatro Lyrico.

Como quer que seja, toda essa evolução evocamol-a, ouvindo o recital do prof. Lachmund.

Mas, ouvindo-o, tivemos ainda a serie de aprazíveis emoções que sabe dar o interprete perfeito. Admiramos e gozamos a arte sábia, a arte requintada com que o recitalista nos deu a conhecer as obras dos clavecinistas. Em duas palavras resumimos a nossa impressão, que deve ter sido tambem a de todos os que o ouviram: o prof. Lachmun instruiu encantando.

OSCAR D'ALVA

EU TE BAPTIZO...

O "Zeppelin" atravessou pela primeira vez a linha do Equador e não foi desprezada nos ares a ceremonia do baptismo que a tradição impoz aos navegantes.

No mar, como no Azul, o champagne substitue a agua, para que a travessia se faça com maior alegria, certamente, com mais enthusiasmo.

"Eu te baptizo em nome de Jupiter"... E a gargalhada enche todo o recinto do vapor onde o jazz é um convite para o saracoteio dos corpos, que se entregam, enlaçados pela cintura, ao baloiço das ondas...

No espaço, a ceremonia decorreu um pouco differente, porque no "Zeppelin" ainda não ha lugar para dançar...

Entre uma taça de champagne e um sorriso, o almirante do ar saúda os passageiros e, como requinte de gentileza, dá a cada um dos presentes o nome de uma flôr.

E' o que mandaram dizer cá para baixo, para os que vivem a miseria terrena, sem a alegria dos horizontes infinitamente azues...

Baptizados com o nome de uma flôr!

Será que a alma allemã se aprimora e se avantaja á nossa alma latina, perdidamente romantica?

Póde ser...

Não ha nada impossivel, e o "Zeppelin" é a prova de que o homem é que constitue uma surpresa para o mundo animado, para a vida dynamica dos nossos dias, de que os nossos avós tiveram uma ligeira noção lendo as paginas maravilhosas de Julio Verne.

Porem, distribuindo nomes lá em cima, o almirante não contou com o nosso irreverente espirito cá em baixo.

O professor Licinio Cardoso, por exemplo, recebeu o nome de Violeta, a terna flôr dos namorados, aquella que tambem exprime a saudade dos sonhos desfeitos.

Violeta...

Allemão tem cada idéa!

*

AZAR

Dizem que o norte-americano está ficando cada vez mais supersticioso, pois ali se divulga intensamente o uso das mascottes.

Todos conduzem o seu porte-bonheur, sendo commum o uso da figa.

O medo do azar é um facto.

Quebrar espelhos, derramar sal na mesa, é signal certo de urucubaca.

Cada qual se defende como póde, e já ninguem pensa em seguro de vida com o receio do maior azar: a morte.

Sempre ouvi falar que a superstição era propria dos povos atrazados.

O norte-americano é apontado como o povo emancipado, expoente maximo da civilização.

E o civilizado não encara coisa alguma com seriedade, porque tem um sorriso para tudo...

Sabe que a vida é uma arlequinada e que não deve ser tomada a serio.

Mas, o norte-americano está se tornando cada vez mais supersticioso, para desmentir a sua qualidade de povo forte.

Está certo...

Vamos reconhecer que esta historia de azar, ás vezes, regula.

E' sempre conveniente evitar a approximação das pessôas pesadas, pois o mal é tremendamente contagioso.

Eu tambem tenho as minhas scismas, e quasi sempre são acertadas.

Quando, pela manhã, encontro uma garota que abre o seu sorriso mostrando-me um dentinho de ouro, não passo bem o resto do dia...

Nem tento qualquer negocio, porque é azar na certa.

Tambem quando topo, no meu caminho, com velho fumando em piteira, não gosto da coisa.

Para desfazer a impressão má, e afugentar o azar, faço uso de chaves, obedecendo, assim, ao conselho de um velho entendido no assumpto.

Estava suppondo que essas coisas não passavam de scismas de caboclo brasileiro.

Depois, soube que o italiano era o povo mais supersticioso da terra.

Agora, o norte-americano tambem fórma no exercito dos supersticiosos.

Pelo que vejo, a humanidade inteira tem o seu receio, (não é medo...) do azar, e está com a razão, pois elle existe.

Uma figa deu sempre bom resultado aos que a usam...

MARION

O canto triste do homem da sombra

Quando o homem da Luz acabou de falar,
Com a sua voz omnipotente, omnisciente e tutelar,
O homem da Sombra se ergueu fundamente abatido,
E começou a falar tremulo e commovido:
— Ouvi todo o teu canto, meu Irmão, e o esplendor
Delle me fez o coração em flôr!
O mesmo coração que vivia sombrio
Como um estagnado e silencioso rio,
Abriu-se, palpitando, á tua voz, de repente,
Alegre como a represa quando se abre em torrente!
Vi deante dos olhos os aureos feitos marciaes
Das tuas tropas accesas em pugnas medievaes:
Primeiro a horda de aço dos Templarios entrando,
Sob o esplendor e o estrepito dos ambientes de guerra,
A Palestina; e, após ella, os Barbaros marchando
Do Oriente, em rugidos, pelos recantos da Terra!
Os mares que conquistaste, as cidades e as villas
Por onde passaste, e, aquellas vastidões tranquillas
Fecundadas pela semente que a tua mão semeou,
Tudo num roldão cosmoramico rolou
No fundo tenebroso de minhas tristes pupillas!
O teu hymno de orgulho, almo canto soberano,
Entrou-me pelos ouvidos como um amplo oceano
De estandartes, trombetas, capacetes e clavas,
E toda uma mescla de sons de muitas vozes escravas!
Vi passar Constantino entre nuvens de aroma,
Nero, contemplativo, sobre as cinzas de Roma
Pousava o adunco olhar indormido e feroz...
As bacchanaes do Imperio, as orgias do rio
Tibre, me fizeram, entre a febre e o arrepio
Da emoção que soffreu, estrebuchada a voz...
Vi os jogos de circo, a nobreza, os captivos
Acorrentados; a pompa dos rutilos e festivos
Dias dos Legionarios com os seus tropeis,
Passaram-me pelos olhos em tragicos lances crueis!
As enormes emprezas do arrojo humano, as enormes
Arremettidas do genio, as amplas e disformes
Construcções que a idéa esboça e que a mão edifica,
Tudo, numa pomposidade esplendida e magnifica,
Passou-me pelo olhar num estrugir de victoria!
Gloria a Ti que és a Luz, a Opulencia e a Gloria!
Força, Fecundidade, Capital e Subida,
Vida que és tu proprio como argilla da Vida!
E's Audacia, Abundancia, a Vastidão resumida
Do infinito do céo, da immensidade do mar,
Dentro do extasis divino da grandeza de amar!

Mas a ti não te invejo, meu opulento Irmão!
Ser sombra é ser repouso, humildade e perdão!
Ser saudade que fica, ser beijo que não se esvae,
E' mesmo ir até onde o pensamento vae!
Toda alma querida, por mais longe que esteja
Dentro da nossa saudade, se está morta — viceja!
O pensamento a cultiva e de carinhos a inunda,
E planta-a na nossa vida cada dia mais funda!
Onde houve um amor que deu flor e morreu,
Ahi está uma saudade e esta saudade sou eu!
Os homens, quando se sentem sem esperança e sem crença,
Sou eu quem os consola, os affaga e os pensa
Com o mais doce dos beijos, com o carinho mais terno,
Para após repousal-os nos pannos do pouso eterno!
A Riqueza se esfuma, o Orgulho se anniquila,
A Illusão se desfaz, só não se desfaz a tranquilla
Renuncia, a eterna consolação...
Ser sombra é ser cinza e ser resignação!...

O homem da Luz, que o escutava inflado de soberbia,
Curvou serenamente o rosto para o chão,
Procurando conter a incontida alegria
Que andava solta no seu coração!

Joaquim Thomaz

Joaquim Thomaz, autor do livro «Jerusalém», que revelou a sua feição de poeta lyrico, vae dar-nos, dentro em breve, a «Fonte Esquecida», com prefacio de Villaespesa, e no qual reuniu as suas ultimas producções. A poesia inédita que publicamos nesta pagina pertence ao futuro livro de Joaquim Thomaz, e é uma das mais lindas de «Fonte Esquecida», cujo exito está de antemão assegurado, dadas as sympathias de que desfructa o poeta entre nós. Joaquim Thomaz é, tambem, jornalista, fazendo parte da redacção dos nossos confrades «O Paiz» e «Gazeta de Noticias». Funccionario do Ministerio da Justiça, serve actualmente no Senado Federal, como auxiliar dos trabalhos da Commissão Especial que examina os codigos do Processo Civil e Criminal.

O trem pára, de repente.

— Que occorreu?

— São uns bandidos que acabam de assaltar o trem! E vamos todos ser fatalmente mortos!

— Que desgraça! — exclamou o turco Jacob, que viajava no comboio. — Eu comprei passagem de ida e volta e vou perdel-a!

*

Uma dessas senhoras que entram numa loja e fazem os caixeiros lhes mostrarem tudo, para, afinal, nada comprar, dirige a seguinte pergunta ao empregado que lhe serve:

— Esta fazenda está na moda?

— Quando a senhora começou a examinar os tecidos, estava; mas agora não garanto muito. Faz tanto tempo que a senhora chegou aqui...

*

Um professor dá aos seus alumnos o seguinte thema: — *Que farias si fosse millionario?*

Os discipulos mettem-se febrilmente ao trabalho, excepto um, que se põe de nariz para o ar olhando as moscas voarem e que, no fim, entrega ao professor uma folha em branco, sem uma unica palavra escripta.

— Como! — exclama o professor. — Não fez nada?!

— E' justamente o que eu faria si fosse millionario, senhor professor! — responde o alumno.

*

A senhora Codicelli, que deva offerecer um grande jantar, ordenou á cozinheira que comprasse um leitão. De volta do mercado, a empregada mostra a compra á patrôa, que não parece muito satisfeita.

— Oh! — exclama a cozinheira. — Quando estiver recheiado com trufas, ha de vêr como o animal fará figura. E' como a senhora, patrôa, quando põe os seus diamantes!...

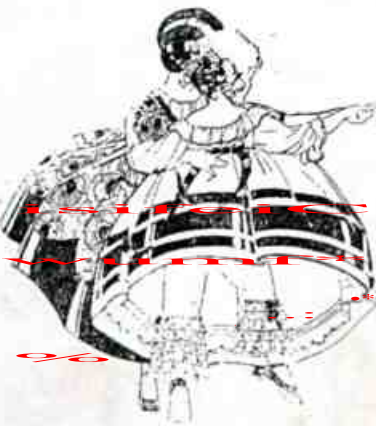
*

Dois irmãos eram socios num negocio de carvão.

O maior, tocado pela eloquencia de um pregador, converteu-se e tornou-se um homem inteiramente da egreja. Esforçava-se para converter o mais moço e induzil-o a seguir o seu exemplo. O outro deixou-o fallar um pouco, mas, depois, atalhou:

— Ouve, meu caro, si eu me converter tambem, quem pesará o carvão?...

*

— Mas, como?! A sua cozinheira lançou-se do quarto andar ao solo e você nada fez para salval-a?

— Engana-se: desci ao terceiro andar para segural-a, mas ella já tinha passado...

*

— Então, doutor, tenho que abandonar todo trabalho de cabeça?

— Sim, senhor.

— Pois não me é possivel.

— E', então, escriptor?

— Não, senhor: sou cabelleireiro de senhoras...

*

Em um dos theatros de Paris representava-se um drama cuja acção se passava durante a época revolucionaria.

O actor Firmin, que tinha uma pessima memoria, fazia o papel de Camillo Demoulins, que, na scena culminante, devia invectivar Fouquier — Thinville, presidente do tribunal. Este papel era desempenhado pelo actor Geffroy.

— Miseravel! — gritava Camillo. — Covarde!... Monstro!... Teu nome é... Teu nome é...

Firmin, perdida a memoria, não se lembrava de dizer "Fouquier — Thinville". O ponto, muito mais interessado em olhar Geffroy do que o libreto, não prestava attenção aos olhares angustiados de Firmin, que solicitava auxilio. Mas, notando, de repente, as consequencias daquelle esquecimento do actor e da sua distracção, em sua confusão só conseguiu exclamar:

— Teu nome é Geffroy!

Essas palavras foram repetidas por Firmin, em meio da grande hilaridade do publico.

*

Dois illustres metaphysicos discutiam sobre o fim do mundo, como si o phenomeno devesse depender da sua vontade:

— Pois bem, seja! — disse um. — O mundo acaba. E depois?

— E depois, e depois... eu me retirarei para o campo, feliz por — respondeu o outro. — não ouvir mais ninguem falar...

GARÔA...

A ultima cigarra

O vento, esse moleque atrevido que tem a cabeça cheia de travessuras, passára assobiando entre as arvores, e arrancando-lhes as folhas, sem piedade.

E as folhas seccas, cahindo, foram formando, aqui e ali, no chão da floresta, pequenos morros, que, ao longe, pareciam montões de moedas de ouro.

Os passaros, arripiados, tinham cessado de cantar. Uns partindo para longe, outros, menos ousados, encolhendo-se nos ninhos, cheios de frio e de medo...

Naquelle grande silencio, só as formigas trabalhavam. Era um continuo vae e vem, carregando tudo o que encontravam para abastecer a exigente despensa da enorme familia.

Não viam nada. Pensavam sómente no inverno que estava á porta, pensavam no frio e na fome que viriam acompanhando o inverno, geladamente branco.

E trabalhavam apavoradas com a perspectiva da fome cruel e, sob os raios do sol, já sentiam o frio, que acenava de longe...

Pobres formigas!

Lamento essas eternas operarias,
que passam toda a vida a tra-
[balhar.
Ellas não têm cantigas, não tem
[árias;
Não conhecem a gloria de cantar.

Commentando assim, numa canção alegre, a azafama das formigas, um fio de voz se fez ouvir naquelle grande silencio. No principio, era como que um chamado baixinho e mysterioso.

Depois, a voz se foi alçando, e era uma cantiga clara e ardente, como si fosse um raio de sol que a cantasse.

Era a cigarra, *prima-dona* da floresta, que dava o seu nltiuij concerto.

Cigarra generosa!

Cantava, porque tinha a alma cheia de sons e melodias; cantava, porque a sua vida era cantar. E a sua voz de ouro se levantava até o azul infinito e descia até as raizes das velhas arvores, que a tinham visto nascer e que conheciam a tradição secular dessa familia fidalga e bohemia a que ella pertencia...

A cigarra cantava.

E as folhas seccas bailavam ao som da sua voz o seu ultimo bailado.

O vento se escondera, envergonhado da sua molecagem, e o sol beijava pela ultima vez as arvores que o inverno não tardaria a amortalhar...

Ella cantava toda a alegria do verão que se fora, no seu manto de purpura e ouro, em busca de outras paragens; ella cantava a tristeza do outomno que vinha encolhido no velludo cinzento das suas tardes nostalgicas e frias.

E a natureza toda parecia escutal-a; todos sabiam que era o seu ultimo recital para fechar a estação; aquelle canto era o seu canto do cysne.

Só as formigas não a escutavam. Materialistas ferozes, sem um vislumbre de graça, sem um átomo de ideal, que é o maior encanto da vida, só cogitavam de amealhar para o dia seguinte, só tinham em mira o seu proprio bem estar physico, só viviam para não morrer de fome.

E a cigarra continuava a cantar.

Mas a pobresinha havia dois dias que se não alimentava; uma grande fraqueza dominava o seu corpinho cor de jalde, e assim a sua voz foi enfraquecendo, enfraquecendo, até calar-se de todo.

E quando a primeira estrella despontou na altura, a linda cantadeira do sol tombou como uma folha verde e já sem vida sobre um monte de folhas seccas, que brilhavam ironicamente como moedas de ouro...

Na manhã seguinte, as suas eternas inimigas carregavam-na como um tropheu para a despensa abominavel do formigueiro.

Pobre cigarra!

Mas tambem por que havias de nascer artista?...

COLOMBINA.

CRITICANDO

É sempre um consolo para o critico achar um outro critico com opinião igual á sua.

Foi o que aconteceu comnosco, quando, ha dias, o critico de mundanismo de um dos nossos vespertinos mais populares atacou sarcasticamente o grupo de senhoras do nosso "set", que se apresentou na "première" de André Brulé com os vestidos a varrer os tapetes.

Mas elle, o critico sensato, terá que, por sua vez, se consolar comnosco; em materia de exaggero nós, os brasileiros, tocamos as raias do ridiculo.

As modas mais estapafurdias e insensatas que appareçam, seja lá onde fôr, encontram rapidamente a acceitação dos brasileiros, que isso fazem sem a menor analyse, sem o mais leve exame.

Deante dos estrangeiros que nos visitam, nós fazemos uma figura abaixo da critica.

Deante do clima do nosso paiz, elles, os nossos visitantes, descem á terra em trajes proprios para os paizes tropicaes, com receio talvez de nos encontrar de tanga, apenas.

Mal chegam á Avenida e ficam estupefactos, ao ver cavalheiros vestidos com ternos de roupas de casemira com colletes afogados até o pescoço, polainas de lã, chapéos de feltro enterrados até as orelhas, acompanhando senhoras vestidas de gabardine, velludo, pellucia e astrakan, com grandes "renards" ao pescoço e tambem levando á cabeça chapéos de feltro...

Admiram-se de ver, em plenos passeios da Avenida, vestidos e "toilettes" que elles, na terra onde nasceram, só viram nos bailes de "elite."

Imaginemos o que se passará dentro do cerebro dessa gente!

Aquelles que aportaram aqui com o intuito de se fixarem, esses, por certo, delicadamente, urbanamente, não dirão o que pensam de nós; aquelles, porém, que vêm apenas movidos pelo turismo, aquelles que já visitaram outros paizes e que trazem no bolso um diario de viagem, esses são os que, uma vez de volta ao seu paiz, lançam á luz da publicidade impressões pouco lisonjeiras para nós, mas que as mais das vezes tem qualquer cousa de verdade.

Deante disso, o nosso patriotismo se arrepia e nós esbravejamos contra a critica.

Seria muito mais logico que nós nos collocassemos ao abrigo das suas criticas do que nos abespinhar quando ellas apparecem.

Daqui destas columnas, nós temos batido bastante os desmandos da móda, sómente porque achamos que nos expomos demasiado á critica dos outros.

Não faltará quem nos ache atrazados, antiquados, implicantes e sem razão.

Entretanto das columnas de Fon-Fon tem partido o grito de alarma, logo justificado, logo verificado.

Ha pouco tempo, em uma das nossas chronicas, commentavamos o abuso do pórte de armas, talvez no mesmo instante em que o sr. chefe de policia estudava a maneira de pôr cobro a semelhante contravenção, o que está sendo feito com exito e com resultados bem apreciaveis.

Commentámos, tambem, a falta de educação, de compostura e de lealdade sportiva, antevendo futuros desgostos e, quiçá, crimes resultantes della, e, pouco depois, a justiça tinha que intervir para punir, com artigos do Codigo Penal, *sportsmen* conhecidos.

Não nos poderia mover, nas nossas criticas aos exaggeros na moda, sinão a vontade de vermos nossa gente elegante mantendo-se dentro dos limites do "raffinement", sem o ridiculo desses exaggeros, mesmo porque escrevemos para *Fon-Fon*, que é um semanario de "élite".

Não podemos commungar com aquelles que não sabem julgar si o effeito que fazem é produzido pela elegancia ou pelo ridiculo.

Ser-se olhado por todos na rua, não quer dizer que se está fazendo um successo; as mais das vezes, o espectaculoso, o ridiculo, o exotico dominam mais depressa e profundamente do que a elegancia sóbria, a impeccavel, a "tenue" e a belleza.

Tivemos occasião de conhecer uma senhora que era realmente bonita; trajava-se, porém, com essa elegancia sóbria de que fallamos, e que ordinariamente muito depõe a favor da educação e principios da pessôa.

Occasiões havia em que essa senhora, sentindo-se muito olhada na rua, não julgava que esses olhares fossem motivados pela belleza do seu rosto, e então começava a procurar em sua pessôa, no seu traje, algum senão que a estivesse tornando ridicula.

Ha, porém, pessôas que, sendo olhadas simplesmente porque são ou estão ridiculas, julgam depois que fizeram um successo de elegancia, quando apenas se prestaram a um papel ridiculo.

E' simplesmente o habito da imitação em collaboração com a falta de analyse e raciocinio.

A falta de raciocinio é que faz com que as certas elegantes andem pelas nossas ruas, debaixo de uma temperatura de 30 gráos, ostentando pelles, "manteaux" de astrakan, etc.

A falta de raciocinio é que motivava o espanto do personagem do facto que vou contar:

No tempo em que o mar batia no paredão do terraço que Mestre Valentim construiu no Passeio Publico, a praia do Boqueirão do Passeio era uma das mais concorridas.

Diariamente, apparecia na praia, acompanhado de um lindo cão Terra-Nova, o typo mais exotico e ridiculo que alli se banhava.

Calvo, narigudo, equilibrando sobre as pernas finas e arqueadas uma barriga proeminente, o individuo era o typo do feio e do ridiculo.

Uma vez, conversando com um outro banhista, elle teve esta phrase:

— Por toda a parte onde ando ouço dizer: "Que bonito animal"! Não acho, porém, a razão de me chamarem animal...

ASTAROTH.

OS ROMANCES DE FON-FON

Constituem um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que admiravelmente liga á parte historica, aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela empresa "FON-FON" e "SELECTA", em fasciculos semanaes illustrados, pelo preço de 400 réis na Capital e 500 réis no interior. Na administração dessa Empresa encontram-se ainda algumas collecções de romances já publicados, que podem ser enviadas a quem as pedir:

PREÇOS DAS COLLECÇÕES:

Obra	Preço
REI AMOROSO — 9 fasc.	4$500
A GRANDE AVENTURA — 8 fasc.	4$000
A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO — 7 fasc.	3$500
A MARQUEZA DE POMPADOUR 6 fasc.	3$000
O RIVAL DO REI — 7 fasc.	3$500
O CONDE REI — 6 fasc.	3$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasc.	2$500
A RAINHA ISABEL — 8 fasc.	4$000
PASSAVANT — 9 fasc.	4$500
RAINHA DO ARGOT — 13 fasc.	6$500
FLORES DE PARIS — 20 fasc.	10$000
MARIA ROSA — 8 fasc.	4$000
O CASTELLO DE SAINT POL — 9 fasc.	4$500
DON JUAN — 7 fasc.	3$500
BORGIA — 11 fasc.	5$500
TRIBOULET — 8 fasc.	4$000
PATEO DOS MILAGRES — 10 fasc.	5$000
OS PARDAILLAN — 12 fasc.	6$000
EPOPÉA D'AMOR — 9 fasc.	4$500
FAUSTA — 10 fasc.	5$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasc.	4$500
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 f.	4$000
AMORES DE NANICO — 8 fasc.	4$000
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos	8$000
CAPITAN — 14 fasc.	7$000
BURIDAN — 19 fasc.	9$500
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasc.	4$000
AMANTES DE VENEZA — 7 fasc.	3$500

De outras obras como A HEROINA e JOÃO SEM MEDO, só existem em stock fasciculos diversos.

PREÇO DE CADA FASCICULO

VENDA avulsa no Rio	$400
Nos Estados	$500

NUMEROS ATRAZADOS

Venda no Rio	$500

Pelo correio, mais 100 réis em cada fasciculo

ESCREVA Á EMPRESA

"FON-FON" E "SELECTA" S. A.

Rua Republica do Perú 62

RIO DE JANEIRO

Um caso de consciencia

REMIGIO VIDELA tinha um secretario a quem queria muito. Chamava-se Casanova.

Casanova era um moço honesto, integro, que todas as manhãs se entretinha com a correspondencia amorosa e commercial de seu patrão. Elle mesmo respondia com bastante acerto as propostas financeiras do Banco Privado Videla & Cia. Havia cinco annos que Casanova empregava constantemente a machina de escrever e não commettêra ainda um unico erro de orthographia. No emtanto, sabe Deus com que facilidade se póde pôr um H na palavra amor quando a machina é velha ou necessita ser limpa e oleada...

Casanovinha, como familiarmente o chamava seu patrão, era, pois, credor de toda a confiança.

Por que foi preciso que, certa manhã, o banqueiro chegasse a seu escriptorio tres quartos de hora mais cedo? Apenas Conan Doyle seria o indicado para responder a essa pergunta. Mas isso nos levaria muito longe.

O que o banqueiro viu por um espelho o fez estremecer de indignação: seu abnegado secretario estava occupado em passar um masso de notas da caixa do banco para o bolso de seu palitó particular...

Muito calmo, porém muito grave tambem, Remigio bateu no hombro de Casanova, dizendo-lhe:

— Meu amigo, surprehendi sua acção. Fique tranquillo, que não o denunciarei á policia. Não farei isso. Absolutamente. Mas não o quero mais a meu serviço. Até aqui, você foi, para mim, um homem honrado. Sua consciencia se encarregará de castigal-o.

Casanova, que preferia se entender com sua consciencia, a ter que justar contas com a policia, se despediu da casa Videla & Cia. e foi offerecer seus serviços a outro banco, que funccionava exactamente em frente.

* * *

Não tardou em comprehender seu erro. Quatro vezes por dia se encontrava com seu ex-patrão, e este sempre o cumprimentava tristemente.

E o ex-secretario se recordava de suas palavras: "Fique tranquillo, que não o denunciarei á policia... Sua consciencia se encarregará de castigal-o..."

Sua consciencia? Era terrivel e austéra. Quatro vezes por dia lhe repetia: "Surprehendi sua acção..."

Oh! Isso não podia continuar!

* * *

No emtanto, quanto vos parece que durou essa vida? Sete annos, meus amigos! Sete longos annos!

Casanova começava a perturbar-se.

Um dia, foi visto sahir sem chapéo, sob uma chuva torrencial.

Commetteu erros de orthographia com uma machina nova.

E enganou-se em sommas de duas cifras, que tomava por subtracções.

Ah! Aquelle homem que, quatro vezes por dia, surgia deante delle para reproval-lhe a culpa!

* * *

Uma noite sem luar, Remigio Videla foi encontrado morto perto do Jardim Zoologico, e a melhor policia do mundo não foi capaz de descobrir as causas do crime.

Uma certeira punhalada, tão certeira quanto silenciosa, o mandára ver si no outro mundo existiam secretarios infalliveis.

E Casanovinha, autor do crime, póde, então, respirar a plenos pulmões.

Tinha, afinal, sua consciencia tranquilla...

RENÉ VIRARD

Depositarios exclusivos:
ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Rua Uruguayana, N.º 27 — Rio

LEIAM

A Heroina

OBRA NESGOTAVEL

DE

MICHEL ZEVACO

TRILYSIN *Tonico biologico fortificante do bulbo capillar. Producto allemão da fabrica* **PROMONTA**. *Nas boas Pharmacias e Drogarias e nos Institutos de Belleza.*

Importante Attestado da Exma. Snra. Mariangela Matarazzo a respeito do Grande Depurativo

ELIXIR DE NOGUEIRA

Attesto ter usado em minha clinica, nos casos indicados, o preparado

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira, tendo obtido sempre bons resultados.

S. Paulo, 31 de Outubro de 1922.

Dra. Matarazzo.

(Firma reconhecida.)

Rua Quintino Bocayuva, 4 — Sala 6.

SYPHILIS?

ELIXIR DE NOGUEIRA

Gosta de Cinema?

Leia SELECTA, a melhor e mais barata revista cinematographica. Além das mais recentes informações cinematographicas, enredos e critica de films, etc.

Prefere leitura amena?

Leia então o **Romance da Fon-Fon** que sae em fasciculos semanaes, todas as quartas-feiras.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

A MULHER DOMADA

Dos Artistas Unidos

Cinema ELDORADO — O talento e a cultura de Douglas Fairbank já não precisam desta pellicula para se dar a demonstração que é de primeira ordem. Na verdade, o creador de *D. Q.* é o artista cinematographico mais culto da America e talvez do mundo inteiro. Os seus trabalhos não se resumem em meros motivos de industrialização em material de commercio. Ha dentro delles, ou antes dentro de muitos delles, a manifestação de um apaixonado da arte como expressão de belleza esthetica. Esta comedia de Shakespeare ganhou em vida, em animação, em realidade que o palco naturalmente nunca lhe deu, nem no tempo do seu auctor. Douglas é primoroso de realismo, de verdade. Já Mary nos pareceu deslocada, fria, sem que com isso queiramos dizer que o seu trabalho seja fraco. Não attingiu a altura do marido. Surprehendente, estupendamente bella a montagem desta pellicula. Vale por uma lição de indumentaria, de archeologia seiscentista. Só um artista da cultura de Douglas poderia realizar tal maravilha.

Cotação — BOM

PERDIÇÃO

Da Universal

Cinema PATHÉ PALACE — Dois bons artistas: Mary Rolan e James Murray. Afóra isso, este filme, que a interpretação valoriza, não faz senão repetir pormenores de ambiente muito cançados, esse ambiente de extremo-oriente, tão repetido em centenas de pelliculas. O scenario nem por isso se póde deixar de considerar correcto, nem posso intento significa deprimir o seu valor intrinseco. O que não podemos é dar-lhe fóros de originalidade que os não possue. Póde ainda dizer-se com justiça que o publico não viu com desagrado este filme; mas tambem não se enthusiasmou. Não tinha mesmo porque.

Cotação — SOFFRIVEL

OS ORPHÃOS DO DIVORCIO

Da Paramount

Cinema IMPERIO — Um filme de elevado alcance social. Deveria sêr apresentado numa sessão especial para os que defendem a necessidade do divorcio para a moralização da instituição da familia. E' que elle demonstra á sociedade que os que fazem do divorcio, não uma necessidade, mas uma distracção, cavam a desgraça dos pequeninos entes, que dos seus crimes não têm culpa. Esta pellicula da Paramount, como obra de intelligencia e de moral, é uma lição pungente. Como obra de arte, não sae da mediocridade. E' certo que ha um bom cuidado technico e a interpretação se salva. Mas não, afóra um certo sentimento de belleza no final, grandes surtos de belleza.

Cotação — SOFFRIVEL

A GLORIFICAÇÃO DA BELLEZA

Da Paramount

Cinema CAPITOLIO — A apotheose da belleza feminina americana está neste filme da Paramount. Não é uma pellicula: é um throno. Trata-se de uma *feerie* surprehendente e dentro della nada mais se póde buscar do que um grande prazer dos sentidos. Mas esse prazer dá á arte cinematographica mais um triumpho formidavel porque mostra até que ponto ella póde conceber quadros de arte e impressões de belleza que valem por obra dos melhores mestres dos museus. O enredo é apenas um pretexto, mas na verdade o quadro que o cerca não nos dá tempo para nelle pensar, porque é uma visão do Paraiso que se segue a outra visão, mais estonteante, transformando o filme numa verdadeira exposição de belleza feminina. A interpretação segue o mesmo criterio. Não tem por onde se realçar, mas vale pelos naipes femininos como uma authentica obra de arte... plastica. A musica é bem adaptada ao ambiente e ás scenas. Ouve-se com prazer; não enfada. Este filme da Paramount poderia servir como uma

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

bella demonstração do valor no emprego dos processos de eugenia. Incontestavelmente, a raça norte-americana, resultante de tantas outras raças, está se seleccionando. Para finalizar, um bom filme para os olhos e para os ouvidos.

Cotação — BOM

A GURYA DE HAVANA

DA FOX

Cinema GLORIA — Um filme que allia o fio de enredo dramatico a uma serie de scenas delicadas, emotivas, finissimas. O *cast* não foi arrancado aos primeiros nomes da Fox. Isso não desmerece o trabalho, que foi muito consciencioso. O que sobretudo encanta nesta pellicula é a parte technica, com effeitos surprehendentes da *camera*. O publico choca-se um pouco com algumas scenas de tremenda brutalidade. Mas *A Gurya de Havana* não é positivamente uma pellicula de ambientes delicados. Mas o bello horrivel costuma ser prato agradavel, para muita gente sensivel. Nós gostamos do filme como film.

Cotação — BOM

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

O que nem todos sabem

A repugnancia irresistivel, que se experimenta por determinados pratos, chama-se *sitophobia*, e é mais geral do que se suppõe. Ha quem tenha marcada aversão pela maçã, pelo queijo, por certas carnes e verduras. Constitúe uma enfermidade que é necessario ter em conta, para não tomar por fingida a attitude, especialmente dos meninos, quando repellem algum alimento, com asco.

•

Póde-se affirmar, em termos geraes, que as picadas das aranhas não se revestem de gravidade. As inflammações se produzem pela introducção de microbios que a aranha recolhe em sua teia ou nos cadaveres das moscas. Por conseguinte, quando uma aranha pica, deve se ter a precaução de lavar a ferida com agua e um desinfectante, acido phenico, por exemplo.

•

No Estado de New-Jersey, em Atlantic-City, a justiça é rapida. Um individuo chamado Thomas, já condemnado tres vezes por embriaguez, comparecia perante o tribunal pela quarta vez. As phases do julgamento occorreram com a seguinte presteza: A's 9 horas, prisão; ás 9 horas e 2 minutos, o presidente lhe perguntava o nome; meio minuto depois Thomas era condemnado a vinte dias de encarceramento; ás 9 horas e 3 minutos, o julgamento era assignado; meio minuto depois, o prisioneiro era levado pelos guardas. 210 segundos tinham decorrido entre a prisão e a sentença.

•

Quando Máspero descobriu a mumia de Amenkotep I, a encontrou coberta de flores murchas. Em uma dellas havia uma vespa perfeitamente bem conservada, graças ás drogas empregadas pelos embalsamadores.

•

Nas tribus africanas os ferreiros constituem uma casta especial, muito temida como versada nas artes magicas. Isso se deve ao facto de terem sido negritos os descobridores da fusão e do batido do ferro, ficando, desde então, essa aureola aos que se dedicam ao trabalho desse metal.

•

Nas escolas publicas da Allemanha se tem especial cuidado em separar os meninos espertos dos abobalhados. A selecção não é caprichosa, mas só é feita depois de prévia e minuciosa observação medica.

•

Para as damas armenias e georgianas o centro de vida social consiste nos banhos de Tiflis. Ali se realizam elegantes reuniões onde se ostentam custosas *toilettes*, sendo a preoccupação maior das *coquettes* o tingir primorosamente o cabello, de accordo com os imperativos da moda entre ellas.

ESPIRITO ALHEIO

— O senhor não admira a paisagem, tio! Passa o tempo lendo o guia emquanto o cicerone nos está explicando os logares.

— E' que quero controlal-o, para ver si o surprehendo nalgum erro.

O "boxeur" — Escute, meu amigo: essas valises não são minhas...

O carregador — O senhor queira me desculpar, mas eu me guiei pelo seu rosto... Suppunha que a marca das valises fosse a mesma...

O domador de feras pretende, inutilmente, tirar o gato do aposento...

Accompanhe o evoluir dos tempos!

Tempo houve em que se tinha de tolerar os tinteiros. Agora o Jogo de Canetas Parker para secretária tornou-os inuteis. A Parker Duofold encerra o seu proprio tinteiro e ajusta-se a uma elegante base. Prompta sempre para o serviço — sob a vista e ao alcance da mão.

E é facil de transformar em caneta para o bolso. Tem-se assim duas canetas ao preço de uma.

Unico Distribuidor no Brasil:

A. Cardoso Filho

Rua Buenos Aires, 208,
Rio de Janeiro, Brasil

Parker Duofold

Porta-Canetas Para Escrivaninha

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

Dame Française

Enseigne Son Idiome Avec Methode Trés Facile. Au Domicile Des Éléves.

Telephone Ipanema 0315

SE O SEU ESTOMAGO O ATORMENTA

É necessario procurar a causa do seu mal. Muitos transtornos digestivos são a consequencia de um excesso de acidez do suco gastrico. Esta acidez provoca azia, azedume, flatulencia, vomitos e tantos outros incommodos digestivos. Tome meia colher de cafe de Magnesia Bisurada num pouco de agua depois das refeições, e obterá um allivio certo e rapido. A Magnesia Bisurada neutralisa o effeito nocivo duma acidez excessiva e regularisa as funcções do apparelho digestivo. Suavisa ella as paredes irritadas do estomago e assegura uma digestão normal e facil. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

OLHAR QUE FASCINA!

Os olhos de certas mulheres teem um encanto verdadeiramente magnético!... O olhar d'essas mulheres tem um brilho que perturba, attráe e fascina irresistivelmente!!! Esse mysterio, esse enorme poder de seducção póde ser obtido immediatamente pelo emprego do *Ondulador Rodal* das *Pestanas* e dos *Productos Rodal*, *Yildizienne* e *Mirabitta*, de fama mundial, da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA, premiados com o *Grand Prix* na Exposição do Centenario e noutras a que tem concorrido. Use diariamente em Massagem e na toilette *Cremes*, Agua, Rouge de Vie e *Pó d'Arroz* da grande Marca *Rainha da Hungria*. Escreva hoje mesmo á ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA Av. Rio Branco 134 e Rua 7 de Setembro 166, Rio. Peça Catalogo gratis

Por uma nympha

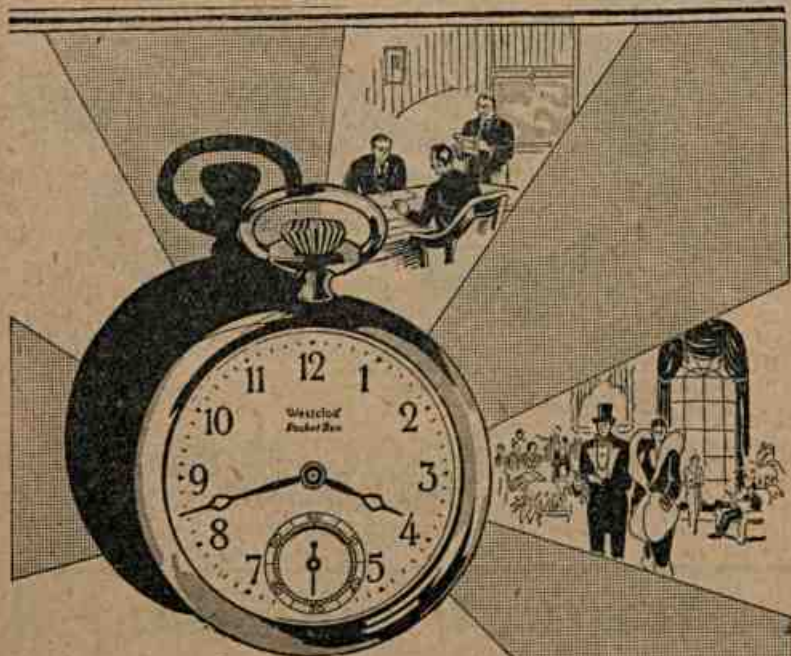
NÃO é verdade que não exista o velho Pan e não existam nymphas, como não é verdade, tambem, que não haja mais cantos de terra onde a vida decorra com a fresca ingenuidade de uma fabula.

Ciuffodoro, não obstante os seus quatorze annos completos, acreditava ainda em monstros fabulosos, em fadas e em bellas adormecidas no bosque; e a uma tal epoca podia pertencer a pequenina região onde nascera e onde vivia, com aquellas rugosas casinholas de esgueilha, que pareciam velhinhas alegres, cheias de bom humor, dispersas aqui entre as arvores que subiam para as montanhas.

Não se sabia de quem era filho, mas todos lhe queriam bem, porque era são e forte, serviçal e alegre. Esbelto, agil, com dois olhinhos azues, serenos e muito abertos, um perenne sorriso nos labios corados, era chamado Ciuffodoro, por causa dos abundantes anneis louros que lhe esvoaçavam em abundancia sobre a testa. E perdoavam-lhe de boa vontade as suas historias de nymphas que habitavam a floresta principesca (historias de fazerem dormir em pé), em troca de bellos desenhos que sabia esculpir nos cajados dos pastores e pelos bonecos que recortava nas cascas de arvores, e pelas melodias melancolicas e doces que conseguia tirar de uma flauta por elle mesmo feita. Por isso, d. Ermagora, o velho cura, que o ensinara a ler e a escrever, não lhe dirigia mais censuras por taes fantasias, como o fizera antes, julgando-as impias. No fundo, Ciuffodoro amava tambem as bellas historias do Novo Testamento, se bem que confundisse, como um ingenuo sonhador medieval, num identico mundo ideal, anjos e nymphas, demonios e monstros, divindades verdadeiras e falsas.

E, depois, tocava os sinos e tirava o panno do harmonium da egreja com tal fervor, que não teria sido facil substituil-o. Tinha por habito dizer a si mesmo que o orgão modulava as melodias com a harmonia da floresta quando o velho Pan se divertia, e que precisava despertar com impetuosidade os repiques dos sinos para dispensar as caricias do vento que sussurrava por longe.

Os seus contemporaneos respeitavam-no por terem visto, mais de uma vez, turistas comprar os bonecos de cortiça sahidos de suas mãos e, mais ainda, porque elle jurava e tornava a jurar ter provas precisas da existencia de nymphas na floresta. Não as havia visto, é verdade, mas ouvira o roçagar de sua passagem ás costas, os suspiros por detraz das cascaras das arvores, onde se occultavam durante o dia; tinha percebido as suas lagrimas correrem ao longo dos troncos, e, afinal, descoberto, quasi ás raizes das mesmas, grandes buracos por onde deveriam sahir durante a noite. A's vezes, pela alvorada, via desapparecerem, ao longe, os vôos brancos que as occultavam na fuga repentina occasionada pela sua presença.

Somente quem tivesse ousado penetrar no fundo do bosque, emquanto a lua estivesse no meio do céo e as houvesse surprehendido ás margens do pequeno lago, por delle conhecido, é que as veria, por-

De
Ugo Falena

que as nymphas não se aventuram ás sortidas senão quando os mortaes estão mergulhados de todo no somno.

Conhecia todos os recantos da floresta. De alto a abaixo e para além ainda, porque as arvores, unidas nas frondes, como um enorme lençol verde, continuavam a caminho do precipicio sobre a outra encosta da montanha. Era o palacio principesco o que o intimidava; o palacio levantado no centro do bosque, e do qual se descobria, do valle, apenas o cimo da torre ameiada, e já não tanto pelo aspecto magestoso e sombrio, tristonho tambem no esverdinhado do limo que lhe manchava as pedras cinzentas; mas por aquellas portas massiças e desbotadas, aquelles postigos carcomidos das janellas, uns e outros sempre hermeticamente fechados. Por que os principes não o habitavam nunca? Mas tanto melhor, porque assim elle podia andar livremente por toda a parte, investigar o solitario recinto pouco afastado, onde grossas letras apagadas advertiam ser prohibida a entrada. Ali era o seu reino, e ali assegurava morarem as nymphas. Nelle penetrava galgando o pequeno muro de roda, e passava ahi todos os dias algumas horas da tarde, estendido sobre a relva, de face para o pequeno lago artificial que tremulava entre as rochas recobertas de musgo. Tirava, então, do bolso a sua flauta e, feliz, tentava harmonizar o som com os cantos dos passaros, o trinado monotono dos grillos e o sussurro das comas das arvores.

Uma noite de verão, em que o calor era extenuante, não resistiu. Quiz ver essas nymphas, de cuja existencia estava tão certo! Apenas a lua surgiu das sombras, sentiu dominado o vago desanimo pelo sacrilegio que estava por commetter. Cluffodoro subiu, palpitante, á montanha, procurando os atalhos mais encobertos; galgou o muro e encontrou-se no recinto.

Avançou, surpreso com o silencio que dominava, absoluto. Elle, que conhecia todas as vozes da floresta, não percebia nem ao menos uma respiração; parecia que quasi todas as cousas estivessem mergulhadas no estupor attonito pelos zig-zags argenteos e esmeraldinos que scintillavam no espaço. Mas, instantaneamente deante do lago, estremeceu e deteve-se de subito, aturdido. Sobre a rocha encontrava-se, de facto, uma nympha, bellissima, com o corpo muito branco aos beijos da lua, os longos cabellos esparsos sobre as espaduas e os olhos brilhantes fixos na agua, em cuja superficie pareciam passar calafrios tambem.

Cluffodoro olhou com innocencia, com a mesma admiração religiosa que lhe infundiam, lá em baixo, na egreja, as figuras dos anjos e a imagem de Nossa Senhora. Mas, de repente, a nympha voltou a cabeça, olhou, contrahiu o rosto, deu um salto na agua, bradando, irada:

— Vá embora, vá embora!

E a agua, revolvida, pareceu gritar com ella.

Cluffodoro quiz fugir. Mas sentia-se como pregado ao chão. Viu ainda a cabeça da nympha emergir das ondas agitadas; ouviu ainda o "Vá embora!" imperioso e

colerico; e arrojou-se sobre a relva, escondendo o rosto para pedir perdão. Pareceu-lhe, então, que um riso de mofa acompanhasse a tola attitude que tomara repentinamente e que se tivesse extinguido num novo "Vá embora!" suffocado.

Ergueu o busto, e, vendo que a nympha mergulhara a cabeça tambem, para occultar-se completamente, aproveitou-se do momento para fugir.

Passou a noite inteira no seu misero leito pensando na nympha, esforçando-se por imprimir na memoria a imagem, certo de que resistiria aos annos como os desenhos gravados nos troncos das arvores; e de manhã, bem que tivesse uma vontade louca de revelar aos companheiros a prova das suas certezas, não tocou, em absoluto, com nenhum delles, na apparição, e guardou no peito o precioso segredo como um thesouro que não deva ser profanado. Mas, depois de alguns passos pelas ruasinhas do povoado, viu aproximar-se o guarda da floresta, muito sombrio e muito indignado. Sentiu-se violentamente agarrado por um braço, ouviu assobiar-lhe ás orelhas um brusco "Venha!" e em menos tempo do que se leva para narrar o facto, achou-se atirado no fundo de uma prisão. Não se surprehendeu nem se lastimou. Comprehendeu que o velho Pan deveria estar justamente irritado e que elle, Ciuffodoro, precisava soffrer o castigo de tamanha temeridade.

Sosinho durante muitas horas, ouviu, afinal, a porta abrir-se para deixar passar dom Ermagora, com o rosto mais sombrio e mais indignado ainda do que o guarda da floresta.

— Fizeste da boa, hein — murmurou, fixando o rapaz com dois olhos terriveis.

— Eu sei — respondeu este, mastigando as palavras — que a gente não deve ver as nymphas.

Um fugaz e indulgente sorriso illuminou o olhar do velho.

— Se não queres acabar os teus dias na prisão — concluiu, grave — deves partir immediatamente e não pôr mais os pés aqui. Providenciaremos para salvar-te.

E Ciuffodoro inclinou a cabeça, resignado.

* * *

Casas brancas e baixas, ruas largas, tão empoeiradas que pareciam cobertas de farinha; montanhas tão afastadas e de um tom tão esbranquiçado que davam a impressão de estradas de neve, toda aquella brancura uniforme cercava o pobre Ciuffodoro na sua nova moradia. E, depois, assustava-o o novo parocho — dom Sisto — ao qual

Por uma nympha

(Conclusão)

fôra confiado; não porque o tratasse com dureza, mas pela sua figura austera e resequida, por aquelles olhos sempre distrahidos que pareciam perdidos no vacuo. Não devia ser bom, não. Em certos momentos Ciuffodoro tinha saudades dos enfurecimentos e das ameaças de dom Ermagora. Não era, todavia, inteiramente infeliz. Conservava dentro de si tão vivas as recordações da floresta e da maravilhosa apparição, que podia encher com ellas as longas horas da tarde. Fechava-se, então, na sua trapeira, e com a argilla encontrada nas margens do rio, tentava ufanosamente modelar a figura da nympha, assim como lhe apparecera, e tão bem se recordava de tudo, que lhe parecia ter ainda o quadro deante dos olhos.

Decorreu um mez, dois, tres e seis. O esboço tomava fórma. Mas uma noite que Ciuffodoro mais do que habitualmente se demorava no trabalho, achou-se face a face com dom Sisto. Este fixou longamente o esboço com olhos humidos. Acariciou o rapazola. Depois murmurou, com uma voz que não parecia a sua:

— Continúa a trabalhar.

No dia seguinte, Ciuffodoro foi por elle chamado á sacristia. Estava em sua companhia um senhor de barba inculta e doces olhos bovinos: um esculptor que o rapazinho vira modelar anjos na egreja.

— Mestre — disse o parocho — precisa fazer deste peralta alguem na vida.

Ciuffodoro comprehendeu. Beijou, soluçando, a mão do cura, e seguiu o esculptor.

Muito tempo se passou ainda: não mezes, mas annos. O menino

tornara-se já num homem, tanto que teve de decidir-se a escolher um outro nome menos bello e mais commum. E a estatua da nympha estava agora terminada, perfeita, de tamanho natural, na mesma attitude sobre a rocha, a fixar as aguas tremulantes do lago.

— Agora, sim, és *alguem!* — exclamara o mestre, ao contemplal-a.

E Ciuffodoro se tornou celebre, e a sua estatua foi reproduzida e até um dia, roubada.

Havia muito tempo já que não acreditava mais em nymphas... Sabia que, se naquella noite longinqua, em logar de descer por atalhos escondidos para alcançar a floresta, houvesse passado junto ao palacio principesco, teria visto as portas e as janellas abertas. E sabia tambem que o principe possuia uma filha bella como o sol.

* * *

Não voltou mais á sua terra natal, bem que não quizesse receber como recompensa do exilio, o triumpho daquelle dia.

Mas decidiu-se a fazel-o velho já. Quem teria reconhecido, agora, no austero e encanecido cavalheiro, Ciuffodoro dos tempos passados? Nenhum dos antigos deveria existir ainda, nem muitos dos seus contemporaneos tambem, e talvez, quem sabe? a supposta nympha já se encontrasse do mesmo modo prisioneira eterna de alguma grande cascara de arvore.

Chegou por uma boa manhã.

Reviu as casinholas rugosas e de esguelha, fazendo lembrar velhinhas alegres que lhe viessem ao encontro; a floresta a agitar as frondes selvagens como um movimento de jubilo. Subiu até o recesso e encontrou-se aos pés do muro que rodeava todo o palacio. Não possuia mais a agilidade dos tempos idos para galgal-o. Descobriu, por felicidade, uma brecha proxima, e introduziu-se nella.

Não tinha percorrido senão poucos metros sob a grande cupola verde, agora resonante de chilreios, de vôos e de sussurros, quando se deteve de subito, assombrado. Tinha, de novo, deante dos olhos, sobre as rochas recobertas de musgo, a nympha bellissima, com o corpo muito branco á luz da lua, com os longos cabellos esparsos por sobre os hombros e os olhos brilhantes fixos nas aguas do lago.

Mas sorriu logo. Reconhecera a estatua. Approximou-se para observal-a. Devia encontrar-se alli ha muitos annos já, porque estava corroida pelo ar e pelas intemperies.

Comprehendeu, então, que o seu acto temerario de menino curioso e sonhador, fôra perdoado em epoca que o amontoado dos annos sepultara de todo...

O ENIGMA CHINEZ

(Bizarros costumes da China)

De ROLAND DORGELÉS

... Em Chalon, tudo é contraste, tudo é desordem, tudo é desconcerto... Ha a podridão sagrada da velha China, ha tambem uma confusão indescriptivel.

E' preciso temer? Será necessario rir? Si se comprehendesse tudo, ao menos...

Vejamos, o anno passado, a escola chineza, perto do Grande Pagode, subitamente se declarou athêa, inteiramente, mestres e alumnos, recusando comparecer deante do altar de Budha.

Que se iria passar? Oh, nada: estamos na China...

Como é o pagode que, com os seus dons, faz viver a escola, aquella cortou os viveres que fornecia ao estabelecimento de ensino e, para possuir arroz, os atheus, sabiamente, voltaram aos seus officios. Budha devia estar vencedor: elle sorriu.

Mas o pagode é assim tão religioso? Ahi só se recebem os bonzos quando são chamados para uma cerimonia qualquer; o resto do tempo, o santuario fica entregue a um bando depennado de sacristães de torsos nús, bedeis irreverentes que fazem o seu guizado deante do hotel e guiam os devotos.

Uma velha mulher se sente fatigada. Entra e vae tomar, pagando adeantadamente, uma especie de cofre cheio de pausinhos numerados.

Prosternando-se, ella sacode a sua caixa com um movimento rapido, si bem que um dos pausinhos se eleve da caixa e tombe no solo.

O sacristão não tem senão olhar o numero e tirar de uma caixa um horoscopo que lhe corresponde: a velha recebeu a sua consulta do céo.

— Estás doente. Precisas te fortificares...

Mais do que isso, saberia ella no hospital cantonez, pelos medicos chinezes ou com esse charlatão europeu que enriqueceu, fazendo, em todos os seus doentes, contaminados ou não, injecções de um certo sérum ou installando-os, a vinte piastras a sessão, em cadeiras de braços nickelados, onde os sacudiam com descargas electricas, affirmando que era a doença que se ia.

* * *

Os medicos francezes que se dedicam á colonia são obrigados a representar uma comedia para merecerem fé. E' preciso que lhes tomem os dois pulsos, como os annamitas e os chinezes têm visto fazer. E' preciso, sobretudo, que prescrevam poções, mesmo si o doente não necessita dellas.

A sciencia, no mundo, póde realizar todos os progressos; a medicina descobriu todos os methodos novos: a velha China nada quer saber e cura como ha quinhentos annos.

* * *

Todas as manhãs eu ia ao hospital cantonez, onde as consultas se dão numa especie de pateo abrigado, deante de um repuxo rodeado de arvores anãs.

Tomavam-me, não sei porque, por um medico inspector; e os meus collegas de olhos obliquos, que não falavam francez, me perguntavam, muitas vezes, a minha opinião, pelo olhar.

Respondia com um signal de cabeça, e elles ficavam contentes. O doente se sentava deante delles, do outro lado da mesa, as mãos pousadas sobre dois coxins, e o medico tomava os seus dois pulsos, a um só tempo. E isso era o bastante. Comparando os dois punhos, elle conhecia o mal. Nada de auscultação, nem de exame: os olhos, a lingua, o pulso...

Depois, molhando o pincel na tinta, escrevia e desenhava uma receita, prescrevia invariavelmente tisanas, pós, etc. A uma velha, cujo olhar se cobria de catarata, elle dá, como aos outros, uma infusão de plantas. Apenas ella tem ordem de só beber a metade e lavar os olhos com o resto.

Oculos trepados no nariz, barriga ao vento, o pharmaceutico espera, no fundo da sala, no meio das caixas. Não me disseram o que ellas contêm; o interprete francez não sabia muito chinez e o chinez não conhecia muito francez.

Ha folhas, raizes, ossos para pessoas fracas, ninhos de andorinha para os que soffrem do peito. Um enorme maxillar de tigre pende de um canto: será para um grave e grande doente...

Os que nada soffrem, ficam bons; os outros, ás vezes. E ha, talvez, entre esses desgraçados que gemem sobre o leito, um chinez que, no seu *bureau*, está collocado junto ao telephone ou bate numa machina de escrever.

São coisas que se accommodam...

Tudo é desaccordo. Nada se explica. São astuciosos e credulos... E' a servidão e a anarchia. Vive-se sem regras, sem disciplina, cada um trata de si. O *tricot* que elles vestem acaba por ser egual em todos elles.

* * *

No theatro, em pleno espectaculo, rapazes de accessorios, em pyjamas immundos, penetram em scena e vão levar á *chanteuse* a sua ração de chá. Depois, emquanto ella retoma o seu ar, num tom mais alto, arranjam, ao passar, o chapéo de uma outra, ou se vão acocorar num canto, para dar á lingua com os musicos, que tocam ou se detêm, por sua vez, tão indifferentes como si estivessem aborrecidos, entediados.

Ninguem se admira de nada. Não ha um artista, um letrado, nessa multidão misturada com bonecos, que come guloseimas, castanhas cozidas ou milho assado. Tanto quanto os francezes, os filhos de Pekin, que entrassem aqui, não se fariam comprehender: nenhum desses expatriados fala a lingua do mandarim.

Para que? O homem mais rico de Colon — nove ou dez milhões de francos — começou apanhando trapos no riacho. Um outro, tirando carrapatos dos animaes...

VERSOS

Deslumbramento

Trocar uns beijos e fazer mil juras
E' o destino, afinal, dos namorados.
Mas, por um beijo, quantas desventuras!
E, por promessas, quantos desgraçados!

Tambem fizemos dessas taes loucuras
A' sombra amena dos ipês dourados.
E as aureas flôres vinham das alturas
As vestes lourejar dos dois amados.

O nosso affecto era um deslumbramento.
Mas a mulher — feliz comparação! —
E' mais ou menos como pluma ao vento.

Não te lembras de mim, ventoinha louca.
Mas eu, por vezes, tenho a sensação
De que me apertas contra tua bocca...

HORACIO MENDES

Seara de Booz

Gosto de vêr-te. Acaso, quando passas,
— Sylphide airosa, estrella resplendente —
Conduzem-me comtigo as tuas graças,
O meu olhar te segue reverente.

Ás vezes, és um sonho e, assim, esvoaças,
A acenar-me de longe, docemente,
Convidando a que beba, em ricas taças,
O hydromel do teu amor ardente.

E' incenso e myrrha ha neste preito occulto,
Em que a alma se ajoelha ante o teu vulto,
Rendida aos dons de tanta formosura.

Lembro Ruth e as espigas de Booz:
Restos de olhar, perdidos sons de voz,
Do que deixas a esmo, ando á procura.

SANTINO GOMES DE MATTOS

A uma mulher

— Vou partir, vaes ficar. Por isso, é justo
que te esqueças de mim. O esquecimento
nasce sempre da ausencia e, a gente, a custo
se conserva fiel ao juramento.

Deixa a jura banal! E' como arbusto
que verga ao sopro do primeiro vento...
Jurar é ser perjuro e a jura frusto
para evitar, mais tarde, o soffrimento.

Assim falei: E, assim, sem jura alguma,
findou-se nosso idyllio, na impiedade
de uma tarde outomnal de frio e bruma...

E, indifferentemente, acompanhámos
o cortejo violeta da saudade,
e o funeral dos sonhos que sonhámos.

PAULO SPOSITO

Picadas de Insectos

são causadoras de grandes dôres e muitas vezes dão logar a infecção seguida de molestia grave. A dôr causada pela mordida e ferroada dos insectos, mosquitos, abelhas e aranhas, é immediatamente alliviada com uma applicação d'

A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS.

Este admiravel medicamento devia estar sempre no armario de remedios em todos os lares, pois que não somente é bom para picadas de insectos, mas constitue tambem um excellente remedio para:

Talhos e feridas laceradas	*Dôres rheumaticas*	*Inflammação da garganta*
Contusões, torceduras e luxações	*Lumbago*	*Excoriações*
Queimaduras e escaldaduras	*Nevralgia*	*Queimaduras do sol*

E PARA USO GERAL DO TOUCADOR

Vende-se em todas as Pharmacias

DIRIJAM-SE A SCHILLING, HILLIER & CIA., LTDA.
Caixa Postal, 564 — Rio de Janeiro

A "ACIDEZ" *é o peior inimigo das creanças*

A unica maneira segura e inoffensiva de modificar o leite de vacca e os alimentos artificiaes, para evitar as *colicas, os vomitos, a prisão de ventre,* etc. nas creanças, é accrescentar á mammadeira una colhersinha de

"LEITE DE MAGNESIA de PHILLIPS",

o anti-acido por excellencia, de fama universal. **Empregado pelas mães e receitado pelos medicos, ha mais de cincoenta annos.**

Indispensavel no lar, por *ser tambem o remedio o mais brando e o mais efficaz, contra a* **indigestão, os estados biliosos, a azia, e a acidez do estomago.**

Si não é "Phillips," não é Leite de Magnesia!

Exijam Philips com rotulo em Portuguez

Paul J. Christoph Company